

**ÁLEX MOREIRA HERVAL**

**PERCEPÇÃO DE GESTANTES E MÃES DE CRIANÇAS MENORES DE UM ANO  
SOBRE AS AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE BUCAL**

**FACULDADE DE ODONTOLOGIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
BELO HORIZONTE**

**2015**

**ÁLEX MOREIRA HERVAL**

**PERCEPÇÃO DE GESTANTES E MÃES DE CRIANÇAS MENORES DE UM ANO  
SOBRE AS AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE BUCAL**

Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Odontologia em Saúde Pública

**FACULDADE DE ODONTOLOGIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
BELO HORIZONTE**

**2015**

## FICHA CATALOGRÁFICA

H577p  
2015  
T

Herval, Álex Moreira.  
Percepção de gestantes e mães de crianças menores de  
um ano sobre as ações de educação em saúde bucal /  
Álex Moreira Herval. – 2015.

94 f. : il.

Orientadora: Viviane Elisângela Gomes.  
Co-orientador: João Henrique Lara do Amaral.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Gerais,  
Faculdade de Odontologia.

1. Educação em saúde bucal. 2. Estratégia saúde da família.  
I. Gomes, Viviane Elisângela. II. Amaral, João Henrique Lara do.  
III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Odontologia.  
IV Título.

BLACK – D047

UFMG  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ODONTOLOGIA

MESTRADO PROFISSIONAL EM ODONTOLOGIA EM  
SAÚDE PÚBLICA




ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO de Alex Moreira Herval

Aos 14 dias do mês de dezembro de 2015, às 09:00horas, na sala 3418 da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu-se a Comissão Examinadora composta pelos professores Viviane Elisângela Gomes (Orientador) – FO/UFMG, João Henrique Lara do Amaral (Co-orientador) - FO/UFMG, Andréa Maria Duarte Vargas - FO/UFMG e Marco Akerman – Faculdade de Saúde Pública/USP para julgamento da dissertação intitulada **Percepção de gestantes e mães de crianças menores de um ano sobre as ações de educação em saúde bucal**. A Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Odontologia, Profa. Isabela Almeida Pordeus, abriu os trabalhos e apresentou a Comissão Examinadora. Após a exposição oral do trabalho pelo aluno e arguição pelos membros da banca, a Comissão Examinadora considerou a dissertação:

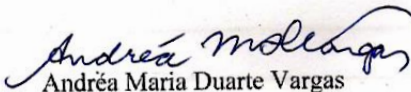
Aprovada

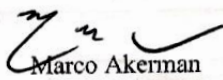
Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrou-se a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão. Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2015.

  
Viviane Elisângela Gomes  
FO/UFMG

  
João Henrique Lara do Amaral  
FO/UFMG

  
Andréa Maria Duarte Vargas  
FO/UFMG

  
Marco Akerman  
Faculdade de Saúde Pública/USP

## AGRADECIMENTOS

À Deus pela graça de viver e poder conviver com fabulosas pessoas as quais presto meu agradecimento a seguir;

Aos meu pais pelo apoio cotidiano, pelos ouvidos atentos, pelo amor permanente e pelo respeito às minhas decisões de vida e profissão;

À Anna Paula, irmã fiel, companheira e carinhosa, por fazer parte da minha vida;

À Liliane Tannús, eterna orientadora acadêmica e profissional, pelo cuidado maternal e por ser a principal responsável pelo ingresso no Mestrado Profissional da UFMG;

À Fernando Prado pela paciência e incentivo dedicados ao longo dessa jornada, sem os quais eu não teria conseguido;

À Marcelo Douglas, amigo que recebe o título de “melhor”, pelas discussões políticas, teológicas e de vida que constituem o ser chamado Álex;

Às amigas Natália Inêz e Rúbia de Gois, pessoas a quem dedico meu respeito e cuja amizade foi sustentação inegável ao longo de dois curtos e intensos anos de minha vida;

Aos amigos do Mestrado, em especial Sônia, Marlene, Valeria e Flávia pelas muitas risadas e caronas que tornaram essa caminhada mais doce e agradável;

Aos meus familiares Lina Herval e João Herval por me acolherem carinhosamente;

Aos meus orientadores, Profs. Viviane Gomes e João Henrique do Amaral, pelos quais agradeço todos os professores da Faculdade de Odontologia da UFMG, pelos ensinamentos e por compreenderem a dificuldade de realizar esse curso morando em outra cidade.

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender a adesão e as percepções de mães sobre as atividades educativas desenvolvidas na rede pública de saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, além de verificar as práticas de saúde bucal realizadas no cuidado com seus bebês. Foram incluídas no estudo mães enquanto gestantes e no primeiro ano de vida de seus filhos. O método foi baseado em uma abordagem qualitativa por meio de entrevistas realizadas no primeiro bimestre de 2015. Foram analisadas entrevistas de 20 mães residentes na área de abrangência de quatro Unidades Básicas de Saúde. As entrevistas foram gravadas e transcritas e o material gerado foi analisado por meio da construção dos Núcleos de Significação. Foram construídos três núcleos: Adesão às atividades educativas; Valorização das informações; e Modelo de atenção materno-infantil. Ficou evidente que as experiências pessoal e familiar são determinantes para adesão às atividades educativas e as práticas do cuidado em saúde bucal dos bebês. As atividades educativas foram consideradas relevantes apenas para as mães inexperientes. Os relatos evidenciaram uma prática uniprofissional marcada pelo modelo biomédico. As práticas de cuidado refletiram orientações obtidas de pessoas consideradas com experiência materna e pertencentes à rede informal de cuidado. Sugere-se a adoção da educação por pares nos momentos educativos, conduzida de forma conjunta entre mães que tiveram sucesso no cuidado de seus filhos e profissionais da saúde por meio da incorporação de metodologia horizontalizada. Esses achados subsidiaram a elaboração de uma oficina com trabalhadores e gestores da Prefeitura de Belo Horizonte (produto técnico) que teve como objetivo apresentar os resultados da pesquisa e discutir estratégias de enfrentamento para os problemas observados.

**Palavras-chave:** Cárie dentária. Educação em Saúde. Gestantes. Cuidado da Criança. Promoção da Saúde. Estratégia Saúde da Família.

## ABSTRACT

This study aimed to understand accession and perception of mothers while pregnancy such as in their babies first year, also about educational activities developed in the public health services from Belo Horizonte, Minas Gerais beyond verify oral health care practices. The method was based on a qualitative approach through interviews carried the first two months 2015. It was interviewed 20 mothers living in the area from four health centers. Interviews were recorded and transcribed and its results analyzed by Meaning Core. Three Meaning Core were identified: Participation in educational activities; Valuing information; and Prenatal consultations guided by biomedical attention. It was evident that the personal and family experiences are determinant factors for participation in educational activities promoted by the health team or the care practices in oral health babies. Those activities were relevant to inexperienced mothers. Reports have shown individual professional practices based on biomedical model. The health care reflected maternal experienced people's orientation that belongs to an informal care network. It suggests the use of peer led education during health education moments conducted among experienced mothers and health professionals. These findings allowed elaboration of a workshop done with personnel and health managers from Belo Horizonte's City Hall to present the results of this research such as debate strategies to solve observed issues.

**Key-words:** Dental caries. Health Education. Pregnant. Child Care. Health Promotion. Family Health Strategy.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

|                 |  |    |
|-----------------|--|----|
| <b>QUADRO 1</b> | Formação dos Indicadores a partir dos Pré-Indicadores. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2015 .....  | 20 |
| <b>QUADRO 2</b> | Articulação entre os Indicadores e construção dos NS. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2015 .....   | 21 |
| <b>QUADRO 3</b> | Dados objetivos extraídos das entrevistas segundo categoria e subcategoria de aglutinação. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2015 .....      | 22 |
| <b>TABELA 1</b> | Núcleos de Significação, Indicadores e Falas de Apoio identificados na análise das entrevistas. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2015 ..... | 28 |
| <b>TABELA 2</b> | Dados objetivos extraídos das entrevistas segundo categoria e subcategoria de aglutinação. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2015 .....      | 29 |



## LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

|                   |   |    |
|-------------------|---|----|
| <b>APÊNDICE 1</b> | Roteiro norteador das entrevistas.....  | 46 |
| <b>APÊNDICE 2</b> | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....  | 47 |
| <b>APÊNDICE 3</b> | Transcrição das Entrevistas .....   | 48 |
| <b>ANEXO 1</b>    | Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da<br>Universidade Federal de Minas Gerais ..... | 82 |
| <b>ANEXO 2</b>    | Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Prefeitura<br>de Belo Horizonte.....          | 83 |
| <b>ANEXO 3</b>    | Submissão do Manuscrito na Revista de Saúde Pública.....  | 87 |
| <b>ANEXO 4</b>    | Normas de Publicação da Revista de Saúde Pública .....  | 88 |
| <b>ANEXO 5</b>    | Regista do Oficina no Sistema de Informação da Extensão .....   | 91 |

## LISTA DE ABREVIATURAS

|             |  |
|-------------|--|
| PNAD        | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  |
| DATASUS     | Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde  |
| SCNES       | Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde                                    |
| NS          | Núcleo de Significação   |
| IDH         | Índice de Desenvolvimento Humano   |
| PPSUS       | Programa de Pesquisa para o Sistema Único de Saúde   |
| COEP-UFMG   | Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais                          |
| CEP/SMS/PBH | Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte |
| SUS         | Sistema Único de Saúde   |

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                   | <b>11</b> |
| <b>2</b> | <b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....                        | <b>13</b> |
| 2.1      | CÁRIE DENTÁRIA NA SAÚDE BUCAL INFANTIL.....               | 13        |
| 2.2      | DETERMINAÇÃO SOCIAL DA CÁRIE DENTÁRIA.....                | 14        |
| 2.3      | PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENFRENTAMENTO À CÁRIE DENTÁRIA ..... | 17        |
| 2.4      | ACESSO E PROCESSOS DE TRABALHO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.....   | 20        |
| <b>3</b> | <b>OBJETIVOS</b> .....                                    | <b>23</b> |
| 3.1      | OBJETIVO GERAL.....                                       | 23        |
| 3.2      | OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....                               | 23        |
| <b>4</b> | <b>METODOLOGIA</b> .....                                  | <b>24</b> |
| 4.1      | TIPO DE ESTUDO E CAMPO DE PESQUISA .....                  | 24        |
| 4.2      | COLETA DOS DADOS .....                                    | 24        |
| 4.3      | ENTREVISTAS-PILOTO .....                                  | 25        |
| 4.4      | ASPECTOS ÉTICOS .....                                     | 26        |
| 4.5      | ANÁLISE DOS DADOS .....                                   | 26        |
| <b>5</b> | <b>RESULTADOS</b> .....                                   | <b>31</b> |
| 5.1      | PRODUTO CIENTÍFICO .....                                  | 31        |
| 5.2      | PRODUTO TÉCNICO .....                                     | 46        |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                         | <b>49</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                  | <b>50</b> |
|          | <b>APÊNDICES</b> .....                                    | <b>54</b> |
|          | <b>ANEXOS</b> .....                                       | <b>82</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Melhorar a qualidade da saúde bucal das crianças brasileiras tem se configurado um desafio que necessita de uma atenção especial (BRASIL, 2012). Nesse contexto, a atenção primária e as ações de vigilância à saúde devem constituir-se como elementos indispensáveis à saúde infantil (ALVES *et al.*, 2009), atuando sobre a melhoria das condições de vida da população, na redução das desigualdades e no desenvolvimento de ações estratégicas como o controle da dieta, o incentivo à higiene e a educação em saúde (PERES, BASTOS, LATORRE 2000).

Os cuidados primários à saúde da criança, neles incluída a saúde bucal, têm como metas principais a promoção da saúde, a prevenção de doenças, o tratamento e a reabilitação. Para tanto, necessitam da participação do indivíduo e da sociedade, pressupondo a integração dos profissionais que compõem as equipes Saúde da Família (MOURA *et al.*, 2013). Nesse mesmo sentido, a atenção precoce à criança deve ser realizada no contexto do trabalho multidisciplinar, evitando a criação de programas específicos de saúde bucal para este grupo etário, desenvolvidos de forma vertical e isolada da área médico-enfermagem (BRASIL, 2006).

Uma das medidas para a melhorar a saúde bucal na infância é a educação em saúde, a qual deve ser direcionada para gestantes, pais e pessoas envolvidas com o cuidado da criança (BRASIL, 2004; BRASIL, 2006). A orientação das mães e a atenção precoce deveriam servir como uma estratégia para reduzir a prevalência e as sequelas de problemas bucais, bem como os custos com os serviços de intervenção em saúde (SAVAGE *et al.*, 2004; LEE *et al.*, 2006). Entretanto, para que essas ações produzam o efeito desejado é necessária uma adequação do trabalho de educação em saúde, pois os profissionais de saúde não estão preparados para essa tarefa, nem são conscientes da determinação social do processo saúde-doença e do seu papel como educadores e transformadores da sociedade (FINKLER, OLEINISKI, RAMOS, 2004).

Nota-se que apesar das orientações aumentarem o conhecimento sobre saúde bucal, não há evidências que elas promovam mudanças no cuidado em saúde, sendo importante conhecer os fatores que produzem essa lacuna entre conhecimento e prática (KAY, LOCKER, 1998). Observa-se que os grupos educativos têm caráter apenas informativo, com metodologia passiva, número limitado de encontros, temas pré-definidos e fragmentados. Esse modelo reduz a capacidade de participação e reflexão (PIO, OLIVEIRA, 2014).

Assim, o buscou-se compreender a adesão e as percepções de mães, enquanto gestantes e no primeiro ano de vida de seus filhos, sobre as atividades educativas desenvolvidas na rede pública de saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, e conhecer as práticas de saúde bucal desenvolvidas no cuidado com seus bebês.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 CÁRIE DENTÁRIA NA SAÚDE BUCAL INFANTIL**

O primeiro levantamento das condições de saúde bucal na população brasileira aconteceu no ano de 1986 e incluiu pessoas de 16 capitais, dentre elas o município de Belo Horizonte. Em relação a saúde bucal das crianças, foram estudadas as idades de 6 a 12 anos, revelando uma experiência média de cárie de 1,25 dentes afetados aos 6 anos, 3,61 aos 9 anos e 6,65 aos 12 anos. Destaca-se que 60% da experiência era representada por dentes com lesões cáries não tratadas. Outro dado desse estudo está relacionado às diferenças regionais e de renda, onde foram aferidos piores resultados nos estratos de renda inferior e nas regiões brasileiras norte e nordeste (BRASIL, 1988).

O segundo levantamento de saúde bucal no Brasil ocorreu no ano de 1996 em todas as capitais brasileiras e focou exclusivamente no estudo de crianças de 6 a 12 anos (BRASIL, 1996). Os resultados apresentaram melhoras importantes em relação ao primeiro estudo: a experiência de cárie aos 6 anos era de 0,28, 1,53 aos 9 anos e 3,06 aos 12 anos.

No ano 2000, o Ministério da Saúde propôs um projeto nacional para levantamento dos principais agravos em saúde bucal de diferentes grupos etários, o que culminou na Pesquisa Nacional de Saúde Bucal (SB Brasil). Essa metodologia foi aplicada pela primeira vez entre os anos de 2002 e 2003 e mostrou que, em média, a experiência de cárie em crianças de 18 a 36 meses foi de um dente afetado pela doença. Esse número aumenta, atingindo cerca de três dentes afetados aos cinco anos. Os dados dessa pesquisa foram preocupantes ao indicar que 90% das crianças menores de três anos e 80% daquelas com cinco anos apresentavam lesões de cárie não tratadas (BRASIL, 2005).

Após passar por aperfeiçoamentos metodológicos, a segunda edição do SB Brasil realizada em 2010 mostrou que a problemática envolvendo a saúde bucal das crianças

brasileiras permanecia: 80% das crianças com cinco anos apresentavam lesões de cárie não tratadas (BRASIL, 2012). Diante da repetição desse resultado insatisfatório ficou evidente a necessidade de atuar de forma mais eficiente sobre a saúde bucal das crianças (BRASIL, 2012; ARDENGHI *et al.*, 2012).

Em relação às políticas públicas em saúde bucal observa-se que, apesar da inserção da equipe de saúde bucal nas equipes de Saúde da Família e da implementação da Política Nacional de Saúde Bucal terem contribuído para aumentar o acesso aos serviços odontológicos, ainda persiste um número considerável de crianças que nunca consultaram com o cirurgião-dentista. Ressalta-se ainda que os não-brancos, os mais pobres, os de menor escolaridade, os sem plano de saúde, os residentes em áreas rurais e em regiões mais pobres são aqueles que apresentam piores condições de saúde bucal, especialmente pelo acesso limitado aos serviços de saúde (PINHEIRO, TORRES, 2006; SOUZA *et al.*, 2008; ARDENGHI *et al.*, 2012; GOETTEMES *et al.*, 2012).

## **2.2 DETERMINAÇÃO SOCIAL DA CÁRIE DENTÁRIA**

A compreensão sobre os fatores determinantes e condicionantes da saúde é resultado de um processo histórico, estando sempre relacionada aos paradigmas explicativos para os problemas de saúde da população. A teoria miasmática explicava a influência das mudanças trazidas pela urbanização e industrialização. Ao final do século XIX, com a descoberta dos microrganismos, advém o paradigma bacteriológico e o abandono da influência das condições sociais sobre a saúde. A recolocação dos determinantes sociais para a explicação da saúde ocorre a partir da década de 1970 por meio da Conferência de Alma-Ata no Cazaquistão (BUSS, PELLEGRINI FILHO, 2007).

Nesse advento das condições sociais, um modelo explicativo que ganhou expressividade foi desenvolvido por Dahlgren e Whitehead, o qual dispõe os determinantes sociais da saúde

em diferentes camadas concêntricas. Nesse modelo, os determinantes individuais são posicionados ao centro e na camada mais distal situam-se os macrodeterminantes, como condições socioeconômicas, culturais e ambientais gerais. Apesar do modelo trazer uma apresentação gráfica que facilita a compreensão da determinação, o grau de influência de cada uma das camadas sobre a saúde não fica clara (BUSS, PELLEGRINI FILHO, 2007).

A influência cultural de iniquidade entre os gêneros sobre a determinação da cárie dentária pode ser percebida ao comparar os resultados dos estudos de Antunes, Peres e Mello (2006), realizado no Brasil, e de Hadad Arrascue e Del Castillo López (2011), realizado no Perú. Enquanto no primeiro o acesso das meninas a cuidados odontológicos é maior que dos meninos, no segundo as restrições de oportunidades e recursos impostas ao gênero feminino impactam negativamente no acesso aos serviços de saúde bucal.

Para compreensão da determinação social da saúde bucal em crianças brasileiras, Moysés (2000) relacionou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e os resultados obtidos no SB Brasil 2003. Os resultados obtidos pelo autor mostraram que todos os determinantes da qualidade de vida que compõem o IDH estão relacionados à prevalência de cárie entre os estados brasileiros. Para Moysés (2000), a compreensão estruturalista e materialista da organização da sociedade traz importantes contribuições para o entendimento da relação entre saúde bucal ambiente social, ao deslocar o modelo de atenção voltado para abordagem comportamental para questões sociais, políticas e culturais relacionadas a qualidade de vida.

Partindo também da inter-relação entre cárie dentária e IDH, o estudo ecológico desenvolvido em Minas Gerais com base em dados epidemiológicos coletados entre os anos de 1996 e 1999 mostrou que todos os municípios mineiros que atingiram a meta da Organização Mundial da Saúde para melhoria da saúde bucal, com base na idade de 12 anos, apresentavam condições de vida superiores à média do IDH das cidades analisadas (LUCAS, PORTELA, MENDONÇA, 2005).



No estudo de Hadad Arrascue e Del Castillo López (2011) foi observada uma grande influência do saneamento ambiental na determinação da cárie dentária, seguido pelo emprego dos pais, renda, acesso a serviços de saúde bucal, condições de vida e nível de escolaridade.

Estudo de Melo, Sousa e Couto (2014) analisou a influência de fatores socioeconômicos (moradores no domicílio, pessoas por quarto, escolaridade materna e do cuidador e ocupação dos pais) contextos de vida e familiar (condições de moradia, suporte social e estrutura familiar) e o cuidado em saúde bucal (hábitos de escovação e consumo de doces) sobre a determinação da cárie dentária em crianças. Os resultados da análise de regressão realizada destacaram-se entre os determinantes: a densidade de moradores no domicílio, o suporte social e o padrão de consumo diário de doce. Além disso, os autores concluíram que os fatores socioeconômicos (determinantes distais) influenciam o contexto (determinantes intermediários) e os hábitos das crianças (determinantes proximais), que por sua vez estão diretamente relacionados ao desenvolvimento da cárie.

Peres, Bastos e Latorre (2000), estudaram a relação entre aspectos sociais e comportamentais na gravidade da cárie dentária. Os resultados evidenciaram que, dentre os determinantes familiares, os responsáveis pelo sustento têm influência direta sobre os hábitos e costumes alimentares da criança. Dentre os aspectos socioeconômicos, a renda familiar e a escolaridade do pai mostraram-se estatisticamente significantes. Dentre os hábitos individuais, o consumo de alimentos cariogênicos se mostrou mais importante que a frequência de escovação para a determinação da gravidade da doença. Por fim, os autores desenvolveram uma regressão logística multivariada e perceberam que o consumo de doces e a renda familiar foram os principais fatores de risco para a severidade da cárie dentária.

Peres *et al.* (2003), desenvolveram um estudo transversal sobre uma coorte de nascidos vivos de Pelotas – Rio Grande do Sul, e observaram que a renda familiar, a classe social, a escolaridade dos pais foram fatores fortemente associadas à ocorrência de cárie. Indo além, o

estudo indicou que a melhoria das condições de vida da população e a redução das desigualdades destacam-se dentre as estratégias de prevenção da cárie dentária. Essas estratégias devem ser apoiadas ainda por ações de intervenção sobre a dieta e a higiene, bem como a educação em saúde.

Nas primeiras décadas do século XXI o paradigma da determinação social da saúde desenvolveu-se considerando a influência das iniquidades em saúde estabelecidas entre grupos populacionais. Nesse sentido, foram observadas três vertentes de estudo: as relações entre pobreza e saúde; o estabelecimento de gradientes de saúde de acordo com as condições socioeconômicas; e os mecanismos de produção das iniquidades (BUSS, PELLEGRINI FILHO, 2007).

### **2.3 PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENFRENTAMENTO À CÁRIE DENTÁRIA**

Sob a ótica da Determinação Social da Saúde, a promoção da saúde pode configurar uma perspectiva estruturalista em que a participação e a conscientização social são tomadas como práticas desafiadoras e necessárias para a redução das desigualdades socioeconômicas e, por consequência, das desigualdades em saúde (SOUZA, GRUNDY, 2004).

Sendo assim, a intersetorialidade assume papel significativo para o enfrentamento dos problemas de saúde da população relacionados aos determinantes sociais. Contudo, desenvolver a promoção da saúde de forma intersetorial é uma tarefa complexa, pois exige a mobilização de saberes e práticas e superação de questões políticas e organizacionais na administração pública (SILVA *et al.*, 2014).

Ainda sobre a perspectiva da multidimensionalidade da saúde, a educação em saúde indutora da autonomia configura-se como um importante dispositivo de promoção da saúde na atenção primária à saúde. Entretanto, a educação em saúde no cotidiano das equipes de Saúde da Família não tem utilizado, em grande parte das vezes, metodologias que favoreçam a

equidade, a autonomia, a democracia, a cidadania, a participação social, a sustentabilidade e a intersectorialidade. Nesse contexto, a educação em saúde atende de forma incipiente ou parcial aos princípios da promoção da saúde (CARNEIRO *et al.*, 2012).

Para o desenvolvimento da educação em saúde é preciso ficar atento às informações presentes no imaginário dos sujeitos, pois elas resultam de uma mistura homogênea de duas fontes: social e científica. A primeira fonte de informação são os familiares, as experiências com gestações prévias e as crenças pessoais. Somam-se a essas fontes: as consultas de pré-natal, as leituras de materiais especializados e os cursos de gestantes (FERNANDES *et al.*, 2013).

Outra análise sobre as fontes de informação revelou que os pais que têm certo grau de informação sobre promoção da saúde bucal dos bebês obtêm informações por meio de livros, revistas ou pela televisão. Entretanto, essas informações não convergem em práticas, sendo fundamental a atuação dos profissionais de saúde juntamente a esses pais (GUARIENTI, BARRETO, FIGUEIREDO, 2009).

Observa-se que as mães raramente recebem informações de saúde bucal originadas dos serviços públicos de saúde, o que revela um baixo acesso aos serviços odontológicos ou um despreparo dos profissionais de saúde para realizarem atividades educativas efetivas (GUARIENTI, BARRETO, FIGUEIREDO, 2009). Além disso, os métodos educativos empregados atualmente destinam-se a transmissão de informações e têm sido insuficientes para modificar comportamentos ou promover hábitos saudáveis de vida (SIMIONI, COMIOTTO, RÊGO, 2005). Outra consequência da metodologia utilizada é a insatisfação das gestantes quanto ao pré-natal, especialmente por não suprir dúvidas importantes quanto à maternidade (GUERREIRO *et al.* 2012).

Estudo de Arora *et al.* (2012), realizado com mães e enfermeiros australianos concluiu que a educação em saúde deve ser realizada considerando a cultura local e com o envolvimento de toda equipe.

Uma análise das experiências de educação em saúde vivenciadas no Brasil e em Portugal, desenvolvida por Pio e Oliveira (2014), mostrou que nesses países são desenvolvidos grupos de caráter informativo pautado em palestras, número reduzido de encontros e temas pré-definidos. Os autores ponderaram que esses grupos geram pouca possibilidade de reflexão, empoderamento, autonomia e participação (PIO, OLIVEIRA, 2014).

Coelho, Castro e Campos (2005), ao analisarem atividades educativas com gestantes e nutrizes de assentamentos perceberam que alguns aspectos teóricos e metodológicos da intervenção precisam ser reformulados. Os pontos de mudança necessários à efetivação da educação em saúde estão vinculados ao aperfeiçoamento de práticas pedagógicas comunitárias capazes de incorporar as condições e expectativas culturais a que os sujeitos estão inseridos.

Coerente a essa proposta, sedimenta-se a urgência em abandonar o paradigma comportamentalista vinculado ao desenvolvimento das doenças. Esse paradigma ancora-se em uma abordagem higienista e individualista da prevenção, os quais devem ser substituídos por métodos mais dialógicos e construtivistas. Ao transitar entre esses paradigmas, o objetivo da educação em saúde deixa de ser a modelagem de comportamento e passa a buscar a atitude emancipatória, a valorização da interação entre pares, a reflexão, o protagonismo e a parcerização com equipamentos sociais (PAULETO, PEREIRA, CYRINO, 2004).

Para o desenvolvimento de atividades educativas é necessário, portanto, a identificação dos valores dos participantes e, a partir daí, buscar a adequação das ações a fim de gerar motivação, respeitando-se as particularidades (SIMIONI, COMIOTTO, RÊGO, 2005). Nos trabalhos específicos com gestantes, os grupos devem possibilitar a troca de experiências e a

superação de dúvidas, além vislumbrar as necessidades como mulheres e mães (GUERREIRO *et al.*, 2012).

Parece consolidar-se na literatura a necessidade de incorporação de ações educativas mais humanizadas e pautadas no modelo dialógico, mudando a relação entre profissionais de saúde e usuários (LINHARES, PONTES, OSÓRIO, 2013). Além disso, deve-se repensar a atenção ao pré-natal buscando um equilíbrio produtivo entre assistência curativa e as atividades de promoção e prevenção, especialmente por meio da educação em saúde (MELO *et al.*, 2007).

Nessa lógica, as ações de saúde bucal no período gestacional devem incluir a educação em saúde de forma transversal (REIS, PITTA, FERREIRA, 2010). É preciso também que os profissionais de saúde estejam atentos aos diversos condicionantes do processo saúde-doença, incorporando aos seus conhecimentos técnico-científicos as representações sociais e permitindo a abertura para a construção de práticas de saúde ajustadas às realidades sociais (ESCOBAR-PAUCAR, SOSA-PALACIO, BURGOS-GIL, 2010).

Nesse sentido, observa-se que apesar das atividades de educação em saúde elevarem os níveis de conhecimento, não há comprovação de que promovam mudanças no comportamento ou melhora nos índices clínicos de doença. Este fato está, provavelmente, ligado a metodologia utilizada nas atividades educativas sendo que aquelas realizadas individualmente oferecem maior impacto que palestras para grupos de pessoas (KAY, LOCKER, 1998).

## **2.4 ACESSO E PROCESSOS DE TRABALHO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA**

O enfrentamento da cárie dentária na infância abrange o aumento do acesso a cuidados odontológicos, a identificação precoce das crianças com alto risco e a implementação de políticas públicas com ênfase em ações educativas, preventivas e de promoção da saúde relacionadas aos determinantes sociais (MARTELLO, JUNQUEIRA, LEITE, 2012).

Observa-se no contexto brasileiro um aumento significativo de equipes de saúde bucal, em especial após a implementação da Política Nacional de Saúde Bucal (BRASIL, 2004). Essa estratégia contribuiu para a expansão do acesso da população brasileira a serviços, procedimentos e atendimentos odontológicos. Contudo, ainda são observadas importantes questões que interferem no acesso, as quais estão relacionadas aos processos de trabalho desenvolvidos pelas equipes de saúde ganham relevância (SOUZA *et al.*, 2008).

Estudo de Kramer *et al.* (2008) revelou que a atenção odontológica voltada a criança no primeiro ano de vida constitui-se como uma ação esporádica. Os autores debatem que o não-planejamento da atenção odontológica na atenção primária, mostra fragilidade no modelo de vigilância em saúde e a falta de ações estratégicas de promoção à saúde infantil voltadas à manutenção da saúde bucal. Em complemento, Silva (2007) apontam que a inserção da família em atividades educativas odontológicas precocemente influencia positivamente nas condições de saúde bucal na primeira infância.

Tomita *et al.* (1996) observaram que o aumento da frequência de visitas aos serviços de saúde bucal é responsável por reduzir a prevalência de cárie entre crianças. Contudo, o cuidado odontológico com foco na clínica restauradora apresenta baixa eficácia no controle da cárie e aumenta a tendência a desenvolver novas lesões.

Para se alcançar melhores resultados epidemiológicos em saúde bucal, a equipe de saúde bucal deve integrar efetivamente a equipe de Saúde da Família buscando estimular as gestantes a aderir aos cuidados e minimizar mitos relacionados a saúde bucal. Essa efetivação da assistência odontológica ao pré-natal depende inicialmente de que as consultas com a equipe de saúde bucal estejam inseridas no pré-natal médico e de enfermagem (MELO *et al.*, 2007).

Outro ponto de fragilidade é a oferta de atividades educativas. Costa *et al.* (2009) evidenciaram que as práticas de educação em saúde (individual ou coletiva) e as ações intersetoriais são as mais incipientes no contexto das equipes de Saúde da Família. Em

complemento, Santos Neto *et al.* (2012), cujo estudo também observou uma baixa oferta de atividades educativas e preventivas, afirmam que essa situação interfere negativamente na assistência odontológica.

Estudo sobre o perfil dos cirurgiões-dentistas na estratégia Saúde da Família mostrou uma inserção maciça na pós-graduação em áreas clínicas tradicionais, marginalizando a formação em saúde pública. Assim, percebeu-se um despreparo dos cirurgiões-dentistas para atuar com os princípios ordenadores da atenção básica e da saúde bucal no setor público e uma dificuldade em atuar com questões gerenciais e interprofissionais (MOURA *et al.*, 2013).

Como alternativa para superação dos problemas ligados à formação dos recursos humanos na área da saúde, a educação permanente responde como uma estratégia de aprendizagem em trabalho. Na educação permanente, o processo de aprendizagem deve ser significativo e desenvolvido no cotidiano do trabalho, por meio da problematização (BRASIL, 2009; MOURA *et al.*, 2013).

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender a adesão e as percepções de mães, enquanto gestantes e no primeiro ano de vida de seus filhos, sobre as atividades educativas desenvolvidas na rede pública de saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, e conhecer as práticas de saúde bucal desenvolvidas no cuidado com seus bebês.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Identificar e compreender as percepções maternas sobre as ações educativas;

Identificar os fatores que interferem na adesão das mães aos momentos educativos e às orientações dos profissionais de saúde;

Conhecer e compreender as práticas maternas desenvolvidas no cuidado de seus filhos.



## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 TIPO DE ESTUDO E CAMPO DE PESQUISA**

Desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com gestantes e mães de crianças menores de um ano inseridas na rede pública de saúde de Belo Horizonte (Rede SUS-BH). O município está localizado no Estado de Minas Gerais, região Sudeste do Brasil e é dividido em 9 regiões administrativas: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova. Foram incluídas no estudo unidades de saúde das regiões Barreiro e Centro-Sul. Segundo dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) para cálculo do Fundo de Participação dos Municípios, a população estimada para o Município de Belo Horizonte foi de 2.491.109 habitantes em 2014.

De acordo com os dados do Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (SCNES), contabilizados na base do mês setembro de 2015, o município possui 159 Unidades Básicas de Saúde com 604 equipes de Saúde da Família. Desse volume de equipes de Saúde da Família, as equipes com Saúde Bucal somam 173 na Modalidade I e 128 na Modalidade II. Dessa forma, a cobertura de Atenção Básica do município equivale a 91,99% da população.

### **4.2 COLETA DOS DADOS**

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015, por meio de entrevistas semiestruturadas conduzidas com a ajuda de um roteiro (Apêndice 1). Os assuntos abordados durante as entrevistas relacionavam-se: ao tipo e a origem das informações em saúde bucal; a forma como as gestantes e mães receberam orientações; a percepção delas sobre as atividades educativas e, ao acesso aos serviços de saúde.

As mães foram convidadas a participar da pesquisa por um dos pesquisadores enquanto aguardavam atendimento no serviço de saúde ou no domicílio pelo agente comunitário de saúde, o qual apresentava a equipe de pesquisa à mãe convidada. As notas de campo compreenderam características do ambiente onde se deu a entrevista, as interrupções realizadas, a postura das mães diante da entrevista, as ações desenvolvidas pelas crianças e a tranquilidade ou nervosismo das mães. Antes de iniciar a entrevista o entrevistador explicava os objetivos e o método da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em áudio e, após a transcrição, a identificação foi excluída para preservar o sigilo das participantes. Foram realizadas entrevistas até atingir a saturação das informações quanto às percepções sobre as orientações em saúde, à adesão às atividades educativas e às práticas desenvolvidas pelas mães no cuidado dos bebês.

Antes da abordagem dos temas nas entrevistas foram estabelecidas conversas “quebra-gelo” para tranquilizar as mães (MINAYO, 2014) e, após dialogar sobre os assuntos do roteiro, abria-se um espaço para que as mães e gestantes pudessem falar livremente sobre a entrevista e os serviços de saúde.

### **4.3 ENTREVISTAS-PILOTO**

Entre os meses de novembro de 2014 e janeiro de 2015 foram realizadas seis entrevistas-piloto para experimentação da metodologia de abordagem dos temas propostos. O produto das entrevistas e as impressões do entrevistador sobre os diálogos produzidos com as mães foram discutidos com o grupo de pesquisadores, o que possibilitou aperfeiçoar a abordagem e condução das entrevistas. Destaca-se que as entrevistas-piloto não foram incluídas na análise ou resultados da pesquisa.

#### **4.4 ASPECTOS ÉTICOS**

A pesquisa apresentada faz parte do projeto intitulado “**Percepção das mães e dos profissionais da saúde sobre a atenção à saúde das crianças na rede pública de saúde**” sob a responsabilidade da Profa. Dra. Raquel Conceição Ferreira, o qual recebe financiamento do Programa de Pesquisa para o Sistema Único de Saúde (PPSUS). Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), sob número de registro 44349215.1.0000.5149 (Anexo 1), e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte (CEP/SMS/PBH) pelo parecer nº 1.158.535 (Anexo 2).

Antes de iniciar as entrevistas as mães eram esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa, seus riscos e benefícios. Estando ciente da pesquisa e concordando em participar, as mães assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2), recebiam uma cópia assinada pelos pesquisadores

#### **4.5 ANÁLISE DOS DADOS**

Optou-se por realizar a análise das entrevistas por meio da construção de Núcleos de Significação (NS). Para isso foi utilizada a metodologia descrita por Aguiar e Ozella (2006), que visa apreender os sentidos que constituem o conteúdo do discurso dos sujeitos informantes por meio dos núcleos de significação.

Na primeira etapa de construção dos NS foram realizadas leituras flutuantes do material gravado e transcrito visando a familiarização e apropriação das falas. Durante essas leituras foram buscou-se identificar as palavras e expressões que apareceram com maior frequência (pela sua repetição ou reiteração) ou que apresentam importância, carga emocional, ambivalências ou contradições. Como resultado dessa etapa tem-se uma grande quantidade de

palavras e expressões, chamados de Pré-Indicadores, os quais devem ser organizados de acordo com a sua importância diante do objetivo proposto.

Segundo os autores Aguiar e Ozella (2006), os Pré-Indicadores se destacam nas falas pelo significado que elas representam para os sujeitos. Dessa forma, essas palavras e expressões frequentes e carregadas de significado precisam ser compreendidas a partir do contexto em que elas estão inseridas, seja no âmbito das narrativas dos sujeitos, ou pelas condições históricas e sociais em que elas estão inseridas.

A segunda etapa configurou-se pela releitura do material transcrito com objetivo de aglutinar os Pré-Indicadores e formar um quadro menos amplo de palavras e expressões. Esse processo de aglutinação ocorreu pela complementariedade, contraposição ou similaridade entre os Pré-Indicadores. Cabe destacar que a aglutinação dos Pré-Indicadores pode seguir mais de um critério e evidencia a complexidade das ideias presentes nas narrativas. O resultado desse processo foi a formação dos Indicadores, os quais estão dispostos no Quadro 1.

A formação dos Indicadores pela aglutinação constitui-se como uma primeira fase de análise, ainda que seja de forma empírica e não interpretativa. Neste momento já deve ser possível ter indícios dos NS.

**Quadro 1.** Formação dos Indicadores a partir dos Pré-Indicadores. Belo Horizonte, 2015.

| <b>Pré-Indicadores</b> | <b>Indicadores</b>                        |
|------------------------|---|
| Já tenho 3 meninas     | <b>Experiência Pessoal</b>                |
| Já aprendi dos três    |   |
| Sempre fiz             |   |
| Já sabe                |   |
| Preparada              |   |
| Ser mãe                |   |
| Experiência            |   |
| Curiosidade            | <b>Inexperiência Pessoal</b>              |
| Dúvidas                |   |
| Primeira viagem        |   |
| Irmã                   | <b>Experiência de Familiares e Amigos</b> |
| Tia                    |   |
| Lendo                  |   |
| Cunhada                |   |
| Mãe                    |   |
| Cordão umbilical       | <b>Informações Acolhidas pelas Mães</b>   |
| Banho                  |   |
| Amamentação            |   |
| Alimentação            |   |
| Limpeza da Boca        | <b>Práticas Profissionais</b>             |
| Exame                  |   |
| Ultrassom              |   |
| Pressão                |   |
| Medir                  |   |
| Batimentos             | <b>Acesso aos serviços</b>                |
| Pegam no pé            |   |
| Recadinho              |   |
| Não tenho dificuldade  |   |
| Nem voltei             |   |
| Longe                  |   |
| Preguiça               |   |
| Explicava              |   |
| Mandar papel           |   |
| Marcas                 |   |
| Limpar a boca          |   |
| Escovinha              | <b>Orientações em Saúde</b>               |
| Novinho                |   |
| Nascer o dente         |   |
| Dor                    |   |
| Dentinho               |   |

O passo seguinte foi a releitura do material buscando destacar trechos que ilustravam ou esclareciam os Indicadores. Destaca-se que esses Indicadores devem ser claros o suficiente para expressar seu conteúdo e a essência expressa pelos sujeitos. Posteriormente, iniciou-se o

processo de articulação entre os Indicadores para formar os NS. Essa articulação baseou-se em critérios de semelhança, complementaridade ou contradição e está exposta no Quadro 2. A articulação entre os Indicadores deve revelar o movimento dos sujeitos em torno do objeto de pesquisa. Os NS que resultam devem ser capazes de expressar as implicações para o sujeito, expondo questões subjetivas, contextuais e históricas (AGUIAR, OZELLA, 2006).

**Quadro 2.** Articulação entre os Indicadores e construção dos NS. Belo Horizonte, 2015.

| <b>Indicador</b>                          | <b>Critério de Articulação</b>  | <b>Núcleo de Significação</b>         |
|---|---------------------------------|---------------------------------------|
| <b>Experiência Pessoal</b>                | Complementaridade e Contradição | Adesão às Atividades Educativas       |
| <b>Inexperiência Pessoal</b>              |                                 |                                       |
| <b>Experiência de Familiares e Amigos</b> | Semelhança e Complementaridade  | Valorização das informações recebidas |
| <b>Informações Acolhidas pelas Mães</b>   |                                 |                                       |
| <b>Práticas Profissionais</b>             | Complementaridade               | Modelo de Atenção em Saúde            |
| <b>Acesso aos serviços</b>                |                                 |                                       |
| <b>Orientações em Saúde</b>               |                                 |                                       |

O processo de análise deve revelar as contradições e semelhanças entre os sujeitos compondo um movimento coletivo. A partir desse ponto a interpretação dos NS depende de uma compreensão das questões sociais, políticas, econômicas ou históricas que permeiam os sujeitos. Dessa forma, a análise proposta permeia a Historicidade Social e pauta-se fortemente

no pensamento de Vigotski ao compreender os indivíduos como um ser social (AGUIAR, OZELLA, 2006).

Além dos dados considerados subjetivos, por terem sido extraídos por meio dos Núcleos de Significação considerando as implicações das falas e o movimento coletivo, foram retirados ainda dados objetivos. Segundo Deslandes (2008) apesar dos dados objetivos serem coletados habitualmente de fontes secundárias, eles também podem ser obtidos por meio das entrevistas, constituindo-se como informações pontuais que ajudam na compreensão dos fatos (Quadro 3).

**Quadro 3.** Dados objetivos extraídos das entrevistas segundo categoria e subcategoria de aglutinação. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

| <b>Categoria</b>       | <b>Subcategoria</b>        |
|------------------------|----------------------------|
| Origem das Orientações | Familiar                   |
|                        | Equipe de Saúde            |
| Informações Recebidas  | Materiais de Higiene Bucal |
| Práticas Profissionais | Atendimentos médicos       |
|                        | Atendimentos Odontológicos |
| Forma de Orientação    | Individualizada            |
|                        | Coletiva                   |

## **5 RESULTADOS**

Os resultados e discussão serão apresentados em formato de produto científico (5.1) e produto técnico (5.2).

### **5.1 PRODUTO CIENTÍFICO**

O produto científico refere-se ao manuscrito elaborado a partir da pesquisa e foi submetido ao periódico Revista de Saúde Pública, encontrando-se formatado de acordo com as regras exigidas para publicação no referido periódico (Anexo 3).

#### **ORIENTAÇÕES EM SAÚDE E CUIDADOS COM O BEBÊ: PRÁTICAS E PERCEPÇÕES MATEERNAS EM SAÚDE BUCAL**

HEALTH GUIDANCE AND CARE OF CHILDREN: MATERNAL PRACTICES AND PERCEPTIONS OF ORAL HEALTH

TÍTULO CURTO: PERCEPÇÕES MATEERNAS SOBRE EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM BUCAL

#### **RESUMO**

**OBJETIVO:** Compreender a adesão às atividades educativas, a percepção sobre as orientações em saúde e as práticas em saúde bucal desenvolvidas pelas mães no cuidado dos bebês.

**MÉTODOS:** Abordagem qualitativa por meio de entrevistas realizadas no primeiro bimestre de 2015 com gestantes e mães de crianças de até um ano de vida, usuárias da rede pública de saúde de Belo Horizonte (Minas Gerais). Foram analisadas as entrevistas de 20 mães residentes na área de abrangência de quatro Unidades Básicas de Saúde. As entrevistas foram gravadas e transcritas e o material gerado foi analisado por meio dos Núcleos de Significação.

**RESULTADOS:** Foram construídos três núcleos: adesão às atividades educativas; valorização das informações e modelo de atenção materno-infantil. Ficou evidente que as atividades educativas foram consideradas relevantes apenas para as mães



inexperientes e as orientações dos familiares determinam as práticas do cuidado em saúde bucal dos bebês. Os relatos evidenciaram uma prática uniprofissional marcada pelo modelo biomédico.

**CONCLUSÕES:** As práticas de cuidado com os bebês foram orientadas pela experiência familiar configurando uma rede informal de cuidado. Sugere-se a adoção de práticas educativas horizontalizadas nos serviços de saúde, com a condução delegada às mães que tiveram sucesso no cuidado de seus filhos e com a participação dos profissionais da saúde.

**Descritores:** Cárie dentária. Educação em Saúde. Gestantes. Cuidado da Criança. Promoção da Saúde. Estratégia Saúde da Família.

## **ABSTRACT**

**OBJECTIVE:** To understand participation in educational activities, perceptions of health guidelines and practices developed by mothers in children care on oral health.

**METHODS:** Qualitative study conducted with data obtained from interviews consisting of pregnant women and mothers of children under one year of life in the public health system of Belo Horizonte (Minas Gerais). The interviews were recorded, transcribed and the analysis was done through Meaning Core.

**RESULTS:** We interviewed 20 mothers living in the area from four basic health units. Three Meaning Core were identified: Participation in educational activities; Valuing information and prenatal consultations guided by biomedical attention. It was evident that the personal and family experiences are determining factors for participation in educational activities promoted by the health team or the care practices in oral health babies, which means that mothers are used to be more acceptable to the information offered by family and friends.

**CONCLUSIONS:** Therefore, results have showed the need to reformulate educational moments valuing experiences of mothers and community so that more healthy practices can be built and shared.

**Descriptors:** Dental caries. Health Education. Pregnant. Child Care. Health Promotion. Family Health Strategy.

## **INTRODUÇÃO**

A cárie dentária continua sendo prevalente em crianças brasileiras, apesar da redução em sua gravidade. Os levantamentos epidemiológicos em saúde bucal realizados na população brasileira nos anos de 2002 e 2010 revelaram que a experiência de cárie entre as crianças brasileiras é 80,0% representada por lesões não tratadas.<sup>1</sup>

Além dos fatores biológicos (biofilme e açúcar) responsáveis pela instalação e progressão das lesões de cárie nos tecidos dentários, o caráter multifatorial da doença envolve outros determinantes como desigualdades sociais, demográficas, econômicas e geográficas.<sup>2</sup>

Dessa forma, o controle da cárie dentária em crianças exige ações que visem a melhoria das condições de vida da população, a redução das desigualdades e o desenvolvimento de ações estratégicas como a orientação da dieta, o incentivo ao controle mecânico do biofilme e a educação em saúde.<sup>3</sup> Entretanto, observa-se que as atividades educativas, apesar de aumentarem o conhecimento sobre saúde bucal, não são suficientes para mudar o cuidado em saúde, sendo importante conhecer os fatores que produzem essa lacuna entre conhecimento e prática.<sup>4</sup>

Diante dessa evidência, o estudo teve como objetivo compreender a adesão e as percepções das mães sobre as atividades educativas, as práticas de saúde bucal desenvolvidas no cuidado com seus bebês e o acesso às orientações de saúde. Este artigo apresenta o referido estudo e é parte da dissertação de mestrado “Percepção de gestantes e mães de crianças menores de um ano sobre as ações de educação em saúde bucal” desenvolvida pela Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Este estudo qualitativo foi desenvolvido com mães no período gestacional ou que tinham filhos menores de um ano residentes no Município de Belo Horizonte - Minas Gerais.

Os critérios de inclusão das participantes foram: residir em Belo Horizonte, ser usuária da rede pública de saúde, pertencer a área de abrangência de Unidades Básicas de Saúde com equipes de Saúde da Família, ser gestante a partir do 3º trimestre ou ser mãe de criança de até um ano de idade.

A coleta de dados ocorreu no primeiro bimestre de 2015, por meio de entrevistas semiestruturadas conduzidas com a ajuda de um roteiro. Os assuntos abordados durante as entrevistas relacionavam-se: ao tipo e a origem das informações em saúde bucal; a forma como as gestantes e mães receberam orientações; a percepção delas sobre as atividades educativas; e ao acesso aos serviços e orientações de saúde.

As mães foram convidadas nas unidades de saúde ou no domicílio, com auxílio do agente comunitário de saúde. As entrevistas foram conduzidas por um cirurgião-dentista e duas colaboradoras encarregadas de realizar as notas de campo, todos sem vínculos com as mães ou com as equipes de saúde. As notas de campo compreenderam as características do ambiente (unidade de saúde ou domicílio), as interrupções realizadas, a postura das mães, o comportamento das crianças e o estado de ansiedade da entrevistada. O entrevistador e as colaboradas se apresentavam, explicitavam os objetivos e o método da pesquisa e, antes da pesquisa, recolhia-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelas mães.

Inicialmente, foram realizadas seis entrevistas-piloto para experimentação da metodologia de abordagem dos temas propostos para a pesquisa. As impressões e os produtos das entrevistas foram discutidos com o grupo de pesquisadores, o que possibilitou aperfeiçoar a abordagem e condução das entrevistas. As entrevistas-piloto não foram incluídas na análise dos resultados.

As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas sendo garantido o sigilo das participantes. Foram realizadas entrevistas até garantir a saturação das informações relacionadas aos objetivos da pesquisa.

A análise das entrevistas foi realizada pela construção e interpretação dos Núcleos de Significação (NS), como descrita por Aguiar & Ozella.<sup>5</sup> Inicialmente foram realizadas leituras flutuantes das entrevistas para a identificação das palavras e expressões mais frequentes, caracterizando os Pré-Indicadores. Posteriormente, realizou-se uma leitura crítica dos Pré-Indicadores, buscando aglutiná-los por similaridade, complementaridade ou oposição. Cada aglomerado de Pré-Indicadores deu origem então um Indicador, o qual foi representado por uma palavra ou expressão capaz de expor a ideia central da articulação entre os Pré-Indicadores. Tendo em posse os Indicadores, foram realizadas novas leituras das entrevistas em busca de falas que os exemplificavam. Por sua vez, os Indicadores sofreram uma aproximação

de acordo com a sua implicação para o cuidado em saúde materno-infantil, o que resultou na composição dos NS.

Além dos dados subjetivos obtidos por meio da construção e análise dos NS, foram extraídos das entrevistas dados objetivos na forma de palavras e expressões que exemplificam e apoiam a discussão.<sup>6</sup> Esses dados foram categorizados quanto a: origem das orientações em saúde bucal, informações recebidas, forma de realização das orientações profissionais (individual ou coletiva) e práticas profissionais.

Esse estudo respeitou os critérios éticos exigidos para pesquisa com seres humanos e foi aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e da Universidade Federal de Minas Gerais.

## **RESULTADOS**

Foram entrevistadas 22 mulheres, entre elas 10 gestantes e 12 mães de crianças menores de um ano de vida, moradoras das áreas de abrangência de quatro Unidades Básicas de Saúde do município.

Duas entrevistas incompletas foram descartadas: uma porque a gestante sentiu-se mal e a outra interrompida porque a entrevistada foi chamada para consulta médica e não retornou.

As entrevistas possibilitaram a construção de três NS, os quais estão apresentados no Tabela 1 juntamente aos seus Indicadores e as falas de apoio mais significativas. Observou-se pelas entrevistas que a experiência com o cuidado de bebês foi marcante, convergindo assim em dois NS (NS1 e NS2). O NS1 destaca a relevância de experiência (ou inexperiência) pessoal para a adesão às atividades educativas. O NS2 apresenta a valorização da experiência familiar na adoção de práticas cotidianas de saúde. Já o NS3 aborda a questão do modelo de atenção à saúde que permeia as práticas profissionais, o acesso e as orientações da equipe de saúde.

**Tabela 1.** Núcleos de Significação, Indicadores e Falas de Apoio identificados na análise das entrevistas. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2015.

| Núcleos de Significação (NS)          | Indicadores            | Falas de Apoio  |
|---------------------------------------|------------------------|---|
| Adesão às atividades educativas (NS1) | Experiência Pessoal    | <i>Eu sou a mais nova de três filhas, então eu já tenho quatro sobrinhos, então assim as dúvidas que eu tinha eu esclarecia mesmo lá vendo as minhas irmãs, com minha mãe. (1)</i>  |
|                                       |                        | <i>É... como diz eu já aprendi dos três não sou mãe de primeira viagem também, né? Já sei mais ou menos. (2)</i>  |
|                                       | Inexperiência Pessoal  | <i>Ah, eu acho que podia ter mais... mais... como que fala? Não é curso. Reunião pra essas, igual, minha irmã que é nova, vai ser mãe agora, não tem experiência nenhuma. Sabe de nada. Aí eu queria que tivesse mais coisas assim pra mães mais novas. (3)</i><br><i>Porque eu sou mãe de primeira viagem, eu acho que reunião seria bom a gente aprenderia mais. (4)</i>  |
| Valorização das informações (NS2)     | Experiência Familiar   | <i>Cê vê fala, tem que limpar, tem que higienizar, a língua tem que limpar, minha mãe falava, quando eu via que a linguinha tava ficando suja eu passava bicabornato, mornava água e higienizava. Limpava direitinho. (5)</i>   |
|                                       |                        | <i>E eu aprendo com a minha mãe. Minha mãe como se diz é uma enciclopédia. Porque criou cinco filho e tá aí (6)</i><br><i>A gente faz a limpeza com vinagre, um pouquinho de bicabornato e água. (E quem foi que orientou vocês?) A minha tia. (7)</i>  |
| Modelo de Atenção à Saúde (NS3)       | Práticas Profissionais | <i>Ele (médico) só pediu ultrassom. Aí conforme ele ia pedindo os exames eu ia fazendo todas. Mas ele ficava só pedindo ultrassom e me examinando. (8)</i>  |
|                                       | Acesso e Orientações   | <i>Fui uma vez (no dentista). Ah, ela só falou que o meu dente tava normal, que não tinha cárie nenhuma. (9)</i><br><i>É, só lá no hospital mesmo que eu fiquei sabendo desses trem tudo (limpar a boca). No hospital é bom! Lá você já sabe de tudo, você já fica sabendo de tudo, até como dar banho em neném você já fica sabendo. (10)</i><br><i>Teve um dia, que eu fui lá no dentista e ele (o bebê) nem tinha dente na boca. [...]. Porque eu já vi que tem caso que as mães levam os menino no dentista. Aí a moça (profissional auxiliar da odontologia) falou que como ele era muito novinho não precisava não. Que era pra eu comprar uma escovinha de pôr no dedo e sem creme dental passar na boca dele, mas eu não fiz isso ainda não. (11)</i> |

Os dados objetivos organizados por categorias e subcategorias estão apresentados no Tabela 2. Esses dados apontaram para concentração de origem de informações nos familiares, para uma multiplicidade de materiais de higiene bucal do bebê, para ações de educação em saúde desenvolvidas principalmente de forma individualizada e para práticas profissionais pautadas em aspectos fisiopatológicos.

**Tabela 2.** Dados objetivos extraídos das entrevistas segundo categoria e subcategoria de aglutinação. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2015

| <b>Categoria</b>       | <b>Subcategoria</b>        | <b>Ocorrências do dado nas entrevistas</b>  |
|------------------------|----------------------------|---|
| Origem das Orientações | Familiar                   | a mãe (avó da criança), a tia, a cunhada, as irmãs  |
|                        | Equipe de Saúde            | o pediatra, o enfermeiro, a equipe da maternidade e, em apenas um caso, a equipe de saúde bucal                                     |
| Informações Recebidas  | Materiais de Higiene Bucal | vinagre, água morna, bicarbonato de sódio, soro fisiológico, água do banho, a gaze, fralda ou pano, o algodão e dedeira de silicone |
| Práticas Profissionais | Atendimentos médicos       | medir a barriga, aferir dados vitais da mãe e do feto e solicitar exames de sangue e ultrassom.                                     |
|                        | Atendimentos Odontológicos | dor, cárie, gengiva, sangrando, bochecho com água morna e sal.  |
| Forma de Orientação    | Individualizada            | pediatra, enfermeiro, maternidade, dentista   |
|                        | Coletiva                   | hospital, reunião de gestante (da maternidade)  |

## DISCUSSÃO

Propôs-se como objetivo compreender a adesão e as percepções dessas mulheres sobre as atividades educativas, as práticas de saúde bucal desenvolvidas no cuidado com seus bebês e o acesso aos serviços e orientações de saúde.

Verificou-se pelo NS1 (Tabela 1) que as mães experientes, seja cuidando de seus próprios filhos ou de outrem, acreditam ser desnecessário participar das atividades educativas (Indicador Experiência Pessoal, Falas 1 e 2). Na mesma perspectiva, o Indicador Inexperiência Pessoal apresenta que tanto mães primigestas (Fala 4) quanto mães experientes (Fala 3) perceberam que as ações de educação em saúde deveriam ser destinadas apenas às mães que ainda não têm experiência, as

“mães de primeira viagem”. Dessa forma, compreendeu-se que as mães percebem que os grupos educativos têm como única função ensinar sobre o cuidado de crianças.

Uma análise do papel da mulher no ambiente familiar permite compreender que a mulher-mãe é a principal cuidadora da família<sup>7</sup> e que sua valorização nesse ambiente advém do bom cuidado de seus filhos<sup>8</sup>. Somado a isso, existe uma expectativa social de que a experiência que a mãe possui com o cuidado de crianças seja suficiente para garantir segurança e tranquilidade para a mãe.<sup>9</sup> Sendo assim, a participação de mães experientes em grupos educativos, cujo objetivo seria ensiná-las sobre o cuidado, pode se opor às expectativas impostas à mulher-mãe.

As expectativas relacionadas às mães primigestas são diferentes pois, como pode se observar pelas Falas 3 e 4 (Tabela 1, Indicador Inexperiência Pessoal), elas são consideradas inexperientes e, por isso, precisariam participar dos grupos educativos. Seguindo essa mesma ideia, Piccinini et al<sup>9</sup> e Vasconcelos et al<sup>10</sup>, compreendem que as mães primigestas se mostram preocupadas, inseguras, inquietas e com muitas dúvidas quanto a maternidade. Esses sentimentos estão ligados a uma insegurança para o cuidado adequado<sup>7,8</sup>, e podem justificar a importância atribuída ao grupo educativo direcionado às “mães de primeira viagem”.

Diante das percepções das mães sobre os grupos educativos observadas por meio dos dois indicadores que compõe o NS1 (Tabela 1), acredita-se que os momentos educativos podem estar sendo reduzidos a transmissão de conhecimentos sobre o cuidado com bebês, o que pode estar associado a um modelo pedagógico pouco participativo que desconsidera os conhecimentos e experiências prévias dos sujeitos. Essa prática foi confirmada pelo estudo de Pio e Oliveira<sup>11</sup>, o qual evidenciou que os grupos de educação em saúde no Brasil são estruturados em palestras, com número limitado de encontros e temas pré-definidos, reduzindo a possibilidade de reflexão e empoderamento.

Em oposição a essa prática pedagógica, o processo educativo deve ser dialógico, aberto, instigador da curiosidade, democrático, capaz de considerar o contexto cultural, as representações sociais e o respeito aos conhecimentos adquiridos previamente.<sup>12</sup> A educação em saúde com foco na autonomia dos indivíduos e na determinação social do processo saúde-doença configura-se como um importante dispositivo de promoção da saúde na atenção primária à saúde.<sup>13</sup> Dessa forma, os momentos de educação em saúde devem propiciar a autonomia, a

autoestima, o empoderamento e a criação de possibilidades para a construção coletiva do conhecimento.<sup>12</sup>

Para superar as dificuldades na adesão das mães experientes às atividades de educação em saúde, as práticas educativas desenvolvidas no cotidiano das equipes de saúde devem pautar-se numa pedagogia problematizadora e dialógica, que respeita e incorpora a multiplicidade de experiências encontradas.

O NS2 (Tabela 1) também aborda o tema experiência, mas sob perspectiva da valorização das informações ofertadas por pessoas próximas e familiares. As Falas 5, 6 e 7 ilustram que as práticas em saúde bucal desenvolvidas pelas mães reproduzem as experiências familiares. Apesar da Tabela 2 (Categoria Origem das Informações) apresentar que as informações sobre cuidado se originam também dos profissionais de saúde, na análise das falas percebeu-se que as orientações da mãe (avó da criança) se mostraram mais expressivas para a adoção de práticas de cuidado.

Esse movimento em direção a valorização das orientações da família remete à “rede informal de cuidados”. Segundo Gutierrez e Minayo<sup>7</sup>, essa rede é representada principalmente pela família e determina a adesão às atividades e às orientações ofertadas pelos serviços de saúde. Além disso, Marteleto e Silva<sup>14</sup> compreendem que as redes se solidificam pelo nível de confiança interpessoal e estão relacionadas ao capital social cognitivo, o qual é capaz de influenciar a ação do grupo e de propagar informações de fontes locais ou gerais, pessoais ou impessoais.

As redes informais, sejam elas familiar ou social, interferem nos cuidados em saúde, sendo fundamental reconhecê-las e incorporá-las na atenção em saúde, o que tem sido negligenciado pelas equipes de saúde.<sup>7</sup> Uma estratégia de incorporar as redes informais é a educação por pares (ou *peer-led education*) conduzida por pessoas da própria comunidade, como mães (ou avós) com boas práticas de cuidado em saúde. Esse modelo de educação parte do princípio que pessoas semelhantes ou próximas têm maior poder de influência que pessoas com expertise.<sup>15</sup>

Discutir a educação por pares permite fazer uma incursão no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, de Vigotsky. A concepção comumente disseminada sobre esse conceito pressupõe a aquisição de conhecimentos ou habilidades por meio da interação entre sujeitos, onde o menos competente autonomamente adquire a proficiência naquilo que realiza conjuntamente ao mais competente.<sup>16</sup> Esse conceito, pensado a partir de uma visão histórico-cultural, pode ser compreendido como um espaço simbólico onde são compartilhados os significados e ocorre a influência mútua



entre as pessoas.<sup>17</sup> Esse último conceito se aproxima e fortalece a metodologia da educação por pares nos momentos educativos, além de responder a problemática da valorização das informações ofertadas por pessoas com experiência apresentada nesse estudo.

Ainda em relação ao Indicador Experiência Pessoal (Tabela 1), as Falas 5 e 7 e a Categoria Informações Recebidas (Tabela 2), chamam a atenção para a multiplicidade de práticas de higiene bucal do bebê produzida pelas redes informais. Observa-se que o Ministério da Saúde preconiza o uso de gaze ou fralda embebida em soro fisiológico ou água filtrada como métodos de higiene da boca do bebê.<sup>18</sup> Entretanto, o estudo realizado por Sales et al<sup>19</sup> comparando materiais de higiene bucal demonstrou que o hábito de higiene sobressai ao material utilizado. Nessa perspectiva, apesar de haver um método preconizado, as práticas desenvolvidas pela comunidade precisam ser acolhidas e problematizadas, buscando identificar e valorizar os métodos capazes de produzir bons resultados na manutenção da saúde bucal.

Ao valorizar a importância do senso comum, a educação popular em saúde sugere que o educador deve ser o condutor de uma abordagem crítica, reflexiva, ativa e dialógica capaz de conduzir a um saber crítico e reflexivo. Para tanto, o saber científico não pode ser tomado como verdade absoluta e definitiva, pois se estiver desvinculado do saber popular constituir-se-á como um saber anacrônico. A educação popular em saúde compreende que o conhecimento popular é resultado de um método de trabalho orientado e coerente, pertinente com a prática cotidiana, constituído de forma histórica, social e coletiva.<sup>12,20</sup>

O NS3 (Tabela 1) revela as implicações do modelo biomédico, predominante nas práticas profissionais (Falas 8 e 9), no acesso aos serviços e orientações de saúde (Falas 10 e 11). Esse modelo se tornou incapaz de responder as demandas de saúde com eficiência e compreende de forma limitada os cuidados em saúde, focando-os exclusivamente nos serviços de saúde e na ação técnica dos profissionais.<sup>7</sup> Para mudar esse cenário são necessárias mudanças relacionadas ao próprio modo como os profissionais de saúde atuam frente às condições de saúde, às pessoas, à família e à comunidade.<sup>21</sup>

A análise do Indicador Práticas Profissionais (Tabela 1) e da Categoria Práticas Profissionais (Tabela 2) permite compreender que os atendimentos médicos e odontológicos são focados nos aspectos fisiopatológicos, no diagnóstico e tratamento

de doenças. A prática clínica, apesar de ser fundamental para o desenvolvimento saudável da gestação, é insuficiente para a integralidade do cuidado, devendo ser acompanhada pela escuta, pela formação de vínculo e pela responsabilização, a fim de se compreender as necessidades mais amplas das gestantes<sup>22</sup>, o que tem sido inviabilizado pelas características históricas da formação em saúde.

Somam-se a essa questão, o isolamento dos profissionais da odontologia em relação aos outros componentes das equipes de saúde e o despreparo do cirurgião-dentista para atuar com questões gerenciais inerentes a estratégia Saúde da Família. Como alternativa para superação dessas questões ligadas à formação dos recursos humanos na área da saúde, a educação permanente desponta-se como uma estratégia de aprendizagem em trabalho. Para tanto, o processo de aprendizagem deve ser significativo e desenvolvido no cotidiano do trabalho, por meio da problematização.<sup>23</sup>

A implementação de práticas profissionais de cuidado integral à saúde está diretamente relacionada ao acesso a ações e serviços de saúde e ao acolhimento do cidadão. Assim, apesar do acesso ser pensado frequentemente apenas como a ampliação da oferta de serviços e do número de procedimentos e atendimentos realizados, observa-se na atualidade um crescimento do debate sobre a qualidade do acesso.<sup>24</sup>

Por essa perspectiva, tem-se na Fala de Apoio 10 uma ilustração da dificuldade de uma mãe para conseguir atenção odontológica para o seu bebê. Pontua-se que o reconhecimento da importância do cuidado odontológico precoce ocorreu apenas com essa mãe. Para Kramer et al<sup>25</sup> existe uma falta de incentivo e apoio governamentais e sociais às medidas de atenção odontológica precoces. Os autores ressaltam ainda que o mesmo acontece na atenção primária onde as ações de vigilância e promoção da saúde são estratégias prioritárias em saúde da criança, embora a consulta odontológica no primeiro ano de vida seja uma ação esporádica.

A análise do Indicador Acesso e Orientações (Tabela 1), ilustrado pelas Falas 10 e 11 e complementado pela Categoria Forma de Orientação (Tabela 2), permite compreender que as orientações profissionais na atenção primária ocorrem principalmente de forma individualizada. Para Costa et al<sup>26</sup> as atividades educativas são práticas incipientes no contexto das equipes de Saúde da Família, o que prejudica a qualidade da assistência odontológica. Em complemento, recorda-se que a

puericultura é um momento oportuno para o desenvolvimento de atividades preventivas com impacto favorável sobre a qualidade de vida da criança.<sup>10</sup>

A organização e o planejamento da atenção à criança podem ser apoiados pela Caderneta de Saúde da Criança, um instrumento simples, único e progressivamente mais completo para acompanhamento integral da saúde da criança. O uso apropriado dessa caderneta como instrumento de vigilância em saúde bucal pode contribuir para o aumento da oferta e cobertura de serviços odontológicas para crianças menores de um ano, além de reduzir a prevalência de cárie<sup>27</sup>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo permitiu compreender que as mães consideram os momentos educativos relevantes apenas para as mães inexperientes. Dessa forma, a adesão das mães às atividades educativas está vinculada a importância atribuída a experiência ou in experiência pessoal.

Além disso, percebeu-se que as práticas desenvolvidas no cuidado da criança são reflexo das orientações obtidas de pessoas consideradas com experiência no cuidado à criança, pertencentes a rede informal de cuidado. Em virtude disso, observou-se uma multiplicidade de práticas de higiene bucal do bebê que, apesar de diferirem das preconizadas e advirem de conhecimentos informais, encontram na literatura científica o respaldo para sua execução.

A partir dessas compreensões referentes a percepção e a adesão às atividades educativas e as práticas adotadas pelas mães no cuidado de seus filhos, alerta-se para a necessidade de reestruturação metodológica dos momentos de educação em saúde. Propõe-se, independente da abordagem educativa, a incorporação de uma pedagogia dialógica capaz de acolher e articular as experiências de cuidado vivenciadas pela comunidade. Somado a isso, sugere-se a adoção da educação por pares, conduzida de forma conjunta entre mães que tiveram sucesso no cuidado de seus filhos e profissionais de saúde.

O desenvolvimento dessa pesquisa qualitativa se mostrou importante para compreender aspectos subjetivos relacionados às atividades educativas de mães com foco em melhoria da saúde bucal. Apesar de trazer importantes indicativos de falhas nos momentos educativos, os resultados do presente estudo precisam ser vistos com cautela, pois refletem uma construção histórica, social e cultural de uma população e não distingue aspectos socioeconômicos das participantes.

## AGRADECIMENTO

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo incentivo financeiro concedida a essa pesquisa por meio do Programa de Pesquisa para o Sistema Único de Saúde (PPSUS).

## REFERÊNCIAS

1. Brasil, Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de Saúde Bucal. *Projeto SB Brasil 2010*, Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados principais. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
2. Brizon VC, Melo RR, Zarzar PM, Gomes VE, Oliveira ACB. Indicadores socioeconômicos associados à cárie dentária: uma revisão crítica. *Rev Unimontes Científica*. 2014;16(1):79-91.
3. Antunes JLF, Peres MA, Mello TRC. Determinantes individuais e contextuais da necessidade de tratamento odontológico na dentição decídua no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva* [online]. 2006;11(1):79-87. DOI: 10.1590/S1413-81232006000100015
4. Kay E, Locker D. A systematic review of the effectiveness of health promotion aimed at improving oral health. *Community Dent Health*, 1998;15:132-44.
5. Aguiar WMJ, Ozella S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicol Ciênc Prof* [online]. 2006;26(2), 222-45. DOI:10.1590/S1414-98932006000200006
6. Deslandes SF. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Cecília de Souza Minayo. 27ª ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
7. Gutierrez DMD, Minayo MCS, Produção de conhecimento sobre cuidados da saúde no âmbito da família. *Cienc Saúde Coletiva*. 2010;15 (Supl.1):1497-1508. DOI: 10.1590/S1413-81232010000700062.
8. Moreira LE, Nardi HC. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). *Rev Est. Fem*. 2009;17(2):569-94.
9. Piccini CA, Gomes AG, Nardi T, Lopes RS. Gestação e a constituição da maternidade. *Psicol Estud* [online]. 2008;13(1):63-72. DOI: 10.1590/S1413-73722008000100008.
10. Vasconcelos VM, Frota MA, Martins MC, Machado MMT. Puericultura em enfermagem e educação em saúde: percepção de mães na estratégia saúde da

- família. *Esc Anna Nery*. 2012;16(2):326-31. DOI: 10.1590/S1414-81452012000200017
11. Pio DAM, Oliveira MM. Educação em saúde para atenção à gestante: paralelo de experiências entre Brasil e Portugal. *Saúde Soc*. 2014;23(1): 313-24. DOI: 10.1590/S0104-12902014000100025
  12. Santos RV, Penna CMM. A educação em saúde como estratégia para o cuidado à gestante, puérpera e ao recém-nascido. *Texto contexto enferm*, 2009;18(4):652-60. DOI: 10.1590/S0104-07072009000400006
  13. Souza EM, Grundy E. Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública. *Cad Saúde Pública*. 2004;20(5):1354-60.
  14. Marteleto RM, Silva ABO. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ci. Inf [online]*. 2004;33(3):41-9. DOI: 10.1590/S0100-19652004000300006.
  15. Mellanby AR, Rees JB, Tripp JH. Peer-led and adult-led school health education: a critical review of available comparative research. *Heath Educ Res*. 2000;15(5):533-45.
  16. Chaiklin S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. Tradução Juliana Compregher Pasqualini. *Psicol Estud [online]*. 2011;16(4):659-75. DOI: 10.1590/S1413-73722011000400016.
  17. Pinheiro FPHA, Barros JPP, Colaço VFR. Psicologia Comunitária e Técnicas para o Trabalho com Grupos: contribuições a partir da teoria histórico-cultural. *Psico*. 2012;43(2):193-199.
  18. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde Bucal. *Caderno de Atenção Básica 17*. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
  19. Sales AB, Palud L, Arruda F, Schwarts JP, Pinto MLB, Santos EB. Comparação entre dois métodos de higiene bucal em bebês no controle de *Streptococcus spp* e *Candida*. *G&S*. 2014;11:18-21.
  20. Alvim NAT, Ferreira MA. Perspectiva problematizadora da educação popular em saúde e a enfermagem. *Texto Contexto Enferm [online]*. 2007; 16(2):3159. DOI: 10.1590/S0104-07072007000200015
  21. Mendes EV. As redes de atenção à saúde. *Ciênc Saúde Coletiva [online]*. 2010; 15(5):2297-2305. DOI: 10.1590/S1413-81232010000500005

22. Melo MCP, Coelho EAC. Integralidade e cuidado a grávidas adolescentes na Atenção Básica. *Ciênc saúde coletiva*. 2011;16(5):2549-58. DOI: 10.1590/S1413-81232011000500025
23. Moura MS, Ferro FEFD, Cunha NL, Netto OBS, Lima MDM, Moura LFAD. Saúde bucal na Estratégia de Saúde da Família em um colegiado gestor regional do estado do Piauí. *Rev saúde pública* [online]. 2009;43(3):455-462.. 2013;18(2):471-80. DOI: 10.1590/S0034-89102009005000015
24. Souza ECF, Vilar RLA, Rocha NSPD, Uchoa AC, Rocha PM. Acesso e acolhimento na atenção básica: uma análise da percepção dos usuários e profissionais de saúde. *Cad. Saúde Pública*, 24(Suppl.1):100-110, 2008. DOI: 10.1590/S0102-311X2008001300015
25. Kramer PF, Ardenghi TM, Ferreira S, Fisher LA, Cardoso L, Fledens CA. Utilização de serviços odontológicos por crianças de 0 a 5 anos de idade no Município de Canela, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad Saúde Pública*, 2008;24(1):150-6. DOI: 10.1590/S0102-311X2008000100015.
26. Costa GD, Cotta RMM, Reis JR, Siqueira-Batista R, Gomes AP, Franceschini SCC. Avaliação do cuidado à saúde da gestante no contexto do Programa Saúde da Família. *Cienc Saúde Coletiva*. 2009;14(Supl1):1347-57. DOI: 10.1590/S1413-81232009000800007
27. Stocco G, Baldani MH. O controle das consultas odontológicas dos bebês por meio da carteira de vacina: avaliação de um programa-piloto desenvolvido na Estratégia Saúde da Família em Ponta Grossa (PR, Brasil). *Ciênc Saúde Coletiva* [online]. 2011;16(4):2322-21. DOI: 10.1590/S1413-81232011000400031

## 5.2 PRODUTO TÉCNICO



Faculdade de Odontologia  
Departamento de Odontologia Social e Preventiva  
Av. Pres. Antonio Carlos, 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31.270-901 – Brasil  
Tel: (31) 3409-2442



# OFICINA

## Atenção à saúde bucal no SUS-BH: gestantes e crianças de 0 a 5 anos.

### APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O projeto de pesquisa *Atenção à saúde bucal das gestantes e crianças de 0 a 5 anos na rede pública de saúde* iniciou o seu desenvolvimento em 2014, com o objetivo de avaliar a atenção à saúde bucal recebida pelas gestantes e crianças na rede pública de saúde. A equipe desse projeto, financiado pela FAPEMIG (Edital PPSUS Redes), conta com a participação de professores, alunos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Odontologia da UFMG.

Com a finalização de parte da pesquisa, propôs-se a realização de uma oficina para apresentação dos resultados para a Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte. Essa atividade constitui-se em um espaço para discussão de possíveis estratégias de enfrentamento dos problemas observados.

### OBJETIVO DA OFICINA

Apresentar à Secretaria Municipal de Belo Horizonte os resultados da pesquisa *Atenção à saúde bucal de gestantes e crianças de 0 a 5 anos na rede pública de saúde* e discutir possíveis estratégias de intervenção.

### METODOLOGIA

Realizou-se no dia 19 de novembro de 2015 na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais uma oficina para 30 participantes (gestores e trabalhadores da rede SUS/BH, alunos de graduação e pós-graduação do Mestrado Profissional e Acadêmico e professores da Faculdade de Odontologia) com quatro horas de duração.

Após acolhimento dos participantes foi realizada uma dinâmica para compreender as expectativas individuais em relação à oficina. Cada expectativa escrita em um pedaço de papel foi disposta numa corda formando um “varal de expectativas”. Posteriormente foram realizadas

quatro apresentações referentes aos resultados de quatro pesquisas que compõem o estudo aprovado pelo PPSUS.

Os participantes foram divididos em quatro grupos que trabalharam separadamente tentando identificar os problemas levantados com a pesquisa e relacionando possíveis estratégias de enfrentamento. Esta atividade foi registrada na Planilha 1. Após o tempo programado, cada relator escolhido dentre os participantes do grupo fez a exposição dos pontos discutidos. Simultaneamente, um relator desenvolvia a síntese geral, a qual foi apresentada ao final das apresentações dos grupos. Concluída essa atividade, retomou-se o varal de expectativas, o qual recebeu outro pedaço de papel, agora expressando o sentimento final dos participantes em relação à oficina.

A oficina foi avaliada por meio de um instrumento específico que contemplou os seguintes aspectos: organização, infraestrutura, metodologia, carga horária.

**Planilha 1.** Planilha utilizada durante a discussão em grupo para o levantamento dos problemas encontrados e a proposição de estratégias de enfrentamento.

| Quais os problemas que o grupo identifica nos resultados apresentados | Como o grupo descreve os problemas identificados | Quais as possíveis causas para os problemas identificados pelo grupo | Quais estratégias de enfrentamento que o grupo propõe |
|---|--|--|---|
|   |  |  |   |



## PROGRAMAÇÃO DA OFICINA

| Atividade  | Objetivos   | Metodologia  | Recursos                                       | Responsável                             | Tempo   |
|--|---|--|--|---|---------|
| Abertura da Oficina                                | Apresentar a oficina - Recepção e Boas Vindas aos participantes   | Exposição oral   | Sala de aula                                   | Coordenador oficina                     | 5 min   |
| Identificação dos participantes e das expectativas | Conhecer as expectativas dos participantes com a oficina  | Apresentação dos participantes com uma palavra que expresse as expectativas em relação à oficina. Os registros deverão compor o Varal das expectativas                             | Tarjeta de papel, caneta, quadro               | Coordenador da oficina                  | 25 min  |
| Apresentação dos resultados das pesquisas          | Apresentar os resultados observados nas pesquisas   | Exposição oral<br>Cada estudante de pós-graduação terá 10 minutos para fazer a apresentação dos resultados observados nas pesquisas  | Power Point                                    | Estudantes de Pós-graduação e Graduação | 40 min  |
| Identificação de problemas                         | Identificar problemas a partir dos resultados apresentados<br>Elencar estratégias de enfrentamento dos problemas observados | Trabalho em pequenos Grupos (Dividir em quatro grupos. Cada grupo deverá trabalhar separadamente em uma sala. O grupo deverá indicar um relator).                                  | Notebook, material impresso                    | Participantes                           | 60 min  |
| Discussão em plenária                              | Apresentar as discussões dos grupos   | Exposição oral   | Data-show                                      | Relatores dos grupos                    | 40 min. |
| Síntese das apresentações                          | Sintetizar as principais ideias   | Exposição oral   | Sala de aula                                   | Coordenador oficina                     | 5 min   |
| Avaliação  | Avaliar a oficina e propor encaminhamentos e pactuações   | Cada participante deverá escolher uma palavra para expressar o seu sentimento ao final da oficina. Varal das expectativas.<br>Preenchimento do instrumento de avaliação da oficina | Papel e canetinhas<br>Instrumento de avaliação | Participantes<br>Coordenador oficina    | 30 min  |
| Encerramento                                       | Agradecer aos participantes   | Exposição oral   | Sala de aula                                   | Coordenador oficina                     | 5 min   |

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um mestrado de Odontologia em Saúde Pública representou uma reaproximação da minha formação acadêmica como cirurgião-dentista. Esse processo de revisitar a Odontologia e poder partilhar das experiências de colegas que se mantêm na atividade clínica e na gestão dos serviços odontológicos foi enriquecedora. Por um lado, pude perceber o distanciamento entre gestores e trabalhadores da saúde, o que me fortaleceu enquanto gestor e me fez reestudar a humanização as relações profissionais no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). Por outro lado, pude perceber o quanto o distanciamento da odontologia foi crucial para enraizar em mim o trabalho interprofissional e a visão crítica sobre os processos de trabalho na equipe de Saúde da Família.

O tema de pesquisa, apesar de não ser aquele que me propus a trabalhar durante o processo seletivo para ingresso no mestrado (processo de trabalho do cirurgião-dentista na Atenção Básica em Saúde), se tornou objeto de estudo, satisfação e inquietação. A educação em saúde sempre me atraiu e pude desenvolver durante a residência, mas foi apenas durante o mestrado que aprofundi na pedagogia de Paulo Freire. Apesar de considerar esse aprofundamento ainda insuficiente, me sinto intrigado com a dificuldade dos profissionais de saúde de abandonarem a pedagogia bancária, mesmo diante dos insucessos cotidianos com as suas práticas educativas. Assim, a educação em saúde promotora da autonomia e que respeita o conhecimento da comunidade deixou de ser apenas um tema de pesquisa e passou a ser mais uma bandeira que defendo.

Apesar da minha experiência com pesquisas qualitativas por meio de grupos focais, o desenvolvimento desse projeto me mostrou a intensa dificuldade em realizar entrevistas individuais, sendo que mesmo após diversas leituras de textos que orientam esse tipo de pesquisa, a prática com as entrevistas dependeu de medidas rápidas para não perder o diálogo. Habilidade essa que adquiri após diversas entrevistas.

Diante de toda essa vivência, posso ressaltar a riqueza trazida pelo mestrado profissional à prática em saúde, seja na autorreflexão sobre os processos de trabalho e na troca de experiências, como no aprendizado promovido nas aulas e no desenvolvimento da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

1. ALVES, C. R. L.; LASMAR, L. M. L. B.; GOULART, L. M. H. F.; ALVIM, C. G.; MACIEL, G. V. R.; VIANA, M. R. A.; COLOSIMO, E. A.; CARMO, G. A. A.; COSTA, J. G. D. da; MAGALHÃES, M. E. N.; MENDONÇA, M. L. de; BEIRÃO, M. M. V.; MUOLIN, Z. S. Qualidade do preenchimento da Caderneta de Saúde da Criança e fatores associados. **Cad. saúde pública**, v. 25, n. 3, p. 583-595, 2009.
2. ANTUNES, J. L. F.; PERES, M. A.; MELLO, T. R. C. Determinantes individuais e contextuais da necessidade de tratamento odontológico na dentição decídua no Brasil. **Ciênc. saúde col**, v.11, n.1, p. 79-87, 2006.
3. AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicol Ciênc Prof**, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.
4. ARDENGHI, T. M.; VARGAS-FERREIRA, F.; PIOVESAN, C.; MENDES, F. M. Age of first dental visit and predictors for oral healthcare utilization in preschool children. **Oral health prev dent**, v. 10, n. 1, p. 17-27, 2012.
5. ARORA, A.; BEDROS, D.; Bhole, S.; DO, L. G.; SCOTT, J.; BLINKHORN, A.; SCHWARZ, E. Child and Family Health Nurses' Experiences of Oral Health of Pre-school Children: A Qualitative Approach. **J Public Health Dent**, v. 72, p. 149-55, 2012.
6. BARROS, A. J. D.; BERTOLDI, A. D. Desigualdades na utilização e no acesso a serviços odontológicos: uma avaliação em nível nacional. **Ciênc saúde col**, v. 7, n. 4, p. 709-717, 2002.
7. BRASIL. Secretaria Nacional de Programas Especiais. Divisão Nacional de Saúde Bucal. Fundação Serviços de Saúde Pública. **Levantamento epidemiológico de saúde bucal: Brasil, zona urbana, 1986**. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1988. 137 p.
8. BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Assistência e Promoção à Saúde. Coordenação de Saúde Bucal. **Levantamento epidemiológico em saúde bucal: 1.a etapa: cárie dental: projeto**. Brasília, 1996.
9. BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004, 16 p.
10. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Projeto SB Brasil 2003: condições de saúde bucal da população brasileira 2002-2003: resultados principais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 68 p.
11. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde Bucal. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 92 p
12. BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de Saúde Bucal. **Projeto SB Brasil 2010**. Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados principais. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
13. BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.

14. CARNEIRO, A. C. L. L.; SOUZA, V. de; GODINHO, L. K.; FARIA, I. C. M. de; SILVA, K. L.; GAZZINELLI, M. F. Educação para a promoção da saúde no contexto da atenção primária. **Rev Panam Salud Publica**, v. 31, n. 2, 2012
15. CASCAES, A. M.; BIELEMANN, R. M.; CLARK, V. L.; BARROS, A. J. D. Efetividade da entrevista motivacional na melhoria da saúde bucal: revisão sistemática. **Rev saude públ**, v.48, n.1, p. 142-153, 2014.
16. COELHO, F. M. G.; CASTRO, T. G. de; CAMPOS, F. M. *et al.* Educação para promoção da saúde infantil: relato de experiência em um assentamento de reforma agrária, Vale do Rio Doce (MG). **Ciênc saúde col.**, v. 10, n. 3, 739-747, 2005.
17. DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Cecília de Souza Minayo. 27<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
18. ESCOBAR-PAUCAR, G.; SOSA-PALACIO, C.; BURGOS-GIL, L. C. Representaciones sociales del proceso salud-enfermedad bucal en madres gestantes de una población urbana. Medellín, Colombia. **Salud públ méx**, v. 52, n. 1, 2010.
19. FERNANDES, C. B.; PICON, F. S.; PAVIOTTI, A. B.; *et. al.* Conhecimentos de gestantes sobre o desenvolvimento pré-natal: subsídios para educação em saúde. **Journal of Human Growth and Development**, v. 23, v. 3, p. 282-289, 2013.
20. FINKLER, M.; OLEINISKI, D. M. B.; RAMOS, F. R. S. Saúde bucal materno-infantil: um estudo de representações sociais com gestantes. **Texto Contexto Enferm**, v. 13, n. 3, p. 360-368, 2004.
21. GOETTEMS, M. L.; ARDENGHI, T. M.; DEMARCO, F. F.; ROMANO, A. R.; TORRIANI, D. D. Children's use of dental services: influence of maternal dental anxiety, attendance pattern, and perception of children's quality of life. **Community Dent Oral Epidemiol**, v. 40, n. 5, p. 451-458, 2012.
22. GIGLIOTTI, M. P.; THEODORO, D.; OLIVEIRA, T. M. de. Relação entre nível de escolaridade de mães e percepção sobre saúde bucal de bebês. **Salusvita**, Bauru, v. 26, n. 2, p. 169-177, 2007.
23. GUARIENTI, C. A.; BARRETO, V. C.; FIGUEIREDO, M. C. Conhecimento dos Pais e Responsáveis Sobre Saúde Bucal na Primeira Infância. **Pesq bras odontoped clin integr**, v. 9, n. 3, p. 321-325, 2009.
24. GUERREIRO, E. M.; RODRIGUES, D. P.; SILVEIRA, M. A. M. da; LUCENA, N. B. F. de. O cuidado pré-natal na atenção básica de saúde sob o olhar de gestantes e enfermeiros. **Rev min enferm**, v. 16, n. 3, p. 315-323, 2012.
25. HADAD ARRASCUE, N. L. G.; DEL CASTILLO LOPEZ, C. E. Determinantes sociales de salud y caries dental. **Odontol pediater**, 2011, v.10, n.1, p.13-21. 2011.
26. HARRISON, R. L.; VERONNEAU, J.; LEROUX, B. Effectiveness of Maternal Counseling in Reducing Caries in Cree Children. **J dent res**, v. 91, n. 11, p. 1032-1037, 2012.
27. KAY, E.; LOCKER, D. A systematic review of the effectiveness of health promotion aimed at improving oral health. **Community dent health**, v. 15, p. 132-144, 1998.

28. LEE, J. Y.; BOUWENS, T. J.; SAVAGE, M. F.; VANN JR, W. F. Examining the cost-effectiveness of early dental visits. **Pediatr Dent**, v. 28, p. 102-105, 2006.
29. LINHARES, F. M. P.; PONTES, C. M.; OSÓRIO, M. M. Breastfeeding promotion and support strategies based on Paulo Freire's epistemological categories. **Rev nutr**, v. 26, n. 2, p. 125-134, 2013.
30. LUCAS, S. D.; PORTELA, M. C.; MENDONÇA, L. L. Variações no nível de cárie dentária entre crianças de 5 e 12 anos em Minas Gerais, Brasil. **Cad. saúde pública**, v. 21, n. 1, p. 55-63, 2005.
31. MARTELLO, R. P.; JUNQUEIRA, T. P.; LEITE, I. C. G. Cárie dentária e fatores associados em crianças com três anos de idade cadastradas em Unidades de Saúde da Família do Município de Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. **Epidemiol serv saúde**, v.21, n.1, p. 99-108, 2012.
32. MELO, J. M.; BRANDÃO, E. H. S.; DUTRA, S. M. V.; IWAZAWA, A. T.; ALBUQUERQUE, R. S. Conhecendo a captação de informações de mães sobre cuidados com o bebê na estratégia Saúde da Família. **Texto Contexto Enferm**, v. 16, n. 2, p. 280-286, 2007.
33. MELO, M. M. D. C. de; SOUZA, W. V. de; COUTO, G. B. L. Comparação de métodos de regressão multivariada no estudo de determinantes da cárie dentária em crianças. **Rev. bras. saude mater. infant.** v.14, n.4, p. 343-352, 2014.
34. MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 269 p
35. MOYSÉS, S. J. Desigualdades em saúde bucal e desenvolvimento humano: um ensaio em preto, branco e alguns tons de cinza. **Revista brasileira de odontologia em saúde coletiva**, v.1, n.1, p.7-17. 2000.
36. MOURA, M.S.; FERRO, F. E. F. D.; CUNHA, N, L.; NETTO, O. B. S.; LIMA, M. D. M.; MOURA, L. F. A. D. Saúde bucal na Estratégia de Saúde da Família em um colegiado gestor regional do estado do Piauí. **Cienc saude coletiva**, v. 18, n. 2, p. 471-480, 2013.
37. PAULETO, A. R. C.; PEREIRA, M. L. T.; CYRINO, E. G. Saúde bucal: uma revisão crítica sobre programações educativas para escolares. **Ciênc saúde col**, v. 9, n. 1, p. 121-130, 2004.
38. PERES, M. A.; LATORRE, M. R. D. O.; SHEIHAN, A.; PERES, K. G.; BARROS, F. C.; HERNANDES, P. G.; MAAS, A. M. N.; ROMANO, A. R.; VICTORIA, C. G. Determinantes sociais e biológicos da cárie dentária em crianças de 6 anos de idade: um estudo transversal aninhado numa coorte de nascidos vivos no Sul do Brasil. **Rev. bras. epidemiol**, v.6, n.4, p. 293-306, 2003.
39. PERES, K. G. A.; BASTOS, J. R. M.; LATORRE, M. R. D. O. Severidade de cárie em crianças e relação com aspectos sociais e comportamentais. **Rev. Saúde Pública**, v.34, n.4, p. 402-408, 2000.
40. PINHEIRO, R. S.; TORREZ, T. Z. Uso de serviços odontológicos entre os Estados do Brasil. **Ciênc saúde col**, v. 11, n. 4, p. 999-1010. 2006.
41. PIO, D. A. M.; OLIVEIRA, M. M. de. Educação em saúde para atenção à gestante: paralelo de experiências entre Brasil e Portugal. **Saúde soc**, v.23, n.1, p.313-324, 2014.

42. REIS, D. M.; PITTA, D. R.; FERREIRA, H. M. B.; *et al.* Educação em saúde como estratégia de promoção de saúde bucal em gestantes. **Ciênc saúde col**, v. 15, n. 1, p. 269-276, 2010.
43. SAVAGE, M. F.; LEE, J. Y.; KOTCH, J. B.; VANN JR, W. F. Early preventive dental visits: effects on subsequent utilization and costs. **Pediatrics**, v. 114, p. 418-423, 2004.
44. SANTOS NETO, E. T. dos; OLIVEIRA, A. E.; ZANDONADE, E.; LEAL, M. C. Acesso à assistência odontológica no acompanhamento pré-natal. **Ciênc. saúde coletiva**, v.17, n.11, p. 3057-3068, 2012.
45. SILVA, E. L. Odontologia para bebês. **Rev para med**, v. 21, n. 4, 2007.
46. SILVA, K. L.; SENA, R. R.; AKERMAN, M.; BELGA, S. M. M.; RODRIGUES, A. T. Intersetorialidade, determinantes socioambientais e promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(11):4361-4370, 2014.
47. SIMIONI, R. L. G.; COMIOTTO, M. S.; RÊGO, D. M. Percepções maternas sobre a saúde bucal de bebês: da informação à ação. **RPG**, v. 12, n. 2, p. 167-73, 2005.
48. SOUZA, E. M. de; GRUNDY, E. Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública. **Cad saúde pública**, v. 20, n. 5, p. 1354-1360, 2004.
49. SOUZA, E. C. F. de; VILAR, R. L. A. de; ROCHA, N. S. P. D.; UCHOA, A. C.; ROCHA, P. M. Acesso e acolhimento na atenção básica: uma análise da percepção dos usuários e profissionais de saúde. **Cad saúde pública**. v.24, suppl.1, p. 100-110, 2008.
50. TOMITA, N. E.; BIJELLA, V. T.; LOPES, E. S.; FRANCO, L. J. Prevalência de cárie dentária em crianças da faixa etária de 0 a 6 anos matriculadas em creches: importância de fatores socioeconômicos. **Rev. saúde pública**, v. 30, n. 5, p. 413-20, 1996.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1. Roteiro norteador das entrevistas.



UFMG

#### “PERCEPÇÃO DAS MÃES E DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE SOBRE A ATENÇÃO À SAÚDE DAS CRIANÇAS NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE”

“Percepção de gestantes e mães de crianças menores de um ano sobre as ações de promoção da saúde e orientações de saúde bucal”

| <b>ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>   |
|--|
| <p>Apresentar-se cordialmente e conhecer o entrevistado;</p> <p>Entregar os TCLEs em duas vias e pegar de volta uma assinada pelo sujeito de pesquisa;</p> <p>Explicação dos objetivos da entrevista e tempo de duração.</p> <p>Esclarecer a finalidade da gravação;</p> <p>Quebra-gelo (perguntar questões referentes a gestação, expectativas, gênero da criança, preparação para a chegada do bebê, parto, dificuldades no cuidado com a criança, desejo da gestação).</p>  |
| <p>Informações que conhece sobre saúde bucal</p> <p>Acesso e uso dos serviços de saúde/saúde bucal (frequência, barreiras, facilidades)</p> <p>Novas informações obtidas dos profissionais da Equipe de Saúde</p> <p>Origem das informações de Saúde Bucal (local e profissional)</p> <p>Forma como as orientações foram dadas (grupos ou individual)</p> <p>Qualidade das informações recebidas</p> <p>Importância atribuída as orientações ofertadas pelos profissionais</p> <p>Dificuldades e facilidades para colocar em prática as informações de saúde bucal</p> <p>Relevância das informações para o cuidado das crianças</p> <p>Novas informações obtidas dos profissionais da Equipe de Saúde</p> <p>Origem das informações de Saúde Bucal (local e profissional)</p> <p>Forma como as orientações foram dadas (grupos ou individual)</p> <p>Qualidade das informações recebidas</p> <p>Importância atribuída as orientações ofertadas pelos profissionais</p> <p>Dificuldades e facilidades para colocar em prática as informações de saúde bucal</p> <p>Relevância das informações para o cuidado das crianças</p> <p>Sugestões para melhorar a forma como as informações foram ofertadas</p> |
| <p>Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre as orientações que você recebeu durante a gestação ou depois do nascimento do seu filho?</p> <p>Gostaria de fazer alguma pergunta sobre esta pesquisa que você acabou de participar?</p>   |

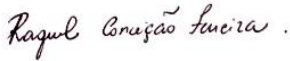

Obrigado pela sua participação!

## APÊNDICE 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A senhora está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizada de forma alguma. A pesquisa tem como objetivo avaliar a percepção das gestantes e mães das crianças de até um ano de idade sobre as ações de promoção da saúde e orientações de saúde bucal recebidas dos profissionais da Equipe Saúde da Família (ESF) e Equipe de Saúde Bucal (ESB). Se aceitar participar, será entrevistada por um profissional estudante de Mestrado da UFMG. Ele fará algumas perguntas e a senhora terá liberdade para falar o que pensa sobre o assunto. As entrevistas serão gravadas em gravador digital. Depois as entrevistas serão transcritas e o estudante fará a análise das falas para identificar os sentidos que são manifestados pelas falas. Os resultados do estudo serão analisados e farão parte de um trabalho científico e poderão ser divulgados em revistas científicas. Seu nome não aparecerá em lugar nenhum. A entrevista será realizada na sua casa ou no centro de saúde, da forma que for mais conveniente para a senhora. Buscaremos realizar a entrevista em um local que garanta a privacidade. A senhora não será prejudicada de qualquer forma caso não queira participar e não haverá qualquer tipo de custo ou recompensa.

Caso ocorra algum dano não previsto, serão garantidas formas de indenização em relação aos mesmos. Se quiser mais informações sobre este trabalho, por favor, ligue ou fale pessoalmente com: Profa. Raquel Conceição Ferreira, na Faculdade de Odontologia da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - telefones: 31-3409-2442 ou 3409-2409; e-mail: ferreira\_rc@hotmail.com. Se tiver alguma dúvida sobre as questões éticas do projeto, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 20 andar - sala 2005 - Campus Pampulha, Belo Horizonte/MG - CEP 31270-901. Telefone: 3409-4592; e-mail: coep@prpq.ufmg.br, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, localizado na Rua Frederico Bracher Júnior, 103/3º andar, Padre Eustáquio, Belo Horizonte/MG - CEP: 30.720-000. Telefone: 3277-5309.

Eu li e entendi as informações acima. Tive oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, indicando meu consentimento para participar desta pesquisa. Fui informado de que tenho plena liberdade para recusar-me a participar do estudo ou posso retirar o meu consentimento, sem penalização alguma. Assinarei duas cópias desse consentimento, uma ficará com o pesquisador e receberei uma cópia assinada.

|  |  |      |
|--|--|------|
| Nome do participante                                 | Assinatura do participante   | Data |
| Nome da testemunha                                   | Assinatura da testemunha   | Data |
| Raquel Conceição Ferreira<br>Coordenador da pesquisa |  |      |
|  | Assinatura do coordenador da pesquisa  | Data |
| Álex Moreira Herval<br>Pesquisador                   |  |      |
|  | Assinatura do pesquisador  | Data |



### APÊNDICE 3. Transcrições das Entrevistas.

#### ENTREVISTA 1

E: Como que foi essa notícia de gravidez pra você?

M: “Num” foi planejada, mas pra mim foi ótimo como já tem três meninas, pra mim... meu marido aceitou bem, também aceitei bem, pra mim to bem.

E: E o resto da família ta gostando?

M: Assim... nos primeiros dias quando eu falei com minha mãe ela reclamou um pouco: “hoje a situação ta tão difícil, ficar fazendo mais filho, que não sei o que, você ta nova, que não sei o que.” Eu falei assim ah tem problema não (risos) Deus abençoa, que criando tudo junto com saúde o resto a gente vai fazendo a parte com educação.

E: ta certo. Quem são esses outros três meninos, como é que eles chamam?

M: É... Geovana, Sofia e caio.

E: E as idades deles?

M: Caio ta com sete, Geovana ta com três e Sofia com dois.

E: Ah então é uma diferença curta entre eles, não é muito grande.

M: Isso.

E: E esse bebê já sabe qual é o sexo?

M: Sei.

E: Qual?

M: Mocinha.

E: Outra mocinha? Vai ficar só o Caio reinando de homem? (Risos)

M: Só o Caio. (Risos) Bendito é o fruto entre as mulheres. (Risos)

E: E... Desses meninos que você tem como que foi a notícia deles desde o primeiro.

M: Como assim?

E: A notícia da gravidez dos primeiros como que foi? Foi diferente dessa?

M: De Caio como não foi assim... pra mim não esperava. Foi uma pessoa, como se diz, que o meu não gostava...e foi uma coisa assim tumultuada. La de casa. Mas as outras, a Geovana já foi planejada, meu marido já tava planejando. E... Sofia também não foi planejada, porque tinha acabado o resguardo Geovana tava com seis meses ai eu fiquei grávida dela. Não foi planejada, eu não estava esperando pra mim foi um susto, um baque muito forte mas graças a Deus ta ai. (Risos).

E: Geovana então foi o maior susto das gravidez toda, foi o maior susto?

M: Foi Sofia.

E: Sofia, então foi o maior susto. Esse foi mais tranquilo.

M: É, porque eu tava amamentando Geovana e eu queria amamentar a Geovana até os dois anos, mas ai teve que interromper a amamentação por causa da gravidez.

E: Voce escolheu o nome desse bebê? Dessa moca?

M: Escolhi. Gabriela.

E: Eu gosto de Gabriela. Eu tenho uma afilhada que chama Gabriela e eu adoro. (Risos) Queria que você me contasse um pouco como é que ta sendo o pré-natal.

M: Pré-natal assim... porque quando eu descobri a gravidez já tava com dois meses, ai eu viajei pro interior. Comecei a fazer o pré-natal La, ai eu viajei pra La com os meus pais, ai quando eu voltei eu continuei aqui. Ai tipo assim, pra eles eu comecei um pouquinho atrasada, neah?

Mas como eu já tinha começado lá eu tive que trazer a papelada de lá pra cá.

E: E onde você gostou mais?

M: Aqui. Eu tenho um atendimento melhor, porque lá no interior não tem o conforto que aqui tem. Ai eu achei aqui melhor.

E: E o que você acha de melhor aqui? Que são esses pontos que você entende que aqui é melhor do que lá no interior.

M: um ponto é que os médicos pegam no pe'. (Risos)

E: Aqui os médicos pegam no pe'?

M: É. Eles ficam em cima mesmo, se a gente atrasar um exame sequer ele já manda o recadinho em casa “atrasou vai no hospital fazer, isso, isso, isso e aquilo...” e lá não, porem lá a gente fica como se diz, na maré mansa, se falta. E é assim mesmo, fica em cima mesmo.

E: E nas suas consultas com o médico, como que estão sendo?

M: tão sendo bem. Passa os exames certinho eu faço, o ultrassom mesmo eu faço tudo certinho, então.

E: Tem alguma dificuldade quando você quer marcar com ele?

M: Não. Se eu marco em um dia que eu não posso vim por causa das outras crianças, ai eu venho aqui eles remarcam pra mim de novo. Não tenho nenhuma dificuldade com questão disso não.

E: E além do médico tem mais alguém que ta te atendendo, cuidando da sua gestação.

M: antes tava a enfermeira Cristina ou Cristiane, porque eu confundo as duas, Dr. Wendel e a Cristiane que é a medica. Tava os três, agora só ta o Dr. Wendel e a outra, medica que é a ginecologista, só tem os dois.

E: E você gosta do atendimento de algum deles mais? Como que é?

M: Não, eu gosto dos dois. O Dr. Wendel parece que ele mais marrento (risos) mas eu gosto do atendimento dos dois.

E: Você parece que gosta de gente mais marrenta. Você gosta de gente que cobra.

M: É, por isso, ele é difícil até de dar um sorriso por isso que eu gosto, sabe. Não é daqueles que brinca, não adula porque se a gente for encontrar aquele medico que dá aquela liberdade ai a gente fica mais, sabe, lento com as coisas ai é melhor uma pessoa mais marrenta, com cara de durão (risos).

E: E o dentista, você ta indo?

M: hum, hum...(risos) perguntinha difícil.

E: Por quem conta sobre isso.

M: Porque dá outra vez que eu vim marcar, que eles passaram pra mim, acho que Dr. Flavia tinha entrado de férias, ai tudo isso nem voltei mais. Eu mexo com as minhas crianças eu boto todo mundo no banheiro” vai escovar os dentes”. Ai digo isso porque eles vão mexer com café, essas coisas, fazer café pra eles eu acho esquecendo até de mim. Ai... ai não vim não. Ser franca, verdadeira, neah?

E: Mas tem que ser francas mesmo. Ainda mais que só a gente, e eu nem sou daqui. Eu sou de outra cidade, então. (Risos)

M: Percebi, por causa do sotaque.

(Risos)

E: Diferente, neah?

M: Paulista, sei lá o que é.

E: Sou mineiro tá!

M: Mineiro? Da onde, poços de caldas?

(Risos)

E: Uberlândia.

M: Uberlândia.

E: La quase Goiás, neah?

E: E nessas consultas que você ta tendo, cm qualquer um deles, você tem aprendido alguma coisa nova?

M: Alguma coisa nova. Ah, sempre a gente aprende alguma coisa, assim com.... com os dois mesmo que eu tô consultando ele sempre fala que tem que fazer as coisas tudo certinho pra quando chegar a data, o mês de ganhar o neném não ter nenhuma preocupação no parto, não ter nenhuma dificuldade. Começando desde o primeiro pré-natal, desde o primeiro mês de gestação. Porque tipo assim, antes eles até falavam mas a gente não levava muito a sério, agora a gente ouvindo ele falando a gente fica mais preocupada. Porque a gente vê tanto caso de neném nascendo prematuro, tem uns que nasce com problema e a gente tem hora que nem sabe o motivo, nos vão olhar e até no pré-natal mesmo que eu faço direito e acaba acontecendo essas coisas.

E: E tem alguma informação que ele te deu que foi novidade pra você?

M: Que foi novidade pra mim? ...hum, deixa eu ver aqui, deixa eu tentar lembrar... Ah, foi exame de rotina, assim de urina que ele mandou eu coletar, ai ele falou assim “você tem que fazer isso direitinho”, eu fiz só que tava dando alguma coisa. Ai ele falou que era problema no copinho. Porque a gente colhe xixi, que só da gente encostar em alguma coisa, aquela bactéria passa. Eu não sabia disso e ele falou comigo. Ai eu falei assim, pra mim é novidade porque eu não sabia.

E: Legal.

M: Que eu sempre fiz e nunca aconteceu, eu fiz derrepente três vezes sempre dando a mesma coisa. Uma cosia que eu não tenho e sempre da. Ai eu tenho que pedir de novo. Então a novidade foi essa.

E: Obrigado.

M: Por mais que você vê que é uma besteirinha, é um detalhe que a gente nunca sabe.

E: Os detalhes são muito importantes. É... me conta agora quais são os cuidados que você ta aprendendo ou ta sendo cobrada durante a gestação? Cuidados com a gestação.

M: Cuidados com a gestação... a única coisa puxada mesmo a orelha mesmo é só com a boca mesmo, os dentes, fora isso num.

E: que cuidados são esses com sua boca, com os dentes.

M: Fio dental, escovar três vezes ao dia e depois das refeições e essa “coisaiada” que eles falam.

(Risos)

E: E você ta conseguindo colocar essa “coisaiada”?

M: Não, falar a verdade não. Às vezes eu sou muito assim, eu preocupo com os meninos e esqueço de mim. Ai vou preocupar com eles ai eu assusto eu olhando não fiz nada daquilo que eles “mando” e quando eu faço é pela metade.

E: E.... e depois da gestação como você ta esperando que vai ser o parto? Ta ansiosa, conta sobre o parto.

M: eu tô ansiosa. Porque as duas meninas quando nasceu... o caio parece muito com meu pai, as duas meninas parece mais comigo ai eu tô ansiosa pra saber se vai ser a cara do

pai ou se vai ser a minha cara. (Risos) vai sair assim com saúde mais fofinha, porque a outra minha, a Sofia nasceu com baixo peso ai eu fico preocupada sabe. Mesmo eu fazendo pré-natal direitinho, ultrassom essas coisas eu fico preocupada, porque ela passou da hora de nascer ai eu fico muito preocupada com isso. Mas no resto, eu sei que é normal agora é só Deus que ta sabendo o que vai acontecer.

E: E você está sendo orientada com relação aos cuidados que você vai ter que ter com essa mocinha que ta vindo. M: se eu estou sendo orientada? É... como diz eu já aprendi dos três (risos) não sou mãe de primeira viagem também, neah? Já sei mais ou menos, mas cada, eu sempre falo com meu pai que cada ano vai mudando as coisas, neah? Uma coisa que no ano passado a gente sabia de uma coisa nesse a gente já não sabe de mais nada. Difícil, ta sempre modificando as coisas, mas o básico eu sei.

E: E você ta aprendendo alguma coisa diferente desse básico que mudou do ano passado pra cá? (Risos)

M: aprender sobre básico assim.... eu acho que não, que eu recordo não.

E: então, agora eu queria que você me falasse um pouquinho sobre esses cuidados que você já ta acostumada. O que você lembra que são os cuidados que você tem que ter com seu bebê.

M: com o bebê? Que nem lá no interior a gente ia muito na pastoral da criança ai que era colocar o nenenzinho pra dormir de barriga pra cima por causa só... uns falam que não pode, sei lá, eu viro minha cabeça demais. É... cuidados com o umbigo durante tiver fazendo, curando ele pra cair. Deixa eu ver o que mais... minha mãe sempre falava, isso eu aprendi com a minha mãe “não coloca muita cobertura, negocio perto da criança porque ela pode morrer sufocada” (risos). Ah um bocado de coisa lá banhozinho, minha mãe também sempre falava comigo assim na hora que a criança arrotasse e ficasse com as manchinhas brancas que limpasse com uma gazinha com alguma coisa, aquilo lá pra quando os dentes nascesse, nascesse bem saudável. Ah essa coisinhas simples.

E: Já que você ta falando desse cuidado com a boquinha, eu sou dentista, então eu queria que você me falasse o que mais você sabe sobre cuidado com a boca da criança.

M: mais cuidado com a boca da criança? Acho que foi só isso, que eu aprendi foi. (Risos)

E: com a sua mãe?

M: É. Eu sempre fiz e deu certo, sabe, graças a Deus meus filhos não teve nenhum, assim, problema de nadam, só o Caio que teve tártaro. Como você é dentista deixa eu te fazer uma pergunta a mãe pode passar o tártaro dela pro filho?

E: A mãe pode passar as bactérias que Ela tem para o filho e acabar, neah? Desenvolvendo as mesmas doenças.

M: Ah ta, porque o cai teve, é, eu, foi o único que deu probleminha nos dentes, ele teve tártaro e mexeu nos dentes desde quando foi nascendo o dentinho foi corroendo, ai quebrava, ai teve que extrair tudo ele pequeno pra depois nascer outros, demorou a nascer.

E: Você ta participando de algum grupo de gestante, de mulheres?

M: Aqui no posto tava tendo, foi ate acho que com um Rodinei, sei lá, tava tendo com ele. Eu vim acho que é uma vez sozinha, da outra vez não deu pra vim porque eu ia fazer o ultrassom não deu pra mim vim, com ele eu tava participando.

E: E que que você, como é que foi essa reunião que você participou? Me fala um pouquinho dela.

M: Começou acho que com é, não sei se ele é dentista, começou com ele explicando como é que tinha de, a importância que a gestante tinha de fazer o tratamento bucal e explicando aquelas coisas de gestante, como a mulher fica grávida, essas coisas. Foi isso e eu gostei, foi muito bom.

E: E você ficou sabendo de outras vezes além, teve uma vez que você não veio por causa do ultrassom neah? E você ficou sabendo de outras vezes?

M: Ia ter a segunda vez, que foi a que eu não ia vim por causa do ultrassom, aí depois disso eles não mandaram papel lá em casa pra mim mais não. Aí eu fiquei sem saber.

E: E, se tivesse uma outra reunião, teria alguma coisa que você queria que fosse o tema da reunião? O assunto da reunião?

M: Um tema, assim, específico? ... eu acho assim, hum, como se diz, porque como a criança é feita essas coisas todo mundo já sabe, neah? Acho que depois que nasce, os cuidados, até depois de maior, principalmente acho que com tudo, em geral. Pra mim, eu acho que seria melhor, porque o resto a gente já sabe.

E: Ta certo. E pra gente ir concluindo, depois como bebê, quando é que o bebê começaria a vir ao dentista? Já começou a planejar isso?

M: Não.

E: Você já teve alguma informação com relação à criança e o dentista?

M: Não. Eu nunca nem tive uma curiosidade assim de perguntar. Não. E quantos meses? (Risos) Aproveitar que você já ta falando eu te pergunto, quantos meses?

E: Desde neném, quanto antes você trazer pra conversar já é bom. Não precisa nem de esperar o dentinho nascer.

M: É.

E: Agora pra gente ir concluindo, se você tivesse a oportunidade de dar alguma sugestão de mudança aqui para unidade de saúde no atendimento a gestante e a criança você teria alguma coisa pra sugerir?

M: pra sugerir? Assim, alguns exames mesmo que tem que fazer na criança quando ela nasce, é... acho que é o do ouvidinho, é porque faz fora, sabe? Faz muito na maternidade, você podia ter pelo menos o recurso de fazer aqui pra não precisar sair pra ir em outro canto. A minha menina mesmo, ela teve que fazer lá no Odete Valadares, teve que sair daqui pra fazer lá, acho que aqui seria mais fácil. Mas o resto não tenho o que reclamar não, porque tem muito grávida que quer as coisas, assim as pressas, sabe? Outro exemplo, não é tudo que a gente vai encontrar aqui, neah? A gente tem que ter paciência. Mais não tem o que reclamar daqui, eu gosto do atendimento daqui.

E: Ta bom. Em relação a esse momento que a gente teve, teve alguma coisa que te incomodou? Alguma coisa de conhecimento pra nós que estamos pesquisando, fazendo esse trabalho?

M: Repete a pergunta?

E: Desse momento que nós tivemos aqui agora, tem alguma coisa que você queria sugerir pra gente? Alguma dúvida que ficou?

M: Não, não ficou dúvida nenhuma não. Foi tudo muito bem.

E: Ta joia então. Quero te agradecer muito esse momento, essa oportunidade que você deu pra gente poder conversar, foi muito produtivo esse momento.

M: Eu que agradeço.

### ENTREVISTA 3

E: Pra gente começar eu gostaria que a gente voltasse bastante no tempo e você me falasse como é que foi a notícia da gravidez?

M: Foi bem feliz. Foi bem tranquilo, porque eu não estava esperando, e estava com alguns problemas de saúde, mas aí eu vi que tudo era por causa da gravidez, então eu depois que eu descobri que estava grávida melhorou bastante. Então foi muito bom.

E: E como é que foi a notícia pra família?

M: Foi assim mesmo. É, porque na verdade eu tive um tumor na tireoide, e aí, é... esse tumor eu tive, meu hormônio ficou desregulado durante um bom período e a médica chegou a desconfiar que eu era estéril. E aí eu... porque eu fiz o exame e eu tive um hormônio muito alto e ela foi e desconfiou que eu era estéril, e aí só que eu descobri que o hormônio tava alto porque eu estava grávida, então foi muito bom, neah? Melhor, foi muito bom pra todo mundo, tive problema com isso não.

E: Que bom! E como que foi o pré-natal?

M: Foi... eu fiz o pré-natal no Vila da Serra com o Dr. Frederico do alto risco do Vila da Serra. Minha gravidez era considerada de alto risco por causa do tumor e tinha pouco tempo que eu tinha feito o tratamento, então ela era considerada alto risco por isso.

E: E... eu queria que você me falasse mais um pouco de como é que foi o pré-natal, como é que foram as consultas?

O que que você aprendeu? Quais foram as suas dúvidas? Tenta recordar isso pra mim sobre o pré-natal.

M: É... Dr. Frederico ele não era esses médicos que ficavam muito cheio de dedos “ah você precisa fazer isso” então ele era mais assim, sei lá, científico chegava lá ele me examinava, olha ta tudo bem, vamos esperar pra ver como vai, qualquer coisa você pode me ligar” não teve muito assim duvidas esclarecidas. Eu sou a mais nova de três filhas, então eu já tenho quatro sobrinhos, então assim as dúvidas que eu tinha eu esclarecia mesmo lá vendo as minhas irmãs, com minha mãe, então com médico mesmo eu não tive muito esclarecimento de dúvida não.

E: Nesse pré-natal além desse profissional teve outras pessoas que te acompanharam?

M: Não, foi só ele

E: Só ele, aí você não continuou vindo aqui na unidade?

M: Não, eu não vim aqui porque eu sempre tive plano de saúde e eu morava em Ibirité, aí eu casei e vim morar em Belo Horizonte, mas aí eu nunca usei o atendimento, eu uso o atendimento só pra ela aqui, daqui.

E: Entendi. E como que ta sendo o atendimento dela aqui?

M: A maioria das vezes é bom. Eu só não gosto muito porque às vezes repete muito o atendimento só com a enfermeira e as vezes é ruim. Por exemplo, ah, as vezes aparece uma manchinha nela e eu quero saber o que que é, aí eu tenho que esperar muito tempo pra trazer ela na pediatra pra poder perguntar. Então isso é o que eu mais

reclamo com a agente de saúde “ah de novo com a enfermeira, nó, mas toda vez que ela vem aqui é com a enfermeira.” Mas é só isso mesmo.

E: Tava me contando que você aprendeu mais coisas com as suas cunhadas, suas irmãs.

M: minhas irmãs.

E: Suas irmãs! são três mulheres?

M: É.

(Risos)

E: É você aprendeu mais com as suas irmãs. Você lembra quais foram as suas maiores dúvidas que você teve ou as novidades que te surpreenderam mais?

M: Ah não, não sei assim, porque eu fui crescendo já com criança já dentro de casa, então a gente vai vendo, vai aprendendo e eu tinha mais dúvida assim, eu tinha mais dúvida em relação ao cordão umbilical, eu tinha medo de mexer e tudo, depois eu vi que era bobeira porque é a coisa mais simples que tem mexer com o cordão umbilical. Na verdade a fase mais fácil é quando eles estão com o cordão umbilical, depois que cai que o trem aperta. Só isso mesmo, eu não tinha muita dúvida assim, não duvida que eu me lembre, assim, que realmente me deixou preocupada, essas coisas não. Na minha gravidez mesmo as dúvidas maiores que eu tinha era como ela estava dentro da minha barriga, assim, eu ficava preocupada com isso. É, as vezes ela mexia muito, ficava preocupada se era normal ela mexer muito, as vezes ela mexia menos ai eu “ah meu Deus será que e normal ela mexer assim”, então era só isso mesmo, assim, dúvida em relação a como cuidar dela eu nunca tive muita. Eu tive enquanto ela tava na minha barriga, porque eu não podia ficar vendo. Era mais difícil pra mim.

E: Além das suas irmãs teve contato durante essa gravidez com outras pessoas, outro grupo de mulheres, outra gestante?

M: É, eu tive duas amigas que engravidaram na mesma época que eu, é ai...

E: Você lembra, neah? (Falando como neném)

M: Ela lembra. E o contato foi mais com elas, assim, uma ganhou trinta dias antes de mim e uma ganhou trinta dias depois. Então foram só essas duas mesmo que eu tive mais contato durante a gravidez.

E: Ta certo. É, você tinha começado a falar do cordão umbilical que era um medo que passou a ser quase besteira, neah? Queria que você me contasse mais sobre esse começo de vida da Sara, como que foi?

M: Eu fiquei bem desesperada, assim, no início, assim, depois que a gente, depois que ela nasceu que eu fiquei lá no hospital a minha mãe ficou comigo na primeira noite, na segunda noite a minha cunhada ficou comigo, e ai eu fiquei meia desesperada, porque eu vi que era eu e ela só. E depois eu vim pra casa, eu ela e meu esposo, e meu esposo não sabe cuidar nem de cachorro. Ai eu fiquei “ai meu Deus” e assim eu fiquei bem desesperada na primeira noite eu liguei pra minha mãe três horas da manhã, pra minha mãe vim pra cá, eu fiquei bem desesperadinha, assim, porque ela começou a soluçar, eu coloquei ela no peito ela engasgou, ai eu fiquei nervosa comecei a chorar preocupada, ai minha mãe foi e ficou comigo as duas primeiras noites e ela ia e ficava durante o dia comigo. E não sei, quando a gente ganha neném sei lá, a gente fica bem, eu fiquei bem emotiva qualquer coisa eu chorava nos primeiros dias. E toda vez que ela ia embora eu abria a boca pra chorar, porque eu ficava morrendo de medo de acontecer alguma coisa com ela, e eu não sabia cuidar dela

e depois eu fui acostumando. Ai quando ela, antes dela fazer quinze dias eu já ficava sozinha com ela, ai a gente acostuma, ai o medo passou.

E: E como que foi a amamentação?

M: Ela largou meu peito com três meses, ela mamava desde que tiraram ela da minha barriga ela já mamava. Ela pesou quatro quilos, então ela era bem grandinha e ela mamava muito, muito mesmo o dia inteiro, a noite toda. Ai com três meses ela largou, ela não queria pegar peito mais, ai eu tive que começar a complementar a alimentação dela. Ai ela continuava mamando, mas ela mamava e o NAM, ai com quatro ou cinco meses ela largou de vez o meu peito e mamava só a mamadeira. Foi triste.

E: Eu queria que você me falasse agora mais um pouquinho de como que foi o cuidado com a boca da Sara. Quais foram os cuidados que você teve?

M: É, a enfermeira, neah? Me ensinou que tem que pegar enrolar uma gazinha molhar na banheira e antes de colocar ela, neah? E limpar a boquinha, é o cuidado que eu tenho até hoje com ela. Agora ela nasceu dois dentinhos eu comprei aquela escova que você encaixa no dedinho e passa pra limpa.

E: Essa enfermeira quando foi que você teve contato com ela?

M: quando eu ganhei, foi no Vila da Serra.

E: Foi no hospital?

M: A enfermeira no hospital. Porque aqui eu não tive contato com ninguém, ela nasceu eu vim aqui das as vacinas, aquelas primeiras vacinas, neah? Porque lá eles não dão e não tinha vacina aqui, ai eu tive que dar em outro lugar. E depois eu vim ela já tinha quase dois meses que eu passei pela primeira vez por um enfermeiro com ela. Com os enfermeiros daqui eu não tive contato.

E: Ta certo. Além desse cuidado com a boca essa enfermeira lá do hospital ela te ensinou outras coisas?

M: Banho, me ensinou a dar banho, me ensinou a trocar, me ensinou a colocar no peito, a massagenzinha pra cólica, é, colocar ela pra arrotar, me ensinou a cuidar do cordãozinho, do cordão do umbiguinho até cair, foi isso mesmo cuidadinho com o ouvido, olhinho essas coisas.

E: E o que que você achou desse momento que você teve com essa enfermeira?

M: Foi muito bom (risos) mas eu ficava desesperada do mesmo jeito. Mas foi tranquilo, assim é bom a gente ter, assim, e o que eu percebi lá na vila da Serra que as enfermeiras que ficam no quarto elas são, assim, mais preparadas e mais carinhosas que as enfermeiras que ficam no seu pós-parto. Quando ela nasceu eu ganhei de cesariana, e ai ela ficou no berçário e quando elas trouxeram ela pra mim ela tava querendo mamar e a enfermeira veio e posicionou ela toda torta em cima de mim. E ela não estava conseguindo mamar direito, ela começou a chorar eu fui ficando nervosa porque ela tava chorando, ai quando eu subi pro quarto a enfermeira veio, eu estava na mesma posição, só que ela veio, arrumou ela direitinho ai ela até falou assim “vou te ensinar pra você ajudar ela a sugar”, só que na hora que colocou ela no meu peito ela já começou a mamar. E nem deu tempo de ela me explicar não porque ela já nasceu sabendo. Mas foi isso assim, a enfermeira ela teve muito carinho mesmo, muito cuidado.

E: Percebo que parece foi bem diferente do médico que te acompanhou, neah?

M: Foi. Ela era bem, assim, sequinho, assim, ele era muito bom, assim, tudo que precisava, eu passava mal, como ela era muito grade eu fiquei com a barriga muito grande e qualquer esforço que eu fazia eu começa a sentir muita dor, muita contração, ai eu ligava pra ele e ele “então vem cá” e eu chegava lá e não era nada de novo. Mas ele foi muito assim, atencioso com meu parto, ele fez meu parto na hora mesmo que ele marcou eu não fiquei esperando, ele providenciou tudo pra mim eu não tive que me preocupar com nada, ele foi muito bom. Só, uma vez também que eu passei muito mal fui pro hospital e fiquei em observação foi até dois de janeiro, ele tava em viagem foi lá até só pra me ver e tal, ele era muito bom, só que era muito seco assim, falava tudo muito “você ta bem, não ta com dilatação nenhuma, ela ta bem, que não sei o que” ele era bem assim, mas muito bom.

E: Ta ótimo. Pra gente ir já partindo pra um finalzinho eu tinha que tirar algumas dúvidas, eu sou dentista, eu queria tirar algumas dúvidas nessa relação. Você foi encaminhada em algum momento para o dentista quando você tava grávida?

M: Não.

E: E agora a Sara?

M: A Sara o pediatra dela já falou que eu posso levar, neah? Pra ver como que é e talz, mas ela falou que eu posso

maternidade depois do pós-parto, no pós-parto. É, o que você achou dessa enfermeira?

M: Que ficou comigo no pós-parto?

E: Depois do pós-parto, essa que te deu uma serie de orientações.

M: Ah, ela era muito preparada, assim, porque lá tem muita grávida (risos), mas elas são muito bem preparadas. Eu fiquei internada antes lá em janeiro, eu fiquei internada lá porque eu tive suspeita de pré-eclâmpsia, ai eu fiquei internada. E assim, eu

Quando eu ganhei elas foram muito prestativas, eu tive hemorragia e ela foi lá pra cuidar de mim e ficou e tal, liguei pro meu médico, perguntou se precisava de algum remédio.

E: Se você pudesse dar alguma sugestão pra melhorar o atendimento aqui do posto de saúde em relação a gravidez e aos cuidados dos bebês teria alguma sugestão?

M: Eu, gravidez eu não posso falar porque eu fiz, o controle eu não fiz aqui. Mas, em relação a ela quando eu ganhei eu

esperar um pouquinho pra começar a nascer os de cima pra eu poder levar.

E: E você já pensou como você vai levar, como você vai fazer isso?

M: Não, não pensei onde eu vou levar ainda não, mas eu vou esperar mesmo os de baixo nem terminaram ainda de nascer. Está bem pequenininho ainda eu vou esperar mesmo o de cima e vou pedir um encaminhamento pra eles de algum dentista.

E: Você tinha me contado mais cedo e eu fiquei curioso, mas eu tinha aguardado pra esse momento você comprou uma escovinha de dedo, neah? E quem te orientou a comprar a escovinha de dedo?

M: Pediatra.

E: Pediatra?

M: É.

E: E tem mais alguma orientação que o pediatra te deu?

M: Não. Ele falou que se eu quisesse esperar pra nascer mais alguns dentes pra eu poder comprar uma pasta e ele até falou o nome da pasta de dente que pode comprar, eu não sei o nome, mas ele falou que se eu quiser comprar também, pra poder ajudar e tudo.

E: Ta certo.

M: mas ele não é pediatra daqui não, ele é particular.

E: Continuando pra esse finalzinho, eu fiquei muito curioso com essa enfermeira que te cuidou lá na

que tive que vim atrás da agente de saúde, a agente de saúde não foi na minha casa eu que tive que vim aqui. Eu já sou casada a, vai fazer cinco anos de casada e a agente de saúde nunca tinha ido na minha casa, eu que tive que vim, pra poder fazer o cartão do posto, pra poder marcar com ela, pra poder trazer ela. E é assim, as vezes dá a data da consulta, quando eles são mais novos tem mais consultas do que agora, e eu que tive que vim aqui ou ligar aqui, porque ela também demorava muito a levar na minha casa a consulta, e as vezes ela ia na minha casa e a consulta era pro outro dia, só isso mesmo, só a agente de saúde que eu achei mesmo.

E: Não dava tempo de você se organizar.

M: É, bem ruinzinho, assim, o atendimento dela.

E: E a última coisa, pra gente da pesquisa você teria alguma sugestão, alguma queixa?

M: Não! Tem nenhuma sugestão nem queixa não.

E: Ta joia. Então é isso.

#### ENTREVISTA 4

E: Pra gente começar a nossa conversa eu queria que você me contasse como que foi a notícia dessa gravidez atual sua?

M: Péssima, horrível.

E: Por quê?

M: porque meu marido não gostou, meu filho, a sogra também não gostou, minha mãe nem tanto porque minha mãe já é mais tranquila. Minha sogra, meu filho, meu marido também “já tem dois meninos, a gente ta custando a dar conta de dois agora vem mais um, é culpa sua!” foi desse jeito.

E: e como que ta agora? Isso já melhorou?

M: Por enquanto não falou nada não, neah? Ai chegou ontem, antes de ontem, acho que foi sexta-feira me liguei eu saí pra casa da minha mãe e não levei meu celular,

deixei em casa, ai diz ele que atendeu e era pra remarcar a consulta, ai como ele falou que eu não tava ai o homem falou “ah então vai ter que ser só na semana que vem”, porque a consulta ia ser hoje, neah? Ai ele “ah então vou poder marcar só pro mês que vem”, ai ele “o homem deixou o papel pra você ai, você viu?”, ai eu “vi”. Ai ele ainda não ta muito assim não, mas no começo eu já pensei muita coisa já pensei em tirar, já pensei em doar, dar pros outros, ai ele foi e falou comigo que é bobeira fazer isso, ai com o tempo ele vai acabar aceitando.

E: O começo é mais difícil, é um susto, neah?

M: É!

E: EH, quantos meses você está mesmo?

M: vai fazer três mês que vem.

E: Três meses. E como que estão as consultas de pré-natal?

M: nenhuma.

E: Não fez nenhuma?

M: Nenhuma, porque nos dois meses eu achei que podia ser um atraso assim um atraso de não descer, porque costumava não descer, mas depois descia. Ai eu vi que eu comecei a sentir muita dor na boca do estomago e do meu primeiro menino foi assim. Eu senti muita dor na boca do estomago e fui no medico, o médico falou assim comigo “nós vamos ter que fazer”, como chama aquele trem, é ... o trem que enfia na garganta assim, pra ver o que é. Cheguei aqui eu pedi a medica, neah? Ai ela falou assim: “não, nós vamos fazer o teste de gravidez, porque aqui tem aquele negócio da farmácia, você aceita fazer?” eu falei “não, eu vou fazer pra ver.” Ai ela falou “realmente você ta grávida, agora nós vamos fazer um do posto pra comprovar que ta, porque no posto não aceita aquele da farmácia.” Ai fiz, ela falou que era isso mesmo tava grávida.

E: E então você já pegou o resultado do teste no posto. E como que foi essa consulta do dia que você pegou o resultado do posto?

M: Não consultei ainda.

E: Você só pegou o resultado.

M: É só peguei o resultado e marcaram, ai já é a terceira vez que eles vai lá em casa remarcar o trem de novo. Ai na primeira vez remarcou pra dia 28, não, era dia 9, aí a mulher foi lá e falou “já não vai ser dia 9, vai ser dia 28 que ia ser depois de amanhã, ai o homem foi e ligou pro meu marido e falou com meu marido que agora não ia ser mais dia 28, ia ser hoje, neah? Que ia adiantar um pouco, ai como eu não tava ele remarcou só pro mês que vem agora.

E: Dificil, neah?

M: É.

E: E... já te chamaram pra ir no dentista?

M: Não. Ainda não, deu só esse papelzinho que a mulher marcou pra mim lá, só. Não falou mais nada.

E: É eu queria que você me falasse um pouquinho quais são os cuidados que você lembra que tem que ter durante a gravidez.

M: Oh! Eu sei que tem que escovar os dentes três vezes ao dia, passar fio dental, ter uma alimentação mais saudável, só que eu não curto muito uma alimentação muito saudável, gosto e comer muita porcaria. Ah, essas coisas assim que eu sei mais ou menos.

E: E depois? quais são os cuidado com o bebês no comecinho que você lembra?

M: Nossa, faz muito tempo! Ah, eu sei que assim, eu sei dar banho, tenho que amamentar até uns seis meses ou se não até uns dois anos, apesar que eu não amamento até uns seis meses completo, vou até uns quatro, cinco meses e depois eu dou mamadeira, normal. A única parte que acho um pouco mais difícil é a parte do umbigo, que aquilo ali me deixa um pouco que nervosa. Mas fora isso é tudo tranquilo, cuidou direitinho, normal.

E: Como é que cuida da boca do bebês, você se lembra?

M: Eu sei que eles fala que tem que passar um paninho, neah? Existe agora uma escovinha, neah? Que você põe no dedo pra limpar, mas é com um paninho, fala que pode até limpar com um pouquinho de bicarbonato também. Poe ele na água pra passar e pra limpar a parte de dentro.

E: Você lembra quem foi que te contou essas coisas todas?

M: Ah, isso ai foi só lá no hospital mesmo.

E: No hospital. Assim que o bebês nasceu?

M: É, sol ah no hospital mesmo que eu fiquei sabendo desses trem tudo.

E: Como que é no hospital?

M: Ah, no hospital é bom! Lá você já sabe de tudo, você já fica sabendo de tudo, até como dar banho em neném você já fica sabendo. Eu não sabia, porque quando eu dou banho em neném novinho chora muito, ai eles me ensinaram como dar banho você pega um flauda, enrola ele , porque vai ser tipo que o colo do útero, ai você enrola ele numa flauda bem enroladinho e põe ele na água, ai joga a água por cima. Aí diz ele que é assim que você acalma o neném rapidinho, ai o menino não fica tanto chorando assim também não. Ai eu falei “noh, que lega, não sabia disso

E: Legal. Você lembra mais coisa desse... no hospital?

M: Ah, sei que lá você é muito bem tratada, neah? Pelo menos lá onde eu fui, no Julia lá você é bem tratada mesmo. Trata bem, eles te ensinam tudo direitinho, tem muito segredo não.

E: O que mais você lembra de ter aprendido, além do banho com a fraldinha?

M: Ah, eu acho que é só. Porque eu não aprendi muita coisa assim não.

E: Nas outras gravidez que você teve, dou outro filhos você acompanhou aqui na unidade?

M: Não, eu não morava aqui não. Eu morava no, o primeiro eu morava lá no Marilândia em Ibirité e a outra lá no bairro vila pinho.

E: mas você acompanhava lá, nesses locais?

M: É.

E: E você lembra de alguma coisa que você aprendeu lá nesses locais? Assim, de diferente?

M: De lá eu não lembro de nada! Porque lá eles são muito pouco, assim, pra ficar conversando com você, então lá eles só ensinavam só o negócio de pesar e medir, esses trem só. Agora, aqui no vila pinho não era muito assim não, só umas vezes mesmo que eles iam muito lá em casa por causa que ela tinha quebrado a clavícula dela, ai tinha que ficar enfaixada só isso que eles iam lá olhar só. Pra ver se já estava colando, se tava tudo certinho, bonitinho, só isso, lá eles não ensinam muita coisa assim não.

E: E tem alguma coisa que te preocupa pra esse caminhar dessa gestação que você está vivendo?

M: É, tem. Aqui tem, porque assim minha Irma me falou, neah? Não sei se é verdade, no dia da consulta vou até conversar com o médico, porque eu queria assim, que na hora que ganhasse eu já queria ligar de uma vez, ai diz, minha Irma me falou que não é mais assim. Diz que agora você tem o menino primeiro depois de sessenta dias você volta no hospital pra poder fazer a ligação normal. Ai eu falei pra ela “ ah, então assim nem compensa, você vai lá e já ganha o menino morrendo de tanta dor, ai você já vai ter que passar depois de sessenta dias e cortar a faca de novo na barriga pra poder ligar ” ai eu falei “então nem adianta”. Ai vou ter que conversar como medico depois pra ver o que que eles vão resolver. Só isso, fora isso ta tranquilo. Fora a minha dor de estomago que ta, ah, nossa! Dói de mais.

E: Ta certo. É.. a gente não costuma aprender só aqui na unidade de saúde, neah? A gente costuma aprender até com outras pessoas.

M: Ah, mas aqui é muito difícil bobo, aqui eu não conheço ninguém mais aqui não. Eu não conheço muita gente aqui não, só fica assim, a gente aprende assim, só entre eu e minha Irma. Porque agora ela vai ganhar menino agora, acho que daqui uns dois meses, ai ela vai ter menino agora, ai tudo que acontece com ela lá das coisas nois fica prosiando, conversando como é que foi aqui, que que ela

aprendeu, que que não aprendeu, ai depois a gente conversa, ai a gente fica trocando ideia.

E: E você já foi convidada alguma vez pra grupo, reunião de gestantes?

M: Aqui não.

E: E em outros locais?

M: Em outros locais já! Mas eu nunca fui.

E: você lembra porque você nunca tinha ido?

M: Preguiça mesmo! (Risos) É porque o posto lá de onde eu morava é muito longe, ai nós! Tem que andar muito. Até que aqui é pertinho, rapidinho eu chego aqui no posto, até que, até hoje não foi complicado não. Apesar que eles deve convidar, neah? Se for para ligar, as vezes tem que participar de um planejamento familiar.

E: Ah, eu pergunto de grupos mais assim, você ta falando da sua Irma, sua Irma? Que também ta grávida?

M: É.

E: E vocês ficam trocando interação e você aprende muito assim, ai eu tô pensando se não tinha curiosidade de participar de um grupo de outras mulheres gestantes, pra vocês trocarem informação do mesmo jeito.

M: Não sei se aqui tem!

E: Você ainda não recebeu convite?

M: Não.

E: Ta certo. Pra gente finalizar, eu queria que você me falasse, se tivesse a oportunidade de dar alguma sugestão aqui para o posto de saúde, pra melhorar o atendimento pra gestante, pras crianças novinhas o que você daria de sugestão?

M: Eu não saberia te dizer! (Risos) Porque eu nunca consultei nesse posto, ainda não sei como que funciona esses negócios daqui ainda, essa vai ser a primeira vez que eu vou consultar.

E: E pra nós da pesquisa? Você teria, abrindo um espaço pra você falar alguma coisa pra gente.

M: Não, até que vocês foram muito bons, muito educados (risos), perguntou as pergunta muito direitinho, certinho, não fez umas perguntas muito difícil (risos), vocês foram ótimos, estão de parabéns!

E: Ta ótimo! Então ta, então é isso, agradeço.

## ENTREVISTA 5

E: A gente vai recordar desde quando você descobriu da gravidez. Quero que você me conte como que foi a notícia da gravidez.

M: Ah, foi muito inesperada! Porque eu nunca passei por isso, é o meu primeiro filho, ai eu fiquei muito preocupada sem saber o que eu ia fazer com ele. Ai depois veio a orientação de fazer o pré-natal, ai eu comecei a fazer o pré-natal num posto lá do Vila Pinho, ai depois que eu vim morar aqui me transferiu pra cá, ai pra mim tudo era surpresa. (Risos) Ai depois eles foram me orientando, ai que eu fiquei sabendo direitinho como que é.

E: Legal. E como que foi a noticia pra família?

M: Ah, minha mãe ficou desesperada porque eu sou a filha caçula dela, então, ela não esperava isso tão cedo, ai ela ficou desesperada, mas ai ela ficou feliz porque ela nunca teve um filho homem. Então pra ela, ela ficou muito feliz porque era neto homem ela só teve duas moças, ela ficou feliz porque era menino homem, ai ela acostumou com a ideia. E hoje ela adora ele.

E: E você lembra quando você descobriu o sexo da criança?

M: Ah lembro! Porque pra mim foi muita emoção porque eu queria menina e o pai queria menino, ai eu falei assim” ah não! Vai ser menina” ai no dia do ultrassom ele falou assim “deixa eu entrar com você pra ver?” “Ah não! Eu vou entrar sozinha.” Ai eu entrei sozinha e fiquei escondendo pra ele que era menino o tempo todo, ai chegou a chorar e falou assim “já sei é menina que você queria não é?” ai eu falei assim “não é menino!” ai ele ficou super feliz, a mãe dele também, o avô queria menino, ai ficou todo mundo feliz.

E: Que bom! E como é que foi a escolha do nome?

M: Ah, foi difícil! Porque eu queria Frederico e o pai falou que esse nome é muito feio, que não queria, ai minha mãe foi e falou assim “Nó, Luiz é bonito!” ai ele foi e disse “então vamos colocar Luiz Felipe? Que eu chamo Felipe fica mais bonito.” Ai colocou Luiz Felipe.

E: Ah, legal! Você tava me contando mais cedo que como foi o primeiro era muita novidade, neah? E que você aprendeu muita coisa ali! Eu queria que você me falasse um pouco como que foi esse pré-natal.

M: Ah, meu pré-natal foi super tranquilo eu tive um médico super paciente, que cuidou do meu pré-natal, ai ele me “explicava” tudo, falava que não precisava ficar com vergonha porque ele era um médico e ele já “praticou” (praticou) muito, ai foi me explicando, ai a sensação depois eu fui acostumando, com a barriga crescendo, neah? Os desejos de comer as coisas, eu tinha era muita queimação no estomago, nó eu odiava, porque queimação no estomago, nó, é insuportável. Ai questão porque ele veio muito cabeludo, ai a queimação no estomago era por causa disso.

E: Entendi. E você lembra quais foram as coisas que te marcaram mais?

M: Ah, foi a barriga crescendo, nó demais da conta, só crescendo, só crescendo, fiquei com um barrigão enorme! Ai eu, nó, fiquei super vergonhosa de sair na rua, ai depois eu me acostumei com a ideia, ai foi até ele nascer. Ele é super alegre, conversa!

E: Tô vendo! E além desse medico que você falou que foi super atencioso, quem mais que te acompanhou?

M: Ah, ai depois eu vim pra cá, pra esse posto de cá, ai a medica pegou e foi falando comigo que ela que seria minha paciente, ai que fui e comecei a tratar aqui depois que ele nasceu. Porque eu fiz tudo, o pré-natal todo lá em baixo no Julia. Ai eu andei muito, fiquei mais no Julia, porque eu era de menor tinha 15 anos, então em questão disso eu tinha que fazer no Julia. Ai meu acompanhamento era direto lá nos Hospital da Clinicas, ai eu ficava morrendo de vergonha de ir no Hospital da Clinicas, porque é muitos estudantes que quer ser médico que ficava nas salas. Em questão que uma vez ele mexeu na minha barriga, ai o médico que tava aprendendo, ai ele pôs a mão assim, ele chutou ai ele falou assim “Nó! Machuquei o bebê, machuquei o bebê! (Risos) E ficou desesperado achando que tinha machucado o neném, sendo que ele tinha chutado.

E: E durante a gravidez você passou no dentista também?

M: Passei. Ai fez clariagem dos dente, ai eu tive que passar pelos dentistas, ai esse pegou e fez clariagem, ai foi tudo bem.

E: Você lembra quais foram as orientações que eles te deram? Os dentistas.

M: Ah, de sempre escovar os dente, que não podia deixar de escovar os dente porque era muito perigoso, ai foi isso.

E: E depois que o Luiz Felipe nasceu? Como é que foi cuidar dele no comecinho?

M: Ah, no comecinho eu tive muita ajuda, a avó dele ajudando, porque ele era muito molinho, ai do “imbigo” dele foi só as primeiras semanas que elas me ajudaram a cuidar, o resto foi eu. Ai eu curei o imbuginho dele, ai eu fui cuidando.

E: E como que foi o acompanhamento dele no dentista?

M: Oi? Dele? Ai eles falou assim que tem que escovar os dentinho dele, ai eu comprei a primeira escovinha dele que tem poucos negocinho pra escovar os dois dentinhos, e falou assim que a pasta de dente tem que ser sem flúor. Ai eu escovo os dentinhos dele com a pasta de dente sem flúor.

E: Quem foi que te ensinou a fazer isso mesmo?

M: Foi o médico daqui, eu esqueci o nome dele.

E: O médico? Não foi o dentista não?

M: Não, foi o médico mesmo. Ai depois eu passei pelo dentista, ai eles mando eu vim cá participar da palestra dos dentinho dele que aqui tem.

E: E você participou?

M: Participei. Ai eles ensinou que tem que escovar os dente dele devagarzinho pra não machucar, ai é só os dentinho porque aonde não nasceu não pode escovar ainda não. Porque se escovar ai dói, ai ele chora. Agora até ele mesmo pega a escova e escova.

E: e durante a gravidez você foi convidada pra participar de algum grupo de gestante? Alguma reunião de mulheres?

M: Não, isso não me convidaram não, porque tem é lá na Santa Casa, ai eles foi e falou assim que se quisesse ir lá podia, mas eu tava participando no posto, ai não precisava de ir lá.

E: Tendí. Mas tem alguma outra orientação que você lembra de ter, alguma orientação, alguma informação, algum jeito de cuidar que você tenha aprendido que foi marcante para você?

M: Eles falou que tem, que pra dar banho nele tem que pegar devagarzinho porque cabeça é muito sensível,

porque ai tinha que cuidar dele direitinho, porque se não qualquer quedinha machucava ele quando ele era novinho. Ai eles deu a aula lá dentro do Julia, ensinado, nos primeiro momentos de vida deles eles que dava banho, ai ensinando a gente a fazer tudo.

E: E o que que você achou desses momentos que você teve lá no Julia?

M: Ah, foi super emocionante porque é o primeiro, então a gente fica muito ansiosa.

E: Entendi. Pra gente ir acabando se você pudesse dar alguma sugestão para melhorar o atendimento aqui dos posto, você teria alguma coisa pra falar?

M: Ah, eles têm que melhorar bastante! Igual atendimento, eles têm que dar muita informação, muitas vezes você quer uma informação e eles não sabe te dar uma informação direito. “Inqual”, ele ficou praticamente três meses sem passar por um pediatra, porque eles falou que ia marcar, ai eu vim cá eles não soube me informar direito, ai depois que eles falou que a criança de seis meses tem que esperar até dar nove mês pra fazer o atendimento. Não soube me explicar no momento que eu precisava. E aqui também caso de você chegar dois minutos ou cinco na hora da consulta eles não te atende mais, chegar dois minutos ou cinco você já perdeu a consulta, neah? E no caso você vim de casa, eles atende no horário que eles marcou agora passar dois minutos eles não atende, agora o caso eles passam do horário de atender você não pode falar nada. Tem que melhorar bastante, porque a melhoria que facilita, neah? Ai eles têm que melhorar em questão disso, dois minutos ou cinco minutos que diferença que faz?

E: Tendí. E pra gente da pesquisa? tem alguma sugestão pra gente?

M: Ah, entrevistar mais pessoa neah? Colher mais informação pra vocês saber o que vocês falar pra eles melhorar também.

E: Olha nos estamos correndo atrás, mas ta difícil achar gente pra responder, não é todo mundo que é paciente igual a você não! Então ta! Eu queria te agradecer muito esse momento, era basicamente isso.

## ENTREVISTA 6

E: Eu queria que você me contasse com que foi a notícia da gravidez pra você?

M: Como eu sou menor de idade eu tenho 17 anos, neah? Então como foi sem eu esperar eu tinha um pouco susto, porque na hora que eu fiquei sabendo a noticia, porque no dia que eu fiquei sabendo o resultado do meu exame de sangue eu já fiz o meu primeiro pré-natal, então foi muito assim, foi muito impactante pra mim. E pra contar pra minha família na hora passou mil coisas, neah? Como é que eu vou fazer, ainda não terminei estudo, mas ai a minha medica foi conversando comigo e aos poucos eu aceitei. Mas no primeiro momento minha preocupação foi mesmo como que eu iria fazer, mas eu aceitei numa boa, assustei mesmo.

E: E como que foi pra sua família?

M: Ah, ninguém aceitou, ninguém lá de casa aceitou. Agora que eles estão começando a voltar a conversar comigo, mas como minha mãe é falecida e eu morava com a minha avó, no momento ela me expulsou de casa e eu não tive a oportunidade nem de fazer nada, foi questão assim

de segundos. Eu cheguei, contei pra ela, foi difícil falar mas assim que eu terminei de falar ela não quis nem, sabe? Ela falou comigo “junta as suas coisas agora e vai embora”, não tive oportunidade nem de respirar, sabe? Peguei minhas coisas assim e sai na mesma hora, mas agora ela foi e voltou a conversar comigo numa boa. Ai eu tive que morar com meu namorado, neah? Pai do neném. Porque ninguém aceitou meu pai até hoje não conversa comigo mais por causa disso.

E: Complicado. E pro namorado como que foi a notícia?

M: Por ele ser maior, já ter trabalho fixo, casa própria, já tem o automóvel dele próprio pra ele já não foi tão difícil igual pra mim que sou de menor, neah? Pra ele, ele gostou, igual ele tinha sempre o sonho de ter um menino homem, no caso eu tô grávida de menino homem pra ele foi ótima a noticia, ele ficou muito feliz, sabe? O único que gostou também, porque até eu fiquei meio assustada não gostei na hora, mas ele aceitou bem

E: Essa notícia do bebê ser home, como que foi pra você?



M: Oh, como eu sou mulher, toda mulher eu acho que sonha em ter uma menina, ai eu fiquei meio triste no dia que eu fiz o ultrassom. Eu tava torcendo pra ser uma menina, porque tava difícil de ver, ai quando eu inteei o quinto mês que eu consegui ver que era menino. Mas na hora eu queria uma menina, falei “ah não! Não vai dar certo isso.”, ai ele ficou todo feliz, sabe? Ai pela felicidade que ele ficou eu me alegrei, ai depois que vai comprando as coisinhas, os sapatinhos você vai se apaixonando aos poucos, é bonitinho de mais.

E: E me conta como que foi a escolha do nome?

M: A gente tinha combinado que se fosse menina eu ia escolher e se fosse menino ele ia escolher, então ficou por ele escolher, apesar que eu não gostei do nome mas como a gente tinha apostado, então.

E: E qual que é o nome?

M: Miguel Henrique.

E: Miguel Henrique é um nome bonito!

M: Mas todo mundo coloca Miguel, Davi, Lucas, sabe? Eu não queria um nome muito repetitivo. Igual, lá na rua lá de casa tem três Miguel, mas como é o sonho de te Miguel, ai e já tinha falado que se fosse homem ia ser Miguel, ai ficou Miguel.

E: E como que ta sendo o pré-natal pra você?

M: Ai é ótimo, porque ainda mais pra gente que é nova, mãe de primeira viagem a gente não sabe de muita coisa, o pré-natal ajuda a gente muito. Principalmente quando você precisa, assim, ta passando igual eu já passei muito mal na minha gravidez, eu fiquei meus primeiros três meses vomitando, eu enjoava com água, eu não comia nada, então o pré-natal foi ótimo pra mim. Porque eles me passaram vitamina, remédio isso foi o que me fortaleceu porque eu fiquei muito mal mesmo. Eu não conseguia sair no sol sozinha que eu desmaiava na rua, porque eu ficava muito fraca e o pré-natal ensina mais a gente, neah? Igual as minha medicas também aqui, porque eu não faço só com uma pessoa, elas conversam muito com a gente, orienta a gente bem, sabe? Como eu tinha ficado muito triste, até meu quarto mês eu não aceitei bem, fiquei meio pra baixo elas me ensinaram muito, sabe? Me deram muita forca, mais que a minha família. Acho que essencial o pré-natal.

E: O objetivo do meu trabalho é bem nessa parte de que você ta aprendendo, então eu queria que você me contasse mais sobre o que você ta aprendendo aqui nesse pré-natal seu que você se recorda.

M: Ah, pro neném assim, eles não me falaram muita coisa, eles me falou os cuidados que tem que ter na gravidez, por exemplo as alimentações que tem que ter de três em três horas, ainda mais que a minha pressão é baixa eu tenho que ta comendo sempre pra que eu não passe mal. E caso se houver, vai chegando um certo tempo, neah? Vai acontecer a hora do parto, neah? Então se caso houver alguma coisa tipo sangramento, esses trem eu sei que eles falam sempre, mas sobre o neném ainda eu não tive nenhuma informação não. Eles me passam só no dia que você vai, igual eles medem a minha pressão e fala que ta ótima, olha os batimento do neném, até eles falam mais sobre o que acontece na hora, depois assim, ainda não teve muita informação não.

E: E suas dúvidas que aparecem durante a gravidez? Eles estão solucionando?

M: Oh, eu não tive muita dúvida assim não. Minhas dúvidas era se quando começou os enjoos se era normal,

neah? Porque tava em excesso mesmo, ai eles me explicam cada mulher tem uma forma, neah? De passar mal na gravidez, neah? E eu passei muito mal mesmo, eles me explicaram que isso era normal e me deram remédio, mas duvida assim eu não tenho muita porque não acontecendo muita coisa comigo não, a não ser esses enjoos que veio diferente.

E: Quem ta te acompanhando? Quem são as pessoas que estão te acompanhando?

M: Minhas medica? Oh, Dr. Juliana foi a minha primeira, a Dr. Cristina que eu já consultei e tem a Doutora... Ai meu Deus, qual o nome dela... eu consultei com ela só uma vez, a Sara que eu consultei e o Rodney.

E: Eles são médicos?

M: São. Só o Rodney que é o enfermeiro.

E: Ah, e o enfermeiro. Além de medico e enfermeiro tem mais alguém que ta te acompanhando?

M: Não, só eles mesmo.

E: Você já teve a oportunidade de ir no dentista?

M: Não, eu ia agora. Morro de medo também.

E: E você já começou a pensar de como vai ser quando o bebê nascer? Pra cuidar dele?

M: Não faço a mínima ideia, eu acho que a gente aprende conforme a situação for ocorrendo, eu acho que não tem como, não consigo começar a imaginar não.

E: Ah... Você já imaginou como vai ser o parto? Se vai ser cesariana, você já conversou sobre essas coisas?

M: A minha medica Cristina a última vez que eu consultei com ela falou que havia uma possibilidade de eu ter normal, caso não tenha nenhuma outra coisa que venha a interferir, normal até então. Mas eu prefiro normal também do que cesárea, independentemente da dor neah? Que a gente diz que parto normal é doloroso na hora, mas cesariana depois também não é fácil não. A gente que acompanha, igual minha mãe também que teve cesariana da minha Irma que hoje tem cinco anos e ela sofreu muito, então eu prefiro cesárea.

E: ta certo. Pra gente ir concluindo quero abrir o espaço pra que se você tivesse que dar alguma sugestão pro posto melhorar o atendimento pra gestante, se você teria alguma sugestão pra dar.

M: Como pra mim ta ótimo eu não sei. Porque comigo eles me tratam super bem, sabe? São muito educados, eles ajudam a gente em tudo que a gente precisa, então eu não sei o que é que eu posso te falar pra melhorar. Pra mim não tem nada de ruim.

E: Não, ta ótimo. Me surgiu uma dúvida agora, você foi convidada pra participar de algum grupo de gestante ou de mães? De alguma reunião?

M: Não.

E: Não? Nada nesse sentido. Teria interesse?

M: Ah, eu acho que sim. Porque eu sou mãe de primeira viagem, eu acho que reunião seria bom a gente aprenderia mais.

E: ta certo. Pros nós da pesquisa, você tem alguma sugestão? algo que te incomodou durante essa entrevista?

M: Não.

E: Tranquilo?

M: Tranquilo.

E: Então ta bom, é só isso, é só isso a nossa conversa. Você tem os nossos contatos qualquer coisa é só entrar em contato com a gente.

## ENTREVISTA 7

E: Como é que foi essa notícia pra você?

M: (não consegui ouvir)

E: E pro restante da família como que foi?

M: Ah, eles foi na hora e ficou assustado depois eles (não entendi).

E: E quando você descobriu o sexo do bebe como é que foi pra você isso?

M: Ah, foi

P: Mais ou menos.

M: Ah é, foi mais ou menos porque eles tava esperando, porque eu fiz o primeiro ultrassom e não deu pra saber o que que era porque ele estava com a perna cruzada. E todo mundo começou a falar que era menina, ai na hora que eu fiz o segundo comprovou que era menino, ai já tava esperando uma menina, ai depois nós acostumou também.

E: Mas geralmente o pai quer menino

P: É, eu tava esperando menino, mas quando ela fez o ultrassom tava de quatro cinco meses, ai não deu pra ver todo mundo começou “é menina, é menina!” Ai eu falei assim “é, é menina”, tava comprando tudo rosa (Risos) Ai no outro ultrassom já tava com sete meses, ou seja quase três meses depois ai “é um menino”, ai já foi aquele choque.

E: Ta certo. E como que foi o pré-natal? Queria que você me contasse um pouco sobre esse momento, esses momentos de pré-natal.

M: Ah... primeiro eu fiquei muito ansiosa em todos, principalmente na hora que ia escutar o coraçãozinho. Eu ficava, nó, a parte que eu mais gostava da gravidez era o pré-natal.

E: E eu queria que você me contasse um pouco sobre o que você aprendeu durante o pré-natal?

M: Ah, o que eu aprendi? Que pra ter um neném, tem que ter muito cuidado, ah como que posso te explicar...

E: Ta bom. Me conta quem foi que ET acompanhou no pré-natal?

M: Ele! O meu marido.

E: E quem eram as pessoas que te consultavam aqui?

M: A Natalia, a enfermeira Natalia, a ginecologista... ah esqueci o nome da ginecologista, e tinha...

P: Cristina.

M: A Cristina ginecologista e uma vez foi com o Dr. Bruno.

E: Então teve enfermeiro...

M: A enfermeira, a ginecologista e uma vez o médico.

E: Ta certo. E teve mais alguém?

M: Não.

E: Você foi ao dentista durante a gestação?

M: Fui uma vez.

E: Ah, e você lembra de como que foi a consulta?

M: Ah, elas falou que o meu dente tava norma, que não tinha carie nenhuma.

E: E lá nessa consulta você teve alguma orientação?

M: Elas falou que eu tinha que escovar bem os dentes por causa, elas falou assim que depois que o neném nasce depois de um tempo a gente acaba beijando eles, ai tinha que cuidar bem dos dentes.

E: Teve mais alguma coisa que você aprendeu de diferente?

M: Que eu me lembre não.

E: Ta certo. Até agora a gente falou muito de como é que foi a gravidez, neah? E como é que foram os primeiros dias depois que ele nasceu.

M: Ah foi meio, vamos dizer meio tranquilo.

E: Eu queria que você me contasse um pouquinho desse período dos primeiros dias dele em casa.

M: Em casa? Ah, foi muito bom.

P: É pra contar como é que foi.

M: como que foi...

E: O que você teve que fazer que você lembra que foi marcante?

M: Nada! (Risos) porque ele que fazia tudo.

E: Ah é! Por isso que foi tão bom não teve que fazer nada. Tudo foi o pai que fez, foi correndo atrás de tudo (risos)

P: Mas é verdade.

M: Até os banhos no hospital quem deu foi ele. Porque eu não tive coragem.

P: Quem curou “embigo” foi eu, até o “embigo” dele cair quem deu banho nele foi só eu.

M: Eu dei uma vez, eu tinha medo.

E: Ah é! Interessante. E assim, durante a gravidez teve algum momento que você pôde se reunir com outras grávidas, ou com outras mulheres pra te preparara, pra trocar informações, suas dúvidas. Nada nesse sentido?

M: Nada.

E: E nas consultas você conseguiu tirar todas as dúvidas?

E: Ta certo. Mas mesmo assim quem cuidou foi o pai? Porque?

M: Porque ele nasceu muito magrinho, ai eu tinha medo de deixar ele cair, ai foi o pai em tudo.

E: Legal, muito legal ainda bem que tinha um pai presente. Como é cuidar da boca dele agora?

P: A gente faz a limpeza com vinagre, um pouquinho de bicarbonato e água. Só um pouquinho de bicarbonato, tem dia que coloco a frauda pra tirar aquele resido de leite que tava ali.

E: E quem foi que orientou vocês?

P: A minha tia.

E: Sua tia. E aqui do posto vocês não tiveram nenhuma orientação com relação a dor?

P: Não, é que ela falou assim com a gente porque teve um sobrinho dela que tinha dado estomatite por não ter tido essa limpeza.

E: Legal. E teve alguma dúvida que ficou durante a gravidez ou os primeiros dias que não ficou solucionada?

P: Eu tenho uma. Quando nasce os primeiros dentinhos como que faz pra limpar?

E: Ah! Daqui a pouco eu vou contar isso tudo, vou investigando vocês primeiro depois a gente tira essas dúvidas todas. É, vocês já se preparam pra ir ao dentista e levar ele alguma vez? Já pensaram nessa possibilidade?

P: Não.

E: Não. E como que foi a amamentação? Queria que você me contasse um pouco sobre isso. Que agora não tem como fugir, não tem como ser o pai pra amamentar. (Risos)

M: Eu, ai eles me orientaram de amamentar ele de três em três horas, ai o peito não tava sustentando, ai a gente dava a mamadeira de três em três horas.

E: Quem foi que deu essas orientações pra você?

M: Foi lá no hospital que ele nasceu, a medica que falou.

E: Então foram orientações lá recém-nascido mesmo isso, do hospital. Você lembra de mais alguma coisa que você aprendeu lá no hospital?

M: Lá no hospital...

P: O banho.

M: O banho, como dar banho.

E: Me conta um pouco.

M: Bem, eu aprendi, assim, olhando ele dando banho que a enfermeira...

P: eles ensinaram que não pode passar o sabonete diretamente, você esfrega na mão. E olha, você vai lá e esfrega o sabonete, tem que ser com a sua mão, aquela mão de sabão você esfrega a frente toda ai enxágua. Ai a outra mão esfrega as costas toda, não pode passar o mesmo sabão não pra não ficar residuo.

E: Tem mais alguma coisa que vocês aprenderam lá que ficou marcado?

P: A curar o “embigo”, como fazer pra curar e só.

E: Ta certo. Bom gente, eu acho que basicamente era isso mas pra gente ir fechando eu queria que vocês me falassem, na verdade que vocês tentassem pensar se vocês pudessem dar alguma sugestão pra poder melhorar o atendimento da

mãe, da gestante e do bebê aqui no posto, vocês teriam alguma sugestão pra dar?

P: Eu acho que teria que marcar consultas mais vezes. Igual no caso dela, mesmo que ele tenha nascido com oito meses, mas ela teve uma consulta no dentista. Ou seja, num período de nove meses a pessoas pode nesse período ter uma carie, acontecer de vim uma carie, ou uma sujeira entre os dentes se ao tomar cuidado. Porque pode depois quando a criança nascer passar alguma infecção, alguma coisa.

E: Vocês tiveram dificuldade pra marcar consulta alguma vez?

P: Porque a consulta que “nois” teve com a dentista foi a doutora que pediu, ela pediu só uma, não pediu mais. Ai eu acho assim, por ser gestante deveria pedir pelo menos umas duas ou três.

E: Pra gente que ta pesquisando vocês têm alguma sugestão? Algo que a gente tenha que mudar nesse momento que a gente faz?

P: Não.

E: Ninguém tem. (Risos) Ta certo gente era isso que a gente tinha pra conversar.

## ENTREVISTA 8

E: Então, é mais recordar mesmo. Pra gente começar eu quero que você me conte como que foi a novidade da gravidez pra você, como é que foi a notícia.

M: Ai nossa Deus, foi emocionante. Eu nem sabia que eu estava grávida. Porque eu tive uns problemas e saúde. E como eu tinha tomado uns corticoide, então a minha menstruação tinha parado. Aí eu não estava menstruando e eu comecei a achar estranho, porque eu pensei: gente, eu já parei com esse corticoide há uns meses. Já é pra ter voltado, e nada. Aí quando eu fui no ginecologista e ele olhou pra minha cara e falou assim: “o que cê tá fazendo aqui?”. Eu olhei pra ele e falei assim: “bom, minha menstruação está atrasada”. Aí ele falou assim: “você acha o que?”. Eu falei: “eu acho que eu estou grávida”. Ele então vamos fazer o exame. Aí eu fiz imediatamente já olhei lá na internet, nem esperei o laboratório pra ir buscar. Aí quando eu vi que tava eu fiquei assim, emocionada logo. Aí nem esperei pegar um pedido pro ultrassom, já liguei alí numa clínica que faz sem pedido. Já liguei lá, já marquei, já chorei, já me emocionei. Já tava com 11... é... 11 semanas e 5 dias. Nossa foi...

E: Quase três meses.

M: Fiquei super super super feliz com o meu Davi.

E: E como que foi pra família isso tudo?

M: Na verdade a minha família mora... Não mora aqui. Mas contei logo pra minha mãe, pro meu irmão que mora distante. Nossa Deus, eles ficaram emocionados demais. Meu irmão chorou junto comigo também. Porque ele é assim também neah? E eu tinha muita vontade de ter filho. E eu já tava... já tinha 37 anos. Eu fale: “agora meus Deus”. Foi emocionante. Foi presente de Deus mesmo.

E: Muito bom. A gente se emociona também. A gente fica feliz com essa história. Eu queria que você me falasse sobre o pré-natal.

M: Bom, pré-natal, assim que eu descobri que estava grávida eu já vim aqui e comecei a fazer o pré-natal com a.... Não, não foi aqui. Eu morava no outro bairro. Aí eu comecei a fazer no posto lá. No posto de saúde.

Imediatamente Assim que eu descobri que estava e comecei a fazer. Mas aí antes da primeira consulta eu mudei pra esse bairro. Aí foi aqui. Foi até o final. Muito importante as orientações. Porque eu não tinha conhecimento a respeito. Eu nunca tinha engravidado. E aí tudo de dúvida que eu tinha ela me esclarecia. Muito boa profissional ela. Então muito importante assim pra se cuidar, pra cuidar do bebê, alimentação. Enfim... sulfato ferroso, ácido fólico. Achei muito importante o acompanhamento. Sempre.

E: Eu queria frisar nessas orientações que você recebeu e queria que você me falasse um pouco mais sobre essas orientações. O que elas representaram pra você.

M: bom. As orientações mais comigo devido também ao tratamento, como eu tinha falado, eu tive linquem plano oral. Mais com relação a alimentação porque eu tinha anemia, aí tinha que ficar fazendo hemograma, tive que tomar sulfato ferroso, tinha que tomar sempre, e cuidar bastante da alimentação. Mas mesmo nessa parte. E tá fazendo os ultrassom, acompanhando. Fazer exames sempre. Eu fazia os exames que ela pedia. Eu acho que é mais ou menos isso.

E: É... até agora a gente estava focando muito nas orientações que o médico te deu. Teve outros profissionais envolvidos com você?

M: não. Num fiz nada não. Acompanhamentos

E: Durante a gravidez você foi ao dentista?

M: Fui sim.

E: Foi dentista do...

M: Do posto de saúde. Lá onde eu estava. Mas aí não deu pra eu terminar o tratamento lá, porque eu mudei pra cá, aí eu terminei particular. Porque tem que olhar direitinho pra não passar pro bebê alguma infecção.

E: Eu queria que você me contasse um pouco como que foi os atendimentos que você teve lá, quais as orientações que você recebeu do dentista.

M: Do dentista? Bom eu não tinha cárie. Na verdade tinha caído uma obturação. O médico lá até tinha feito. Eles só

falaram que era importante, porque se tiver alguma inflamação, alguma infecção, enfim... pode passar pro feto. Então me tinha que fazer o acompanhamento odontológico. Aí eu comecei lá e fiz particular, porque eu mudei. Comecei lá.

E: Mas aí você não quis terminar aqui também? Ao invés de ser particular?

M: Na verdade eu nem procurei na época. Porque como eu tinha mudado, como só faltava mesmo só a limpeza eu terminei particular mesmo.

E: Evoluindo mais um pouco nessa história, e como parto, como que foi?

M: O parto foi dia 14 de julho, 8 horas da manhã a minha bolsa rompeu. Aí eu chamei o taxi e fui pro hospital. Pra maternidade. Aí eu queria o parto normal. Eu mesmo queria, aí a gente tentou o dia inteiro até meia noite. Induziu a... dilatação. Só que eu não tinha passagem, dilatou normal, mas eu não consegui ter normal. Aí meia noite o médico virou pra mim e falou: Infelizmente, você é muito corajosa, você tentou, mas fomos até o fim, mas vai ter que te operar, não vai ter jeito, vai ter que ser cesária. Mas assim, foi bom. Graças a Deus sem problema nenhum. Nunca desmaiei, nunca tive enjoo. Foi maravilhosa.

E: É... agora eu queria que... continuando nessa evolução que a gente está fazendo, eu queria que você lembrasse como é que foi o pós-parto, como é que foi as primeiras horas com seu bebê. Os primeiros dias com o Davi.

M: Os primeiros dias? A cirurgia, como todas, é dolorida e tudo. Neah? O primeiro banho então... Jesus Cristo. Realmente é difícil. Davi é uma delícia, eu sozinha lá pra cuidar dele, porque não tenho parentes aqui. Porque meu marido vai de vez em quando, as enfermeiras ajudava. Mas uma delícia. Aprendeu a mamar rapidinho. Guloso. Não era chorão. Só gostava de mamar, dormir, mamar dormir. Uma delícia.

E: Mas você lembra de ter recebido alguma orientação lá na maternidade? Que te marcou?

M: Lá eles... Bom a princípio a primeira foi ensinar a dar o peito. Eu não sabia colocar ele na posição certa pra pegar e tudo. Segundo o banho que eu não sabia. Me ensinaram direitinho. Mais é isso mesmo.

E: E foi diferente do que você tinha aprendido aqui durante o pré-natal, ou em qualquer outro lugar?

M: Não. Não. Foi não. Foi normal. Foi a mesma coisa. Dra Sandra é uma medica muito boa. Ela me explicava tanta coisa. Claro que... vai fugindo...

E: Tá certo. E os cuidados com o Davi agora. Quais são os cuidados que você tá tendo com ele agora?

M: Com o Davi. Ah o Davi é a benção da mamãe. Davi é maravilhoso. Os cuidados é: que eu tenho que trabalhar, então eu tenho que deixar ele no berçário. Então meu coração corta. Até já avisei que eu vou deixar o trabalho, porque é difícil. Mas cuidar é como diz, dá muito carinho, muito amor, alimentação, neah? Lógico. Ter o acompanhamento médico todos os meses. As vacinas estão todas em dia. Todas. É isso o mais importante. O carinho mesmo. O carinho da mãe e do pai. Isso ele tem bastante.

E: E como é que são os cuidados com a boca do Davi?

M: Ah é! Com o dedinho, com a gazinha. Assim, eu uso a gaze, com a unha cortada é claro. Ele morde com a gengiva. Ele morde meu dedinho. Porque tem que massagear a gengiva, tem que limpar a língua, a bochecha.

E: E você lembra quem te ensinou a fazer assim?

M: Foi a Elaine. A enfermeira.

E: A enfermeira daqui?

M: Huum. Eu perguntei pra ela como que era. Aí ela falou: "você vai fazer assim, assim, assim".

E: E você já pensou quando vai ser a primeira consulta com o dentista?

M: Não. Aí... pois é! Tem que fazer mesmo. Mas eu não fiz. Eu tava lendo isso, tem que fazer antes dos dentes nascer, neah? Importante. E eu ainda não fiz.

E: Tá certo. Lembra que a unidade de saúde tá aberta pra fazer essa consulta.

M: Tem que fazer mesmo. Urgente. Que ele já tá coçando a gengiva, fica mordendo o mordedor, acho que tá na hora de marcar sim. Vou marcar.

E: Tá bom. A gente já está encerrando. Eu queria que você pensasse duas coisas. A primeira, se você tivesse alguma sugestão pra dar pro posto melhorar o atendimento. Qual seria.

M: Olha, eu sempre que vim aqui eu fui muito bem atendida. Eu num sei.. Eu acho que assim, todos os... os... profissionais me atenderam assim, adequadamente. Eu nunca tive nada do que reclamar. Sinceramente, agora eu... num sei. Acho que não tem nada em falta não. Porque exames eu fiz tudo. O dentista eu fiz particular porque eu não procurei. E seu eu tivesse procurado tenho certeza que seria atendida. O Davi tá sendo acompanhado direitinho. Tem nada a reclamar não.

E: Por fim, pra nós da pesquisa. Você tem alguma sugestão pra gente mudar, da forma como a gente faz?

M: Acho que tá Ok. Acho que eu que não respondi bem. Tô cansadinha. Acho que não respondi bem.

## ENTREVISTA 9

E: Eu queria que você me contasse como que foi a notícia da gravidez pra você?

M: Eu estava esperando, assim, realmente engravidar, mas ao mesmo tempo apreensivo devido ao aborto espontâneo que eu tive. Ai, então eu fui fazer o ultrassom que a medica pediu pra saber o tempo da gestação, ai eu fiquei mais apreensiva porque só apareceu o saco gestacional, ai voltei na medica pra mostrar pra ela, ai ela falou assim que deve ser porque o tempo é muito recente da gravidez. Porque tipo assim, quando eu engravidei com cinco dias de atraso menstrual eu já fiz os exames de sangue, teste de farmácia e tal. Ai ela falou que era só repetir, falou pra três semanas depois repetir, ai apareceu tudo direitinho o embrião, os

batimentos cardíacos, a corrente sanguínea, ai eu fiquei tranquila, a medica falou que eu podia ir pra casa tranquila. Porque na verdade na outra gestação começou o sangramento e o médico, ai fui pro Julia e lá não tinha aparelho pra ultrassom, já tava dando quase hemorragia já, ai mandou voltar pra casa, ai no outro dia fiz. Ai, assim, os médicos de ultrassom são muito frios, ele só falou assim "ta com ausência de batimentos cardíacos, você perdeu o seu bebê", só isso. Ai eu voltei pra lá, ai já deu hemorragia, ai já fizeram curetagem. Então assim, ai essa notícia agora não foi, assim, tanta felicidade, sabe? Nesse sentido assim, mas depois que eu ouvi os batimentos eu fiquei tranquila, ai agora mais feliz.

E: E como é que ta a família?

M: Ta todo mundo feliz, a família do meu noivo também.

E: E como é que estão as consultas d pré-natal?

M: Então, é eu assim que eu descobri eu vim ai por coincidência, não tinha nada marcado eu fui e encontrei a Doutora Juliana que é excelente medica, e assim que ela me viu que eu mostrei o exame, porque eu queria saber se eu tava grávida porque eu tinha dúvida, ai “não, você ta gravidíssima, você pode vim cá entrar aqui na minha sala agora vou te atender”, ai porque ela já sabia da situação anterior. Então assim, já foi muito prestativa, já foi me passando tudo, os exames de sangue que eu tinha que fazer, pedido de ultracenografia pra saber o período de gestação e o ácido fólico eu já estava tomando desde quando eu fiz a curetagem, pra continuar tomando, ai foi excelente. Só que a primeira consulta dela não consta no pré-natal, porque não estava marcada e ela falou que tinha que passar no pré-natal. Ai o que que eu fiz, eu vim e procurei minha equipe, a Sheila que é excelente enfermeira onde iniciou a primeira consulta pré-natal e a segunda ta marcada com a Doutora Juliana dia 03/02, ai já deu entrada tudo certinho.

E: Ta certo. E qual que é a sua expectativa pro sexo do bebê?

M: então, é assim, pela lógica, minha mãe tem 11 homens e 3 mulheres, ai a minha Irma tem dois homens, a outra minha Irma dois homes, então a lógica é de eu ter homem. O meu noivo assim, a gente fala sempre o que Deus quer, lógico com saúde, mas como ele já tem uma filha de quinze anos se vim menino vai agradar muito mais e eu também tenho mais afinidade com menino. Mas com meus sobrinhos, assim, eu que falo, mas realmente é o que Deus quiser e com saúde.

E: E vocês já estão sonhando com algum nome?

M: Pois é, questão de nome o abençoado do meu noivo falou que ser for menina ele quer Sheila, ele cismou com esse nome que não me agrada, então se for menino vai ser melhor que não precisa colocar esse nome. (Risos) E menino... ele chama Fabio e queria que fosse também Fabio e ter Junior, Fabio Junior ou

Junior no final, ai tanto faz que esse nome até que é bonito. Mas ai depois a gente vai ver o vai ser mesmo, pra depois definir.

E: Legal. É, quando você tava me contando do pré-natal eu vi que você falou do exames que pediu, que isso foi muito atencioso, só que eu queria que você tentasse lembrar pra mim quais foram as orientações, os cuidados que você deveria tomar.

M: Então, ela falou é... evitar de tomar medicação, remédio, principalmente antibiótico sem prescrição medica. E, eu até tenho por exemplo dramim gel em caso de enjoo, mas, o paracetamol também em caso de dor, mas eu não tomo não é muito difícil. Mas ai esses são o que a medica receitou que a grávida pode tomar, então isso ela falou. Em questão de tomar sol no peito, porque é bom também pra depois o bico não rachar muito, falou pra eu não passar olho nem creme no bico do peito só nas outras partes. É, a questão da alimentação também ela falou, o mais saudável possível, não tem essa questão de ter que comer pra dois, é comer saudável duas, duas horas no Máximo três, esses tipos de orientações. E que tem que ter seis consultas mínimas obrigatórias pelo SUS, mas pode ser a mais se precisar. E o SUS faz dois ultrassom que são obrigatórios, ai todos que eu tô fazendo, eu prefiro fazer mesmo se ela não pedir por questão de segurança eu faço

particular. Ai exatamente isso. Ai pouco depois vai dando, assim, mais orientações, e o que a medica falou, neah? Porque atendeu antes dela, porque foi antes o certo seria ela primeiro, ai passei na medica antes e pedi absoluto repouso nesses três primeiros meses, devido ao aborto que teve.

E: Você passou então nesse primeiro dia primeiro com a medica e depois com a enfermeira? Foi isso?

M: É, devido a medica já saber do que tinha acontecido. Ai foi bom, porque ela me deu todas as orientações, neah? E todos os exames que tinha que fazer, então ela assim, aquele negócio de a preocupação da medica de resolver tudo primeiro. Mas falou que a primeira consulta não vale, tem que ter o pré-natal primeiro, mas ai devido à eu estar viajando, ai quando eu cheguei, ai a Sheila assim que eu cheguei no acolhimento ela já me atendeu. Ai ela falou que a próxima consulta que eu tiver com ela ai ela vai, ela olhou minha pressão, neah? tudo, ai tava 10/7, ai até falou que ta, assim, boa, porque quanto mais baixa, no sentido de não aumentar pra grávida é melhor. Ai ela pesou tudo direitinho, tamanho, altura, ai ela falou que depois ela vai medir circunferência, cintura, essas coisas. A princípio foi isso, que eu me lembro.

E: Essas orientações que você estava me falando inicialmente, eu fiquei com um pouquinho de dúvida, foram dadas então pela medica?

M: É, pra medica, eu cheguei e tava com um pouquinho de dúvida se eu estava realmente grávida, porque na primeira vez deu não sei se 8 mil fala ou 80 mil, não negocio assim, deu alto mas é porque já tava quase três meses, mas eu não sabia essa diferença e quando eu fiz, também não sei te falar se deu 2 ou 22 mil, ai eu achei que não estava, ai vim pra mostrar pra enfermeira só que ela estava passando no corredor e me viu, ai eu perguntei e ela “ não , você ta grávida, vem cá que a gente vai conversar” e pediu os exames e conversamos.

E: E eu vi, já que nós estamos falando dos profissionais, você tava no dentista agora, além do cuidado que ela teve fazer a limpeza ela te fez alguma orientação?

M: Então do dentista que você fala?

E: É!

M: Ah, então o que acontece, na última vez teve a orientação também que é a mesma a Sheila, e eu tinha comentado com a medica que a medica foi que me deu o pedido, ai comentei com a Sheila e vim e fiz. Porque eu tava com dois dentes que quebrou, ai fizeram o curativo provisório e onde que foi em agosto que fez o pedido pro canal, porque eles encaminham que ai eu fiquei aguardando enquanto eu não engravidava para fazer, e ai que realmente que falou que ligou uma vez só. Ai beleza, ai eu vim e assim que eu vim dessa vez a Sheila imediatamente falou assim “e a situação do seu dente como é que ta?” ai eu falei assim “tem dois dentes quebrados e ta doendo” ai ela falou assim “não isso não pode ficar! Nós vamos lá no dentista agora”. Ai fomos e ela falou assim “eu vou te ligar, pegar seu telefone porque não tem ninguém lá e eu te ligo.” Ai imediatamente na sexta-feira ela me ligou já marcando dentista, e ela me levou lá, nem pediu pra mim ir e conversar, ela já conversou direto. Foi até mesmo a dentista que falou que essa preocupação tanto a enfermeira quanto a medica eles têm muita, eu sei que não é só comigo não eu vejo com outra também.

E: É, pra gente ir caminhando, como é que são as suas expectativas pra quando o bebê nascer?

M: Todas excelentes, ótimas.

E: Você já pensou no tipo de parto que você quer ter?

M: Então, eu fico preocupada como parto normal, no sentido assim, que aqui vai ser internada pelo Julia Kubitschek, Julia Kubistchek eu ouço falar muito mal, mais mal do que bem, ai eu fico preocupada com relação a parto normal. É igual eles falam, tudo bem se eu tiver poder ter parto normal é melhor, porque não dá os riscos pro bebê, mesmo porque a recuperação da mãe é melhor eu sei disso a Cesárea é um pouco mais complicada. Mas o que eu tenho visto é que eles têm forçado de mais o parto normal, mesmo sem condições de ter o normal, entendeu? Por vários motivos, tem até o exemplo da minha amiga que eram gêmeos e o parto fizeram Noam, sendo que pela situação, a mãe já era uma situação de risco, ai a primeira criança nasceu a segunda custou a sair, que a primeira demorou, ai faltou oxigênio, foi para no CTI a mãe e a criança, então foi decisão medica lá de fazer o parto normal, não sei o motivo e a gora a criança ta com sequelas, entendeu? Então essa situação de parto normal e de eles quererem até os convênios fazerem, acho que isso daria um certo medo, então na hora eu não sei o que vai ser. Mas ao mesmo tempo eu entrego nas mãos de Deus, Deus ta cuidando enviar os melhores médicos, se tiver que ser lá ou outro hospital, ai até que eu não penso muito agora não, só quando os pessoal vem falar, que fica pensando coisa ruim. Ai tem uns que vem falar que “eu ganhei lá”, então.

E: Tendi. Você já tem alguma preocupação de como vai ser o cuidado no dia a dia em casa?

M: Então, como a minha família é grande são 34 sobrinhos, então assim, eu sempre ajudei a cuidar e eu tenho um pouco, assim, de experiência. E além disso a minha Irma que tem dois filhos vai estar me ajudando também, até que de curar o umbigo eu vou estar acompanhando mas não vou curar, eu tenho meio um certo medo e ela tem experiência. Então assim, vai ser tranquilo não vou estar sozinha para cuidar não.

E: É bom ter o apoio de outras pessoas, neah? É, você já foi convidada pra participar de algum grupo de gestantes, ou de mulheres?

M: Isso é, na última gravidez fui convidada só que ai devida a trabalho e estagio que eu tava fazendo e faculdade não dava pra conciliar. Os horários são de manhã, e eu

trabalhava de manhã e à tarde não tinha, se eu não me engano era no Julia, ai me convidaram sim.

E: O grupo que tinham te convidado era lá no Julia?

M: Se eu não me engano era lá no Julia, ou eu tina que liga lá pra marcar, não sei se algum grupo perto, tenho muita certeza não porque não deu pra mim ir.

E: E se fosse um horário mais tranquilo? Você acha que você conseguiria ir?

M: Talvez sim, mas não agora nesses três primeiros meses, porque a medica pediu pra sair só em caso de emergência. Ai eu tô evitando, tô ficando mais de repouso mesmo, e ela falou que tem que ficar mais vigilante, se vai ocorrer algum sangramento e tal.

E: Pra gente ir concluindo, você já ouviu falar de como que cuida da boquinha do bebê?

M: Ainda não tive essa conversa com a enfermeira não, ai eu via a minha Irma fazendo, ai não sei quem que falou com minha Irma, limpar com uma gazinha. Só não lembro agora qual produto que usava se era soro, o que que é não, mas que tem que limpar a gengiva do bebê isso eu sei, depois de mamar, neah? Essas coisas, mais ou menos é isso não sei se ta certo não.

E: Ta Ótimo. Pra concluir, se você pudesse dar uma sugestão pra melhor o atendimento da gestante aqui no centro de saúde, você teria alguma sugestão?

M: Até então eu acho que ta tendo o melhor atendimento, porque eu acho assim você chega, eu nunca passei mal assim pra chegar e ver como que vai me atender, então é a diferença, neah? Emergência ou se tem que encaminhar, porque eu questão de eu chegar e ter, porque aqui passa pelo acolhimento, pra enfermeira, então fui bem atendida, com a medica nem se fala, os remédios todos eu encontrei na farmácia, que ela me indicou em caso de dores e etc. Então até então nesse sentido eu tô ótima, então não tenho o que criticar ou uma sugestão não.

E: Pra nos envolvidos na pesquisa, voe tem alguma sugestão?

M: Não. Eu acho que é...

E: Alguma dúvida?

M: Eu acho que o que vocês me perguntaram que eu sei e se eu não soubesse vocês estariam me esclarecendo. Então, tranquilo.

E: Ta joia! É isso então.

## ENTREVISTA 10

E: Como que foi a noticia da gravidez pra você?

M: Ah, foi um susto porque eu não esperava. Meu (não entendi) ... estava atrasado ai eu fiz o teste o primeiro deu erro. Ai eu falei “ah não deve dar nada não”, ai eu fiquei com aquilo na cabeça, ai eu fiz outro, ai positivo, eu fiquei em choque. Eu tava longe do meu marido, neah? Eu tava na minha cidade que eu nasci, eu tava lá na Bahia eu tava lá com os meus pais lá, ai eu contei pra minha mãe e liguei pro meu marido falando e ele ficou em choque também. Ai foi assim.

E: E os seus pais?

M: É, eles ficaram felizes, neah?

E: Então não era uma gravidez planejada?

M: Não, foi um susto mesmo.

E: Entendi. Você ta morando aqui e lá? Como que você ta fazendo?

M: Não, eu moro aqui com meu marido.

E: Ah ta! você tava só lá.

M: Eu tava visitando só.

E: Ah ta! E ele não tinha ido.

M: É, tinha ficado.

E: Que situação em?

M: Fiquei na dúvida se contava, se deixava pra contar aqui, se contava logo, ai a ansiedade, ai eu contei logo por telefone. Quase teve um treco coitado.

E: E é seu primeiro?

M: É o primeiro.

E: Muito legal. E como é que foram as consultas de pré-natal?

M: Ah, foram boas, tranquilas, o médico atendeu direitinho, tranquilo.

E: Só o médico que tem te atendido?

M: eu passei por o Dr. Pedro e passei por uma enfermeira, e por uma ginecologista. Mas na maioria das vezes é o Dr. Pedro que me atende mesmo.

E: E o que que você tem aprendido nessas consultas de pré-natal?

M: Mais consulta neah? Ele medindo pressão, agora que a gente ta começando a falar sobre o parto, sobre como vai ser, ta começando a esclarecer mais algumas coisas, mas eu tô super satisfeita.

E: Eu queria que você me contasse um pouco mais sobre esses esclarecimentos dele. Porque isso me interessa bastante.

M: A gente conversou sobre, n última consulta mesmo a gente conversou sobre parto, sobre hospital, ai ele explicou que a gente não se 24 horas, mas que era bom ir no hospital, neah? Pra visitar. Foi só isso, assim, a gente ta conversando mais, agora a gente se vê uma vez por semana, ai a gente tem mais tempo pra conversar. Meu marido começou a vim também.

E: Ah, que legal, bem legal. E de todo mundo que te atendeu você lembra algum cuidado que eles te ensinaram? Alguma orientação que foi dada?

M: Nossa eu não lembro.

E: Certo. Você tava falando que vocês estão conversando agora sobre parto, não é? Quais são as suas expectativas para o parto?

M: Ah! Eu tô tão nervosa que eu prefiro não ter expectativas. (Risos) Ficar pensando muito não, porque depois da alguma coisa errada, eu decepçiono. Eu vou no hospital amanhã pra conhecer, neah? Ai eu vou começar a planejar melhor, porque até agora então eu tô deixando mais neutro pra não ter decepção depois.

E: E o bebê, você já sabe o sexo do bebê?

M: Já, é menino.

E: Menino, só ta nascendo menino acho que todo mundo que eu entrevistei, quase, é tudo menino. E como que é que foi a escolha do nome?

M: Nossa ai foi difícil! (Risos) Porque meu marido não queria nome nenhum, todos os nomes que eu dava ele recusava, ai depois eu decidi que ia ser Pedro Henrique, pronto. Ai eu falei com minha sogra e minha sogra também começou a chamar Pedro Henrique, ai ele teve que aceitar. Ai foi por aceitação mesmo porque por querer ele não queria nome nenhum.

E: Que coisa. E você já ta aprendendo alguma coisa sobre os cuidados com o bebê?

M: Não.

E: Ta certo. Você já foi convidada alguma vez pra participar de algum grupo, alguma reunião de grávidas ou de mães?

M:Não.

E: Ta certo. E você tem tido duvidas durante a gravidez?

M: Não, hoje não porque toda duvida que eu tenho eu pergunto pro medico, ou ligo pra alguém, ou procuro me informar.

E: De forma geral, quando você tem essas dúvidas você liga pra alguém? Quem que você costuma ligar?

M: Pra minha mãe e pra minha sogra. Uma das duas.

E: Legal, entendi. E eu vi que você tava lá com a dentista, neah? E você já tem passado com a dentista algumas vezes?

M: É a segunda vez e acabou o tratamento, só tinha só um defeitinho no dente.

E: E ela te orientou alguma coisa com relação a gravidez e a boca?

M: Ela falou do fio dental, da escovação, que é bom neah? Você tem que ter cuidado com a boca por causa da gravidez.

E: E ela começou a te preparar pra cuidar da boquinha do bebê também?

M: Não! Ela não nada sobre isso não.

E: E hoje foi a última consulta já?

M: foi a última.

E: tendi.

M: Mas ela falou que qualquer coisa eu posso voltar e perguntar. Super gente fina ela.

E: Deixou alguma coisa já marcada para o bebê? Alguma consulta do dentista? Já que era a última já pensou em alguma coisa assim?

M: Não, ainda não. Porque a gente não sabe quando é que vai nascer ainda, provavelmente vai ser normal, ai ta na expectativa ai quando vai nascer. Acho que deve marcar, eles devem ligar pra marcar, neah? Porque eles me ligaram pra marcar, porque se não tinha nem vindo não. Eles que procuram e marcaram pra mim, então.

E: E você ta falando que provavelmente vai ser normal, e é isso que você ta querendo?

M: É eu quero normal.

E: é... de forma geral você teve alguma dificuldade pra marcar alguma consulta aqui? Já que você ta falando de dificuldade, normal eles já tão ligando, neah? Mas você já teve alguma dificuldade aqui?

M: Não, foi tudo tranquilo. Eles marcam direitinho, nuca tive problema aqui não.

E: que ótimo, muito bom então. Pra gente concluir então, se você tivesse a oportunidade de dar uma sugestão pra melhorar o atendimento da gestante, você teria alguma coisa pra falar com relação ao posto?

M: Nossa Senhora! Acho que eu fui tão bem atendida aqui que eu não tenho o que reclamar não.

E: E pra nós da pesquisa? Você teria alguma sugestão pra nós?

M: não, muito legal, gostei dessa iniciativa, neah? Gostei mesmo, muito legal.

E: Então, é isso.

## ENTREVISTA 11

M: Quanto tempo você está aqui?

E: Cheguei ontem. Antes. Eu cheguei no domingo a noitinha. Eu cheguei na casa onde eu estou ficando, que é na casa de uma prima minha era umas... onze e pouquinho.

M: E tá pesquisando desde segunda?

E: É ontem neah? Só um dia. Hoje é segundo dia.

M: A é, hoje é terça.

P: Mas ele já está fazendo o mestrado aqui a um ano já tem... já tá com um ano de mestrado? Não? Seis meses?

E: É.... Não um ano ou mais. Eu fiz a minha inscrição no final do ano retrasado.

P: Ai ele vem todo mês.

E: Já tô ficando acostumado com Belo Horizonte.

M: Que bom, quem sabe vem morar aqui.

E: É... aí é mais difícil.

(Risos)

E: Pra gente começar eu queria que você me contasse como foi a notícia da gravidez pra você.

M: Foi uma surpresa, neah? Uma surpresa gostosa, num é filho?

E: E é o primeiro filho?

M: Sim, que eu já vim... eu perdi dois neah? Aí não deu certo. Quando eu descobri que eu estava grávida, primeiro eu fiquei com medo por pausa das duas gravidez passada, mas aí depois que eu comecei o processo de médico... os médicos me pedindo exames, sendo atencioso. Aí deu tudo certo e tá dando até hoje.

E: Uhum. Eu queria, aproveita que a gente já está falando sobre isso, eu queria que você me contasse como que foi o pré-natal. Esse contato que você teve para cuidar da gravidez.

M: Foi bom neah. Todos os médicos me forneceram.... Eu fui, eu fiz pré-natal aqui e perto lá da Santa Casa e foi tudo bem graças a Deus. Eu segui as orientação neah? E deu certo dessa vez.

E: Eu queria que você me falasse um pouco dessas orientações que você recebeu do seu médico... o que te marcou

M: Primeiro foi aqui neah? Depois eles me encaminharam pra lá, pra cidade. E chegou lá o médico me orientava a fazer exame de glicose... os exame necessário. Pedi pra eu ir no médico pra controlar a alimentação. Ele me deu uma lista do que eu podia comer e não. Aí me pediu pra eu ir no dentista. Neah? Pra eu ver como estava a boca. Eu fui também. Aí daqui eles me encaminharam pro Barreiro, porque tava grávida. Neah? Aí eles me examinaram e ao longo da gestação eu fui fazendo os exames que eles pediam, e é isso.

E: Uhum, e eu queria que você lembrasse e contasse um pouco pra gente sobre esse contato que você teve com o dentista durante a gravidez.

M: O dentista, ele... ela neah? Lá no Barreiro ela tirou o raioX, limpou, fez limpeza e só. Aí falou que, que era pra eu voltar depois, porque aí eu ganhei neném e agora eu tenho que marcar de novo, mas ela... no período que eu tava lá ela fez todo o processo. Ela marcava pra mim toda semana, ou de quinze em quinze dias. Aí ela limpava, ela me orientava como eu ai fazer escovação. Só, porque eu num podia... só isso que eu podia fazer no período da gravidez sobre isso, neah?

E: Eu vou voltar um pouquinho... Você estava falando que você fez acompanhamento aqui e em outro lugar, aí você deve ter recebido várias orientações.

M: Muitas.

E: Eu queria que você me falasse qual foi a mais marcante.

M: Da glicose, porque... Que eu... Assim, não é que eu levei mais a sério, é que eu fiquei... porque eu fiquei com medo. Porque na gravidez passada eu perdi o neném por causa da... da glicose alta. Então quanto ele falou pra mim eu corria risco. Que ele também era uma gravidez de risco por causa da glicose. Então, eu fiquei com aquilo na cabeça, eu fiquei com medo, neah? Aí essa parte da glicose que pegou mais, porque num dia ela tá baixa, num dia ela tá boa, num dia ela tá alta demais. Então eu fiquei com aquilo, tentando estabilizar a glicose. Então a parte da glicose que pegou mais.

E: E como você aprendeu a cuidar dessa glicose?

M: Alimentação, e com aquele aparelhinho também. Hoje eu também olho, mas não olho igual era. Porque era de manhã, depois do almoço e de noite que eu tinha que estar fazendo, neah. Então isso foi marcante, porque eu tinha que estar sempre ali, na alimentação, neah. Tinha que estar firme na alimentação até mesmo por causa dele. É isso.

E: E o que você foi aprendendo de como cuidar desse bebê que estava vindo.

M: Ah muita coisa. Aprendi demais. Ah, aprendi os cuidados neah, de recém-nascido. O que é um umbigo, de como cuidar do umbigo. Morria de medo. Todo dia eu tava no posto: pelo amor de Deus: como é que está o umbigo. Porque eu cuidava sozinha, só eu e meu esposo, e ele trabalha e aqui fora o povo do posto eu não tenho mais ninguém. Então eu recorria sempre a eles: Está beleza, está cuidando direitinho. Também na amamentação que era exclusiva, e que graças a Deus eu consegui seguir isso até o seis meses. Apesar das influencias (risos) por aí, que falava que eu tinha que dar isso e aquilo e parará e caixinha de fósforo. Eu sempre fui muito séria assim, em questão do cuidado do neném. Era uma coisa que a gente queria e quer muito, Então tudo que o médico falava pra mim que eu via que era sério, então a gente seguia. Na alimentação, no banho. Tudo que a gente tem que fazer com o bebê. Essa parte aí a gente não brincou não.

E: E quem foi que te ensinou essas coisas que você lembra?

M: No posto, nas consultas neah? Que eu perguntava muito, porque eu tinha muito medo de ficar com ele em casa, sozinha, pequenininho, e lendo. Lendo revista, vendo DVD. É... As minhas irmãs que já tem filho. Elas falava umas coisas. Umas coisas que eu achava que deveria fazer eu faço até hoje e faço. Outras não, que eu achava que era bom... assim, bom pra elas e não pra mim. E assim, informação que também no cartão do posto. No cartão de vacina tem algumas dicas pra gente seguir. Eu lia tudo e tentava fazer com ele e dava certo. E dava certo, graças a Deus. Era mais informação, porque, como eu não sabia nada com nada, aí eu tinha que ler neah? Que pesquisar as coisas na internet também. Eu pesquisa: como dar banho no bebê de dois meses? Tudo, tuudo, aí quando eu via que a coisa não estava legal eu corria no posto. (Riso) aí tá funcionando. Mas agora eu sei como dar banho nele, eu não pesquisei mais não

(Risos)

M: Deu certo. E tá bacana.

E: Tá certo. É, durante a gravidez você foi convidada a participar de algum grupo de gestante?

M: Fui. Fui. Lá no Julia, porque como... Na gravidez passada eu fazia lá, então eu fui pra lá. Então eu fui pra lá também, fazer o... a conversar com ele. Não toda semana, porque já que eu tinha médico aqui e lá no centro da cidade... aí... Uma vez eu ia lá no Julia, porque eu já conhecia, eu participava. E era muito bom as orientação lá. Porque elas falam e gente também faz pergunta...e elas respondem e... E a gente não saí de lá com dúvida. Elas respondem direitinho pra gente. E é...

E: É.. Eu não entendi muito bem como que funcionava esse grupo. Eu queria que você me contasse mais: quem participava, quem falava com vocês.

M: O grupo tinha um monte de gestantes na sala e tinha, acho que coordenadora e uma menina, aí ela tinha um.. uma... tipo um livro grandão. Um outdoor. Sei lá o que que era aquilo. E ela ia passando e desde o primeiro período da



gravidez, aí explicava, aí passava a folha. Ela ia seguindo passo a passo dos meses da gravidez. Aí no final ela perguntava se a gente tinha dúvida. Aí... Ou até mesmo quando ela terminava uma folha, ela perguntava se a gente tinha dúvida. A gente... fazia pergunta, ela respondia e a menina, num período lá, a auxiliar dela, ficava num período mostrando assim: o bebê está com 8 meses de gestação. Aí ela ficava com o boneco e ficava mostrando as partes. Isso aqui é aquilo e papapá. E ia falando. Ela... A mulher dava explicação e ela vinha falar com tipo uma maquete. Um boneco. Explicando o que estava lá, porque... pra gente visualizar. Porque como tinha muita gente que estava lá. Aí ela ficava mais ou menos na frente ela ia explicando o que tinha lá. A mulher lia e explicava e ela vinha com o bonequinho, pra sentir o bonequinho, essas coisas. E convidava a gente sempre pra tar lá. Não só aquela semana. Filho: vem mãe. E convidava a gente sempre pra estar lá. E convidava a gente sempre pra estar lá, nas palestrinhas

E: E depois que o bebê nasceu, você teve outro momento como esse? De grupo onde você podiam conversar?

M: Não, não. Nunca tive. Apesar que por aí deve ter, neah? (Risos) Mas eu num tive não. E pra mim nem precisava porque o menino respirava, eu achava que ele não tava respirando, num tava respirando direito e já era motivo pra eu correr no posto. Num sei se tem neah? Aí...

E: E como é o cuidado com a boquinha dele?

M: A boca, pois é. A boca teve um dia, que eu fui lá no dentista e ele nem tinha dente na boca. Porque a gora ele tem dente aí na boca. E perguntei se tinha que levar ele no dentista. Porque eu já vi que tem caso que as mães levam os menino no dentista. Aí a moça falou que como ele era muito novinho não precisava não. Que era pra eu comprar um escova de por no dedo e sem o creme dental passar na boca dele, mas eu num fiz isso ainda não. Porque eu queria levar ele no dentista. Num pode não?

E: (riso) Pode, pode levar.

M: Pois é. Ela falou que era só comprar a escova de por no dedo e passar. Eu queria levar ele no dentista pra eu ter mais orientação de como fazer neah? Mas ainda num... eu num comprei escova ainda não. Eu compro uma escova?

E: Depois a gente conversa mais sobre isso. Mas eu vou te responder. Não deixa de me perguntar depois não tá? Então. Em relação ao dentista, você teve esse momento que você tentou levar ele e, em relação a você, teve um momento que era pra você voltar, mas depois não voltou. Por que que você não foi?

M: Pois é, nos primeiros mês eu fiquei muito enrolada com ele assim. Ficava só por conta dele e de mais nada: casa, marido, ficou. Aí o tempo foi passando e eu não voltei no dentista. Você acredita? Mas eu vou ir, e é aqui pertinho. É aqui no Barreiro. Ah não, aí teve uma vez eu liguei lá, mas ele não pegam por telefone. Aí tem que ir. E como o menino era pequeno e eu tinha medo de pegar ônibus com ele, e o ônibus ficar sacolejando. Até hoje eu não peguei, eu vou de carona ou o marido me leva. Sacolejando eu tenho medo. Então eu não fui mais. Aí tô esperando uma oportunidade, a gente fica esperando, esperando, o tempo passa. Pra mim ir lá no barreiro eu tenho que pegar ônibus. Mas eu vou ter que pegar ônibus com esse menino. Mas uma hora eu vou ter que pegar ônibus.

E: Tá certo. Nossa conversa está muito bom, mas eu vou caminhando pro fim dela.

M: Mas já? Que isso?

E: Já (risos). Tem mais alguma coisa que você queira me contar? Desde quando você estava grávida até agora que o bebê está com nove meses.

M: Eu quero: que ser mãe é maravilhoso. Vai entrar isso aí? Posso dar um testemunho pra vocês? (Risos)

E: Pode falar, pode falar. Com certeza vai ter muita coisa muito importante pra nós.

M: Porque... desde que eu me casei, o meu sonho era ser mãe. E eu tive muito... 2 frustrações. A gente estava naquela expectativa toda e a gente não conseguiu. Quando a gente conseguiu foi maravilhoso. E ser mãe. E ser pai também, neah? É a melhor coisa do mundo. A gente tem dificuldade, mas as dificuldades é mínima no... devido ao amor que a gente sente por ele. E a nossa vida mudou demais. Antes era só eu e meu marido e a gente era um casal. E hoje somos eu, meu marido e meu filho e a gente somos uma família abençoada por Deus. Apesar das dificuldades Deus nos concedeu a graça de ter Paulo Henrique e o que eu peço a Deus é que eu e meu marido é que a gente tenha vida e saúde e sabedoria pra criar ele. E que quando ele crescer, ele olhar pra trás e ver que a gente num... nós num fomos os melhores pais, neah? Porque assim... mas a gente fez o possível pra criar ele e que ele possa ter isso como exemplo de vida, de, de, de tudo que a gente passou e, claro que a gente vai ficar falando: de tudo que a gente passou é pra você ser uma cara bom. Não! É pra ver que tem que ter família. Família é maravilhoso, neah. Hoje, apesar que eu nasci num mundo que a gente se respeita muito. A gente somos muito amigos. Mas é depois que a gente tem a família da gente que a gente vê o quanto é maravilhoso. Então o é isso, que nós possamos criar ele, neah?... Criar ele bem. Em que eu falo é respeitando, ele ver o que é família. É isso o que eu quero pra ele. E que ser mãe ou pai é maravilhoso.

E: Nossa, eu tô... olha aqui, eu tô arrepiado. Eu não tenho filhos, mas eu sonho em ter filhos e é maravilhoso ouvir um depoimento desses.

M: (risos) Ah é maravilhoso, é lindo. A gente... porque o meu marido já foi casado. Ele tem os filho dele e do mesmo jeito que ele cria Paulo Henrique, ele cria os filhos dele. Já é velho. Mas, não mudou em nada. Eu sou o primeiro, mas assim, a criação aqui é do mesmo jeito que a criação dos filhos dele. Então a gente vê que a base da família não muda. Então isso é bom. É isso que a gente quer pra ele. E a gente reza que as famílias seja assim também neah? Porque é... num é meu bem? É maravilhoso ter filho, mamãe ama você.

E: Tá joia. Pra gente acabar, é... se você tivesse alguma sugestão de mudança com o cuidado que tem com as gestantes, com as mães. Você teria alguma sugestão.

M: Gestão?

E: Gestante.

M: Prestar mais atenção na gestante. Porque nessa gravidez eu tive a sorte de pegar médicos bons. De... toda a... Tudo no posto, aonde eu passei eu tive a sorte de pegar médico bom. Mas nem sempre foi assim. Nessa gravidez Deus olhou pra gente e disse: dessa vez vai. Eu vou colocar gente abençoada e vai dar tudo certo, mas é muito precário neah? A parte da gestante. Não sei a outras, assim, as outras áreas porque eu nunca precisei. Eu precisei foi do negócio de gestante. Então que eles possa olhar mais, porque é muito sofrido o apoio a gestante. A gente sofre demais. Eles acham que a gente vai lá, que a gente tá é fazendo hora. Mas num é. Eles não sabem o tamanho da dor da gente.

Eles acham que a gente não está sentindo dor, que não está na hora. Num sei, eu acho que eles deveriam ser mais sensível neah? Ah essa aqui realmente tá sentindo dor, então vamos ver porque ela está sentindo dor. Não, vai pra casa que não está acontecendo nada. Num pe meu bem? E é isso aí: ver mais. Por que a gestante foi lá. Alguma coisa tem. Ela não foi lá passear, mostrar a barriga de 8 meses.

E: Desfilar um pouco a barriga (risos)

M: Nem sempre. Ah se eu fosse médico e eu percebesse que ela foi desfilar a barriga, vai pro shopping comprar roupa pro menino. Vai pro teatro, pra praça ouvir música. Ah não. Se tá lá alguma coisa tem. E ele num... e tem hora que eles deixam isso passar despercebido e a gente sofre. Gente do céu, cruz-credo. Chega lá morrendo de dor, ter que voltar pra casa não é fácil não. E nessa aí.... Graças a Deus eu fui chegando lá aí falou: vai tomar banho, parará, caixinha de fósforo, o menino nasceu. Porque eu falei: eu

falei não vou lá não, eu sinceramente prefiro ganhar ele em casa, por que eu... mas aí eu peguei uns médico beleza, bacana. E quando não pegar? Tem que ver isso, e no mais a mais que eles possam ver, se sensível a dor dos outros, porque dor não é fácil não. Ainda mais de ganhar menino. Pelo amor de Deus.

E: Foi parto normal?

M: Foi natural, o menino não deu nem tempo da anestesia. Mas amem. Eu tava querendo isso. Eu tava querendo ter um filho e tive. Amém.

E: Tá certo. Por fim você tem alguma sugestão pra gente que está na pesquisa? Alguma coisa pra esse momento que a gente teve?

M: Não. Foi bacana pode voltar mais.

E: A gente volta

(Risos)

## ENTREVISTA 12

E: Nossa que situação difícil que você viveu. Deve ser muito difícil lidar com isso.

A: Mas o menino é a cara do pai. Num pode é parecer com cunhado, vizinho (risos)

M: Mas quando eu fiquei sabendo eu pensei muito em como contar isso, pensei, pensei. E quer saber, eu tenho certeza que é seu. Se quiser fazer o teste tá aí o menino. Eu não vou fazer porque eu tenho certeza.

E: Nossa não deve ter sido fácil mesmo... Eu vou começar, e normalmente eu começaria perguntando como foi a notícia da gravidez. Mas eu percebi que foi uma questão bem tensa por causa de toda essa questão da vasectomia, neah? Que tinha sido feita.

M: é complicado

E: Mas eu queria que você me contasse então como que foi mais pra frente, depois que você começou o pré-natal...

M: Já começou tarde, porque quando descobriu já estava entrando quase que o sexto mês, porque eu tive o fato de menstruar durante quatro meses aí num engordei, num teve problema. Aí já começou já entrando no sexto, se não me engano centrando no sexto o pré-natal. Mas aí fiz várias consultas no São José, porque eu tinha plano, neah. Aí foi tranquilo, neah? Não tive problema quanto ao pré-natal

E: Eu queria que você me contasse um pouco mais sobre as consultas de pré-natal. As que você lembra claro (risos)

M: Na verdade no posto não foi feito nenhuma porque não deu tempo, porque acho que estava sem ginecologista na época. Aí eu fiz pelo plano mesmo. Que eu trabalho aí eu fiz pelo plano de saúde. Foi normal. Igual as outras mesmo. Teve nada de... demais, neah?

E: Certo,

M: Que eu me lembre não.

E: E você lembra de... nesse curto tempo que você teve de pré-natal. Você lembra de ter aprendido alguma coisa nova sobre gravidez, sobre bebê?

M: Depois de três menino, pra que aprender? Não. Ah eu sou muito... sei lá... eu sou muito... Ser orientada e... nem da primeira eu tive problema e orientação essas coisas é muito raro, eu sempre fui mais eu mesmo, vou e faço. Num tive problema em aprender essas coisas não.

E: Você lembra com quem você teve consulta?

M: Com Dr. Axel Eduardo, foi ele que fez o meu pré-natal do hospital São José. Só com ele que eu tive.

E: E como é que foi o parto?

M: Doido. Nossa acho que foi o pior dos meus meninos pra nascer. Foi no Sofia Feldmann e natural neah? Pra variar! Sofia é uma beleza. Natural Natural Natural, mas foi tranquilo. Acho que demorou quase que 18h de trabalho de parto. Porque a bolsa estoura e eu não sinto dor. Aí fica lá até eu sentir dor e dilatar. Mas foi tranquilo e normal.

E: Normalmente quando está na maternidade tem muitas pessoas que te acompanham lá. Você lembra de ter aprendido alguma coisa nesse momento, logo após o parto lá?

M: Não. Não me orientaram nada lá não. É porque eu mesmo faço as coisa, então elas já perceberam que eu estava fazendo, então elas nem teve... porque eu que curo o umbigo, eu que... Aí ela nem fizeram muita questão de ficar em cima não, porque.. já sabia que eu era mais ágil. Eu fazia até pra mim e pras meninas que estava lá também. (Risos)

Eu fazia com a minha, com o meu e com as outras que estava lá também. Ensinava. Acabei virando, fazendo pra outras.

E: Tendi. E em relação ao dentista. Você teve a oportunidade de passar nesse... nesse período da gravidez?

M: Não, não passei.

E: Porque você não passou?

M: Ah nem me lembro. Eu nem procurei na época, nem deu tempo de procurar, foi muito rápido. Não passei não.

E: Mas você foi orientada a passar?

M: Não. Não tive consulta no posto, então quem orienta mais é o posto. Médico particular não questiona isso não. Não fala nada que... Aí acabou que eu nem passei não.

E: Tá certo. E aí depois que o bebê nasceu, como está sendo o cuidado com a boca dele?

M: Tá... ah até agora não apareceu dentinho. Tava coçando muito, aí eu achei que estava surgindo, mas não era não. Só limpo com a fraldinha, e só. Por enquanto ele só mama mamadeira, então está mais fácil. Agora que vai começar a comer, que eu vou começar a fazer as coisas na boca dele.

E: Eu queria que você me falasse mais sobre como que você faz essa limpeza, os detalhes.

M: Agua filtrada, aí põe a fraldinha e põe com o dedo e vai limpando

E: E quem orientou a fazer assim?

M: Ah. Acho que é desde a primeira menina que eu faço isso. Não lembro que me orientou não.

E: Você ou ele tiveram contato com o dentista?

M: Não, eu marquei pra mim pelo plano também, aí eu vou passar porque eu estou precisando também. Mas ele eu não levei ainda não. Tem que levar ele pequenininho? Nem sabia. Tem?

E: é bom levar desde pequenininho.

M: Olha não sabia, vou tentar marcar pra ele depois.

(Pausa pra ajudar a filha)

M: Pra gente ir concluindo, assim, acho que a gente já está chegando ao fim. Tem duas perguntas que eu faço quase sempre. Primeiro, se você tivesse a oportunidade para uma sugestão pra melhorar o atendimento aqui da unidade de saúde ou dos profissionais que te acompanhou. Você teria alguma sugestão pra dar?

E: Não, tranquilo. Na verdade eu nunca tive problema com o posto a respeito de consulta e essas coisas não. Passei algumas vezes só no dentista lá, mas muito poucas vezes. Mas quanto ao atendimento é tranquilo.

M: Uhum

E: As pessoas reclamam muito, mas eles esquecem que são tanta gente que não dá tempo de fazer todo mundo ao mesmo não.

M: E pra gente da pesquisa, você tem alguma sugestão pra dar.

E: Não, foi tranquilo.

M: Tem alguma orientação que você queira, alguma informação, alguma curiosidade que a gente possa te ajudar?

E: Não. Só essa mesmo se a gente tem que levar de pequenininho.

M: Então, é legal levar desde pequenininho sim. Primeiro pra acompanhar se não vai surgir nada, e depois, antes mesmo de nascer o dentinho, neah. E depois que nascer o dentinho pra ele ir te orientando como que vai mudar da fralda pra escova. Pra te orientar qual o tipo de pasta que usa.

### ENTREVISTA 13

E: Você tem só os dois?

M: É. Só os dois.

E: E... Como que foi a notícia dessa segunda gravidez sua?

M: Foi bem inesperada. Porque eu não esperava. Eu fui buscar a troca do meu anticoncepcional da minha primeira, que eu tava dando ela mamã. Aí fui na troca do meu... do outro anticoncepcional com um mês eu engravidei dessa outra. Mas eu não esperava não. Nossa!

E: E como foi dar essa notícia pro resto da família?

M: Nossa, minha avó quase teve um infarto: que eu sou doída, que meu marido não vale nada, sou muito doída, com uma já dá muito trabalho. Mas agora ta... todo mundo aceitou, neah. Vê a carinha, todo mundo aceita. Mas assim, pro meu esposo foi pior, porque ele não queria outro, neah. Por causa que ele só queria um, porque ia ter melhor condição, neah, de cuidar. Mas aí eu falei com ele ó: tô grávida de novo (riso). Ai ele até... Deus me perdoe de falar, Ele pediu pra eu tá tirando, mas eu não quis. Depois mais pra frente eu quero ter outro e num posso. Eu falei Não, se Deus mandou eu vou ter. Aí ele aceitou depois, tem que cuidar neah! Mas é agora que ele tá aceitando bem.

E: E como que foi quando você ficou sabendo sobre o sexo da criança?

M: Ah assim, eu queria menino. Quando eu fiquei sabendo que eu estava grávida eu falei: Ah agora eu quero um menino, mas aí eu fui fazer o ultrasson, eu tava com seis pra sete meses e o médico falou olha: É menina, tem uma perereca muito grande, e cabeluda. (risos). Nossa. Aí ele me falou assim ó: te dou até o nome pra você colocar, é Lavinia. Médico me deu opção. Eu falei: tá vou falar com meu esposo. Aí ele: Mas é uma nenenzinha muito magrinha, porque é uma bundinha muito sequinha. Muito sequinha. Ah, a mãe é uma magreza, o pai também. Não tem como nascer gorda. Ah eu fiquei feliz também, mas eu queria menino. Eu já tinha até escolhido o nome, olhado enxoval, tudo de menino. Eu queria menino, Mas Deus não quis, neah. Como Deus quis... Mas eu fiquei feliz, nossa. Ela é uma nenenzinha muito boazinha, nem chora.

E: Tô vendo que ela nem chora.

M: Ela nem chora, é o dia inteiro assim. É praticamente o dia inteiro assim: do colo pra cama, da cama pro peito. Ela nem chora. É muito boazinha. Nó! Já a outra não. Ela chorava bastante.

E: Maravilha. E... como é que foram as consultas de pré-natal?

M: Eu fiz todas. Todas eu fiz direitinho. Fui, fiz todos os exames que eu tinha que fazer, eu fiz. Todas as consultas. Fiz tudo direitinho. Deu tudo.. tudo normal, tudo ok. Aí toda vez que eu ficava com uma dúvida ele conversava comigo: não mãe é normal essa dorzinha. É porque o útero tá abrindo. A barriga vai crescer mais. Quando você estiver pra ganhar normalmente você vai sentir muita dor no pé da barriga que a bexiga vai tá, neah... a vagina vai abrindo... e eu passei muito mal dessa segunda gravidez. Que qualquer dorzinha pro médico, qualquer dorzinha eu corria pro hospital. Num sabia neah? Porque da minha primeira foi tranquilo, eu achei que da segunda também ia ser tranquila. Aí EI passava muito mal, tinha muita enxaqueca a gravidez inteira, sentia dor de cabeça. O médico que falou que era enxaqueca. Neah? Num sei. Porque eu senti muita dor de cabeça, praticamente o dia inteiro eu tomava paracetamol. Aí ele mandou eu fazer uns exames. Aí ele falou não: essa dor de cabeça é enxaqueca. Aí eu toda vez que eu sentir muita dor de cabeça, muito forte eu corria pra maternidade: o Julia Kubitscheck. Que é mais perto daqui do bairro da gente. Eu corria pra lá. Mas aí ele falou que era normal. Mais aí foi tranquilo. Eu fiz todas as consultas, todos os exames. Qualquer dúvida eu podia ir lá no posto. O Frank, que é o enfermeiro da nossa equipe, me orientava direitinho. Aí com 35 pra 36 semanas eu tive um pouco de perda de líquido que... aí eu ia ter que internar pra tá avaliando. Mas aí graças a Deus não precisou. Fiz uns 3 ou 4 ultrassom de urgência pra ver. Que o meu líquido já estava assim: já tava no limite. Aí eles ia optar por me internar pra eu fazer cessaria. Mas eu fiz alguns exames lá no hospital, a médica me liberou. Ai eu fiquei em casa até 39 semanas, foi quando a minha bolsa estourou, aí eu fui pro hospital. Aí ela nasceu 2:50 da madrugada. Sofri demais, nossa. Sofri igual uma burra. Nossa!

(Risos)

É, porque da minha primeira eu não sofri não. Da minha primeira assim, eu dilatei tudo e ela já nasceu. Saí daqui de casa ela já tava praticamente quase nascida. A cabeça dela estava um tanto assim pra fora. Num tive corte, nem anestesia nem nada. DA minha segunda agora eu cheguei lá 7horas da noite, fui ganhar ela 2:50 da madrugada. E eles

queriam que.. como eles viram que as minha contração tava vindo uma atrás da outra. Ah: vamo ver se ela aguenta até o final. Nó quase morri. Nó, quase morri. Falei ai num guento não. Mas foi tranquilo assim, neah... teve as dor tudo, mas foi tranquilo.

(Risos)

E: Você tava me contando que quando você tinha alguma coisa você corria no posto e o enfermeiro te atendia. Neah?

M: Isso, o Frank. Eu procuro sempre o Frank. Eu gosto do Frank. Eu já vou direto no Frank. Porque ele é muito calminho, ele é muito tranquilo pra explicar pra gente as coisa, e a gente entende. Neah? A gente entende. E ele é muito assim... ele é muito... A gente sempre quando chega lá tem qualquer dúvida ele já fala: ó, quando cê tiver qualquer dúvida pode me procurar, que eu vou tá te orientando. E qualquer coisinha que eu sinto eu vou lá nele. Vou, corro é nele. (riso) sempre eu tô indo, quando eu vô lá eu procuro é procurar ele. Que ele explica a gente melhor e a gente entende. Neah. Mais que os outros médicos.

Mulher chama atenção da filha e avisa que o cachorro apenas late (5min)

E: Tá certo. E... (latidos). É. Você lembra de alguma orientação que ele te deu? Que te marcou muito.

M: Não. Que eu saiba não... Que eu me lembre não. Todas era normal, assim. Nenhuma ficou na minha cabeça. Não. Eu fiquei com medo só quando ele falou comigo que... quando o meu líquido já tava no limite, que o cordãozinho tava enrolado no pescoço dela que ela podia falecer. Eu fiquei com medo. Que ele falou que ela podia não sobreviver. Por causa disso, neah? Por causa do líquido que eu estava perdendo e o cordão umbilical tava enrolado no pescoço dela. Aí ele falou que ela podia vir a nascer, mas não sobreviver. Eu fiquei com medo. Aí qualquer coisinha eu corria pro hospital.

(Cachorro começa a latir e mulher para pra falar com a filha mais velha)

E: Eu queria que você me falasse um pouquinho o que você aprendeu de novidade nessa gravidez. Nessa segunda gravidez sua já.

M: Ah. Num sei se é porque eu já tive a minha primeira e eu que cuidei. Então dessa foi mais fácil. Então eu cuidei dessa aqui sozinha. Eu que dei banho. A minha primeira consulta eu fui sozinha. Da primeira não, eu tive acompanhamento da minha avó, neah? Agora da segunda não. Da segunda eu fiz tudo sozinha. O banho pra mim já foi tranquilo. Pra mim cuidar do umbigo foi tranquilo. Pra mim trocar também foi tranquilo. Só a amamentação dela que pra mim tá sendo... tá.. tá menos que dá outra. Que da minha primeira eu dei muito leite. Dessa agora eu tô dando muito pouco. Ela chora muito e eles num deixa dar mamadeira, esses negócio, neah. E ela chora bastante. O bico do meu peito tem hora que fica muito vermelho. Porque eu do mamá toda hora, toda hora, e eu não tá tendo muito leite. Ela te me machucando, sabe? O mamilo tá ardendo. Mas fora isso tá tranquilo. Tá normal.

E: Tá certo. E durante a gravidez você teve a oportunidade de algum grupo de mulheres ou de gestante?

M: Olha, eu fiz a ficha pra mim tá fazendo o curso de gestante, só que aí eu não pude participar. Aí eu fiquei sem fazer o curso pra gestante.

E: Onde era esse curso?

M: Era aqui na escola da Vila Pinho, lá perto do posto.

E: E cê me falou do médico, do enfermeiro. Teve mais alguém que te acompanhou durante a gravidez?

M: Não, foi só eles mesmo. Foi.

E: Você chegou a ser encaminhada pro dentista?

M: Fui aí eu comecei a fazer o que a médica, a dentista pode fazer ela fez. Como ela falou: Olha Elaine, como a sua gengiva tá inchada, muito inflamada, ela optou por não mexer porque tava tendo muito sangramento. Tá tendo muito sangramento eu fico... Ela falou: espera desinchar um pouco porque eu vou... (filha interrompe). Quando você voltar aqui pra gente estar avaliando de novo pra mim te encaminhar pra um cirurgião-dentista. Só que aí eu nem voltei porque a minha gengiva..., se eu escovar, eu fico até com medo dos dentes cair, porque tá muito inflamada, tá muito inchada. Aí eu tô só escovando, fazendo... como que chama? Com água morna, pra ver se desincha.

E: E quem te deu essa orientação pra escovar com água morna.

M: A dentista aqui do posto. Foi aquela que tem um cabelo loirim curtim. Nem sei se ela e dentista mesmo.

E: E... (Nova pausa por causa da filha). Depois, depois que, que o bebê nasceu, você já levou ela no dentista no dentista?

M: A primeira?

E: Não, essa, essa, segunda...

M: Não, eu não levei ainda não. Porque ela falou que ainda não tava marcando. Aí eu marquei dentista praquela ali também. Aí eu vou marcar pra essa aqui também. Ela falou que é bom olhar, neah?

E: Sim, sim. E o como você tá cuidado da boquinha dessa, dessa mais nova?

M: Ah. Eu tô passando uma gazinha assim. Com, com... soro, soro fisiológico. Aí eu limpo. Só que ela chora muito, aí eu fico com dó aí eu pego e paro. Ela chora demais, nossa!

E: E com quem você aprendeu a fazer assim?

M: Eles me deu uma cartilha. Aquelas cartilha pequeninha: como cuidar da boquinha do seu bebê. Aí eu fiz com aquela, aí agora aquela eu escova. E dessa daí agora eu faço assim.

E: Legal, muito bom. E... agora que o bebê, que essa bebê mais nova nasceu. Você teve a oportunidade de participar de algum... algum, algum grupo de crianças?

M: Não, ainda não. Não procurei nem... acho que no posto nem tem isso. Pra acompanhar com criança? Tem? Eu nem... nem procurei saber, porque ninguém me informou.

E: Tá certo. Tá certo então, é... (filha interrompe mais uma vez). Se... pra gente ir concluindo. Se você pudesse dar uma ideia pra melhorar o atendimento no posto pra gestantes ou pra mães com filhos pequenos.

M: Ah, eu acho que podia ter mais... mais... como que fala? Não é curso. Reunião pra essas, igual, minha irmã que é nova, vai ser mãe agora, não tem experiência nenhuma. Sabe de nada. Aí eu queria que tivesse mais coisas assim pra mães mais novas. Menos de 18 anos. Igual minha irmã, tem 16. Coitada. Ela não sabe nada da vida. Engravidou, e tudo ela me pergunta: Eliane, cê sabe isso? Eliane, cê sabe aquilo? Ela tem vergonha de ir no posto conversar com médico, com enfermeiro, até mesmo com a Agente Comunitária. Ela tem vergonha. Ela não sabe perguntar. Igual agora, ela vai pra maternidade, agora, ela vai ganhar neném. Ela não sabia o que que ela levava na bolsa. O que que podia levar. Ela queria levar mamadeira, queria levar chupeta. Eu falei: oh minha filha leva nada disso não. Chega lá eles num deixa usar nada disso não. Queria levar faixa. Num sabia que roupinha que leva. Queria levar

banheira (risos). EU falei: menina cê tá doida, para com isso. Ah mais eu não sei. Chaga lá eu vou usar o que? Chega lá eles te dá tudo. Ela não tem orientação nenhuma. Minha mãe não conversa com ela. Sobre nada disso. Como cuidar do neném. Nada disso. Ela falou: Quando o bebê nascer cê vem cá me ajudar? Eu falei lógico. Eu vou neah? Ninguém me ensinou, eu vou neah? É fazendo que aprende, neah?

E: Tá certo. E... e tem alguma coisa que você gostaria de saber que eu poderia te ajudar? Alguma dúvida, alguma informação que você gostaria?

#### ENTREVISTA 14

E: Me conta uma coisa: é o seu primeiro bebê?

M: Sim, é meu primeiro bebê.

E: E me conta como foi a descoberta dessa gravidez pra você.

M: Ah, foi legal, foi boa.

E: Como que foi o momento da descoberta. Eu queria que você me contasse um pouco mais sobre esse momento.

M: Ai, eu num... tipo, eu não sabia e eu nem imaginava que eu estava grávida. Aí eu fui e vi que tava... que minha menstruação num veio. Aí eu fui e percebi. Aí eu fui e fiz os exames. Fiz o de farmácia, depois fiz o do posto. E deu positivo. Foi assim essa descoberta. Porque eu nem imaginaria que eu estaria grávida. Gravidez sem porquê. Eu tinha um pouco de dificuldade de engravidar. E eu descobri assim. Foi Deus mesmo que trouxe ela pra mim. Porque eu imaginava que eu não engravidava mais. Foi assim.

E: Você estava tentando então engravidar.

M: tava ué (risos)

E: E como foi quando você descobriu o sexo do bebê?

M: Ah foi ótimo, foi emocionante demais. Que eu pensei que era um menino, aí veio uma menininha e eu descobri com sete meses de gestação.

E: Nossa, bem avançado.

M: Foi bem avançado.

E: Mas teve um tempo pra compra o enxoval correndo (riso)

M: Foi correndo.

E: E como foi a notícia pro resto da família.

M: Ah, tomou um choque, mas eles gostaram, eles aceitaram.

E: E o sexo do bebê? Foi uma notícia boa ou foi como pra você?

M: Tavam esperando um menino também. Todo mundo tava esperando um menino. Mas aí veio uma menininha e eles ficaram alegre por ter vindo uma menininha.

E: Que legal. E... me conta um pouco de como foi o seu pré-natal.

M: Foi ótimo.

E: Você lembra de algum detalhe pra você me contar?

M: Ah. Foi normal. Rotina neah. Toda semana. Toda assim: mês em mês e no finalzinho semana a semana. Foi ótimo, foi boa a assistência. Eles me trataram bem.

E: Muito bom. E quem foi que te acompanhou no pré-natal? Quem foram os profissionais que tavam junto?

M: Não foi aqui. Foi lá em cima no Julia. Foi... eles acompanharam... legal ela a médica. Ela.... Até esqueci o

M: Não, até que não. Quanto eu procuro saber alguma coisa eu corro é na Ângela, quanto eu tô com alguma dúvida eu pergunto é pra Ângela. É a Ângela que me socorre.

E: Tá certo. E, pra gente da pesquisa. Você tem alguma sugestão, alguma coisa que te incomodou?

M: Não até que tá ... vocês estão muito educadinhos, cês estão sabendo até de muita coisa. Me ajudando com os meus dentes... só falta isso pra eu ficar feliz. Mais feliz!

nome dela. Não lembro. Mas ela é super gente boa. Me tratou super bem.

E: E... nesse período que você estava acompanhando, você convidada para algum grupo de gestantes ou de mães?

M: Fui. Fui, mas não deu tempo de participar de nenhuma.

E: Ah, que pena! E... durante a gravidez você ficou com alguma dúvida em relação a gravidez?

M: Não nenhuma, foi tranquila.

E: E como e que foi a preparação pra chegada da sua filha?

M: Ah, foi ótimo, tava ótimo. Foi tudo direitinho. Deu tempo de fazer tudo que eu queria. Foi legal.

E: Seu parto foi de que tipo?

M: Foi normal. Era o parto que eu tava querendo. Tava com medo, mas tava querendo.

E: Durante a gestação quais foram as novidades que você aprendeu, que foram novas mesmo?

M: Ser mãe. Só isso. Acho que foi só isso.

E: Durante a gravidez você teve a oportunidade de ir ao dentista?

M: Não.

E: Mas cê chegou a ser encaminhada?

M: Não. Também não.

E: Tá certo. E você já tinha imagi... ouvido falar ou imaginado falar da importância de ir ao dentista durante a gravidez?

M: é, Já tinha ouvido falar, mas não me falaram nada não.

E: Tá certo. E como foi quando o bebê chegou em casa? As primeiras semanas?

M: Ah foi.... foi novo, foi um pouquinho difícil, mas deu pra levar, neah?

E: Eu queria que você me falasse mais dessa dificuldade que você teve.

M: Ah, eu porque não sabia o que ser mãe. Neah. Sempre que o bebê nasce, a gente tem que... a gente aprende a cuidar de uma criança. Mas com tinha pouco tempo, foi um pouco difícil, eu não sabia dava banho. Como.. a noite chorando, cólica. Aí foi um pouco difícil. Mas deu pra levar. Ela era calminha no começo. Dormia noite inteira. Só acordava pra mamar. Até hoje. Ela só acorda pra mamar e depois dorme.

E: Delícia, hein?

M: É. Nem chora. É muito difícil ela chorar, só se ela tiver com alguma dorzinha. Aí ela chora, mas sendo assim. Ela só resmunga, que eu já sei, já pego ela, e dou peito ela. Aí ela dorme rapidinho.

E: Que bom. E... como é a sua primeira. Neah? Realmente eram muitas novidades no começo.

M: Era.

E: E você teve alguma orientação de como cuidar da sua filha?

M: Ah, tive. Eu tipo assim... Na... Eles vão explicando neah? Quando o bebê nasce eles ensina como cuidar. O que fazer e eu fui pegando isso, aprendi e fui passando pra ela. E: Você lembra o que foi que eles te ensinaram nesse momento?

M: Ah, ensinou o banho, como dar o peito, é.... Aí quando ela tem dorzinha de barriga, como deixar. É assim só isso mesmo. Que eu tive pouco tempo lá. Ai eles ensinaram só o básico mesmo. Que é o banho, como dar o peito, como fazer pra ela parar com a dorzinha de barriga, que é colocar ela de barriga pra baixo.

E: E o que você achou disso tudo que você aprendeu lá?

M: Legal, interessante.

E: Você conseguiu colocar tudo em prática?

M: É consegui um pouco. Deu pra fazer tudo que ela precisava eu consegui. Assim, o primeiro dia foi difícil, mas depois a gente vai acostumando.

E: E como você está cuidado da boquinha da sua bebê?

M: Ah, é... como falam que fica um pouquinho branquinha quando ela vai mamar. Eu passo gazinha com agua filtrada. E ela tira, sai normalmente. Ela não deixa muito mais eu tento neah?

E: E você tá conseguindo fazer isso quantas vezes?

M: É... toda vez que eu dou o banho, quando... e... é... praticamente toda vez que eu dou o banho nela. Que eu dou banho nela umas duas vezes, quando tá muito calor umas três. Eu passo antes agua filtrada na gaze.

E: Quem te ensinou a passar a gaze com água?

M: Foi no posto, também. Igual eles já falaram. E também comentário, neah. Os outros fala. E também eu tenho uma prima que é dentista. Ela exigiu, neah? Tem que fazer isso, porque senão dá pra problema. Aí eu faço.

E: Legal. E você já teve a oportunidade de levar sua filha o dentista?

M: Não ainda não.

E: Por que?

M: Ah porque... acho que ela... sei lá. Num tem dentinho ainda.

E: Tá certo. É... Pra gente ir concluindo, é... eu queria te dar a oportunidade de que se você pudesse dar uma sugestão pra melhorar o atendimento pra gestante. Você teria alguma coisa pra falar?

M: Ah. Acho eu não.

E: E da gente. Tem alguma orientação que você queria? Alguma coisa que não ficou claro?

M: Não, tá tranquilo.

## ENTREVISTA 15

E: Eu queria que você me falasse um pouco de como foi a notícia da gravidez pra você.

M: Foi um susto. Podre quando descobre que está grávida é um susto. Porque depois dele eu tive bem dizer dois abortos. Eu tive um aborto com quase 5 meses. Não senti nada. Aí fiquei os 5 meses grávida e não sabia que tava grávida não. Sério. Aí me deu uma crise de sinusite. Aí eu fui lá na Gurgel, falei com o cara porque minha sinusite tinha atacada. Trabalhava de diarista. Sempre gostei de trabalhar de diarista. Aí eu limpar a casa, fui mexer nos produto lá, e a sinusite atacou. Eles tacaram remédio em mim. Eu entrei no remédio sem saber que estava grávida. Aí de repente comecei a passar mal. Meu esposo chegou eu falei assim: eu tô passando muito mal. Ele perguntou: que que você ta sentindo. Eu falei é tudo. Fui chegar no hospital São José, começou a sangrar. Tava abrindo a ficha e começou a escorrer sangue pelas pernas abaixo. E todo mundo parado olhando e o povo olhando. Eu pensei: meu Deus eu vou morrer é agora. Aí o obstetra falou assim: cê vai lá na sala lá, tira a roupa que a gente vai te examinar. Quando eu entrei na sala o médico disse assim: tenho duas notícias pra você: uma que cê tá grávida e outra que cê tá perdendo esse bebê. Eu fui no outro mundo e voltei. Meu marido coitado, de preto ele ficou foi branco. Ele falou que que isso, que eu nem sabia e tá essa situação aí. Aí mandaram pra outro hospital porque no São José não tinha anestesista. Não tinha. E o médico falou que se eu ficasse lá eu ia ter uma hemorragia. Aí depois passou aí eu fiquei um tempão. Porque desde quando eu casei eu não tomo medicamento pra evitar. Porque a gente serve a Deus e tudo é no tempo de Deus. Se Deus achar graça de dar ele dá, se ela não achar de num dá eu também tô em paz. E ele que previne. Agora em fevereiro, dia 18 de fevereiro a gente faz 9 anos de casado e é ele que previne. Igual eu vou ganhar neném agora e ele vai tirar 15 dias de férias pra ele fazer a vasectomia. Porque eu não quero fazer, pra mim é mais trabalhoso. A não ser que eu ganhe cesária. Porque eu pra mim é mais difícil, porque eu tenho que ficar em casa,

eu tenho que amamentar. Como é que eu vou ficar indo e voltando no hospital. Ele falou assim: não. Eu tenho certeza do que eu quero. Se Deus levar ocê, eu não vou querer fazer mais filho. Porque o mundo não tá pra encher. Pra gente ficar fazendo filho. Aí eu faço a vasectomia e você fica mais tranquila. Mais aí depois do aborto eu tornei a engravidar de novo. Passou uns dois anos eu tornei a engravidar. Aí foi até os 4 meses de novo. Aí o médico pediu outro ultrassom. Falou ó: vou te pedir um ultrassom porque eu tô achando alguma coisa errada. Aí foi ver só formou a bolinha com água. Não tinha embrião. Aí tornei a fazer a curetagem de novo. Aí eu e meu marido sentou e conversou: vamos ficar só com o Gustavo. Porque eu não gosto de ficar parada dentro de casa. E meu pai adoeceu e eu tive que ficar parada pra ajudar minha mãe. Oh vamo ficar só com o Gustavo, porque eu não gosto de ficar parada dentro de casa. Se eu ficar parada dentro de casa eu vou é adoecer. Aí ele falou: oh Elisângela, você quem sabe. Toda vida que eu te conheci foi trabalhando. Agora que você arrumou menino e seu pai adoeceu que você num faz questão que você ajuda sua mãe. Mas foi uma peleja desgramada, porque eu cismeie que queria trabalhar de qualquer jeito. Aí quando foi ano passado eu falei assim: Anderson, tem alguma coisa estranha. Que eu não sou de sentir essas coisas. Tô sentindo enjojo, tô sentindo dor de cabeça, acho que eu num tô dormindo direito. Ele falou comigo assim: será? Mas aí eu deixei passar um mês, deixei passar dois meses. Aí minha menstruação descia normal. Olha que coisa estranha. Se ocê num tomar cuidado você faz besteira. Ainda pensei assim: grávida eu não tô não, a menstruação descendo normal. É impossível. Aí ele falou assim comigo: você quer saber de uma coisa? E ele é muito cabrero com essas coisas assim. Eu tava até falado com minha mãe assim, porque a família dele é baiano, ele é baiano. Eles num toma um comprimido pra dor de cabeça. Eu fico besta, e eu não, se eu sentir uma dor de cabeça eu fico doida, eu tomo um dorflex, eu não fico com dor de cabeça. Aí ele falou, vamo lá o hospital que

nóis tem convênio. Porque ele falou que se não for alguma coisa que você comeu você tá com dengue. Eu falei então tá bom. Aí chegou no hospital o médico pediu exame sangue: grávida. Eu quase caí pra trás. E o médico falou assim: se num tá feliz não? Aí eu falei: eu saí de dois processo difícil e tô grávida? Nossa, mas eu saí da sala inconsolável, chorando, xingando. E meu marido falou assim: para, para, que nós serve é a Deus. Deus sabe de todas as coisa. Deixa Deus trabalhar. Eu falei: oh eu não quero saber de menino mais. Sabe quando você leva a gravidez que cê acha que a gravidez não vai dar certo? Eu fui levando. Fui fazendo os exames, os ultrassom. Fui consultar, fui fazer o pré-natal, e o meu médico falou assim: cê tá com a barriga muito grande, nós vamo pedir um ultrassom de urgência. Aí que falei, não que eu não gosto de fazer ultrassom de urgência, porque toda vez que eu faço ultrassom meu marido tá perto de mim pra ver. Aí ele falou: cê vai fazer rápido que eu quero ver esse menino. Aí fui e não tinha ultrassom mais. Até que eu consegui. Aí eu liguei pra ele e falei assim: cê tá do outro lado da cidade e eu tô de cá, e pediu um ultrassom de urgência. Então cê vem pra cá que tem alguma coisa de errado. Aí o médico olhou e falou assim: esse menino tá é com quase 4 kg e 52 cm. E eu falei pra ele, agora eu quero ver é pra sair. E ele disse: cê tá preocupada é pra sair? Eu tô preocupada é pra sair, porque eu não ganhei um quilo, eu perdi peso. E ela tá essa bola eu eu falei num vai sair. Mas ele falou: calma, calma. Porque não é ocê e comecei a brigar no telefone. Aí ontem nós tava olhando o ultrassom e falou assim: nós vimos pequenininho e olha o tamanho que ela já tá, daqui a pouco já tá é nos braço e ocê tá é reclamando. Eu falei, não eu não tô reclamando, é porque eu não achei que ia adiante uai. Cê passa dois processos desses, você vai pro hospital e vê as crianças tudo nascendo, e ocê sai de lá sem as criança nos braço. Eu falei, a dor de um aborto quem passa sabe. Não é ocê, num é só emocional, não é só fisicamente, emocionalmente mexe muito com você. Tava grávida, chega lá o médico fala, já tá é perdendo. Eu falei com ele: eu não quero que chega no hospital e fala que está perdendo. Eu queria que crescesse a barriga, que eu pegasse no colo, aí assim, eu fiquei muito apavorada com isso. Agora graças a Deus eu tô tranquila. Mas não vejo a hora. Você imagina, quase quatro quilos, 52 centímetros, eu não tô dormindo nada direito. Num tô prestando pra nada. Eu falei com a minha mãe: Mãe! Ele falou assim, no final de semana você vai no cabelereiro, cê faz essas unhas suas, porque se passar mal não vai ter tempo pra nada. Mas quem disse que eu durmo a noite. Eu fico preocupada, eu viro pra lado ela mexe, eu viro pro outro ela mexe. Ele falou assim, você tá muito sem espaço. Ruim pra comer, num tô comendo nada, eu tô a base de líquido. EU falei assim: mãe, se ela não nascer por bem, eu vou ter que ir lá no hospital pra falar pra eles fazer alguma coisa, porque eu não to aguentando mais. Eu não tô dormindo, não tô passando mal. Mas que foi melhor que a dele foi. Porque a dele, eu quase morri. Foi nove meses passando mal. Nove meses. Eu não bebia nem agua dele. Nele eu não bebia nem agua. Sabe aquela grávida que passa na rua e o povo fala: olha lá aquela grávida amarela. Eu não comia, não bebia agua. Eu não comia comida, fui passar a comer comida quando eu tava grávida de 8 meses. E mesmo assim, o médico não passou sulfato ferroso, não passou nada pra mim. Dei anemia. Dela foi melhor, com 4 meses o enjoo já tinha passado, eu tava mais tranquila, eu já saía. Agora

ruim, como eu tô te falando é o final. Nossa. Mas você não tem esposa ainda não, neah?

E: Não.

M: Então se prepare meu filho (risos). Se prepara porque o trem não pe brinquedo meu filho. Nossa deixa a gente doido. Daqui a pouco ele liga: como é que tá? Já começou as dor aí... (filho interrompe). Dele foi mais conturbado. Até pra ganhar foi difícil, porque eu internei 10:30 do dia 31, foi ganhar foi 9:57 do dia primeiro. Foi 12, quase 12 horas de trabalho de parto. Chegou uma certa hora que... que os médico falou assim que... entrou uma equipe médica na sala. Eu tinha falado com Deus assim: se esse menino nascer vai eu e ele. Eu já tava amarela, já tinha amarrado minhas perna. Aí entrou uma médica. Eu falei com a médica: não minha filha tá demorando demais nascer. Olha, se ele não nascer eu não vou aguentar, eu vou morrer. Aí minha mãe ligou e eu falei assim: mãe cê em vez ficar arrumando berço aí, cê pode é arrumar caixão, porque se esse menino não nascer eu vou é morrer. Quando esse menino nasceu ele tava pretinho. Teve que tirar a fórceps. Porque tinha uma médica lá que queria que eu ficasse fazendo força, mas eu não tinha força mais. Porque em vez de deixar a força pra hora de nascer, ela mandou eu ficar fazendo força. Larga de ser mole mãe: força, força, força. Dele eu penei. Eu falei assim com minha: porque quando a gente é ruim a gente paga alguma coisa. Eu nunca achei que eu fui ruim pra pagar a esse ponto. Porque eu nunca fui... é sério. Eu nunca me achei uma filha ruim, uma esposa ruim, eu nunca prejudiquei meu próximo, se eu não poder ajudar eu num atrapalho, mas dele minha filha, eu achei que eu não ia sair viva da sala não. Dele eu achei que eu não ia sair viva não. Agora dela eu tô mais confiante, mas eu tô tremendo a base. Porque meu Deus do céu, quase quatro quilos. O médico falou que tá faltando pouquinho, pouquinho. Nós arrumamos o guarda roupa e minha mãe falou: vamos arrumar os bori menor pra levar. Mas aí eu disse: nós temos que ver, porque nasce um burucutú de menino aí vai ficar tudo enfiado no guarda roupa. Nossa não é fácil ser mãe. E não é fácil pro cê ser pai, viu filho. Meu marido tadinho, ele fala comigo assim: eu tenho trinta e meu marido 35. Quando eu casei eu tinha 26. Ele falou assim comigo: eu não pensei que formar família era fácil. Porque eu namorei com ele 5 anos e eu num sofá e ele noutro. E não podia sair pra tomar um sorvete. E nossa conversa era assim: tem que comprar tijolo, já recebeu essa semana? Tem que comprar telhado. Agora que eu vejo essas meninas de 12 ou 13 anos namorando na rua eu fico espantada. Tem hora que eu passo ali e vejo essas meninhas tudo namorando. Eu penso assim gente: se fosse no meu tempo eu apanhava demais. Porque ele sentava tadinho, porque o dia que ele pegou na minha mãe foi o dia mais feliz da vida dele. Porque minha mãe não dava trégua pra gente de jeito nenhum. Achei que ter família era a coisa mais fácil do mundo, era só casar. Hoje ter responsabilidade. Trabalhou 9 anos na mesma empresa. Entrou lá como auxiliar, carregava saco de farinha na cabeça. Agora já é supervisor. Ele num para em casa. Ele tá de férias na faculdade. Ele faz engenharia de produção. Maior luta, eu quase não tenho marido. Só tenho marido por celular.

E: Eu tô vendo que foi uma história muito... eu tô impressionado com tanta coisa que aconteceu...

M: Muita coisa, tem hora que eu to conversando, o povo fala assim: ocê da família dá exemplo. Minha tia falou: as

menina não quer casar, quer tirar carteira, quer ficar curtindo, namorar, e ocê é a unida da família que tem essa cabeça focada assim. Mas eu falo, isso vai da criação. (filho interrompe). Mas dessa gravidez tá sendo melhor. Eu tô alimentando mais, comendo melhor. Eu não lembro de pré-natal que eu conseguisse ir no médico. Se eu não fosse apoiada por um e por outro eu não ia. Aconteceu do meu marido sair do trabalho e vir de jaleco branco, porque minha mãe ligava e falava: vem que sua mulher tá passando mal. Eu falava assim: gente, esse menino não vai nascer? Ele nasceu no ano novo. Eu falei, não acredito que eu tô passando mal pra ganhar. Ainda falei assim, antes de sair de casa: eu acho que eu tô indo pra não voltar. Quando eles colocaram ele no meus braços eu pensei: eu não acredito que eu to apalpando ele. Você não acredita. E eu vejo amiga minha falando que não sente nada. Você conhece a minha amiga loira aqui em baixo. Ela tá grávida de novo. Meu Deus, essa é guerreira. Mulher guerreira: um filho por ano. E é aquela facilidade, não sente nada. Gente, é Deus mesmo. E eu com dois eu tô pedindo arrego.

E: Eu queria que cê me contasse um pouco sobre o que você aprendeu nessa gravidez em relação a cuidados com a gestação e com o bebê.

M: Tudo. Eu aprendi tudo meu filho. Aprendi que... (filho interrompe). Eu já aprendi muito com alimentação, cuidar de mim, os exames no pré-natal. Igual eu estou te falando, no primeiro eu quase não tive condição de ir fazer os exames. Agora dela eu fiz todos os exames, não tem nada pra levar mais. O último ultrassom já tá pronto. Alimentação aprendi. Dela eu aprendi a me alimentar, coisa que eu num tava grávida não sabia. Comia o dia inteiro igual traça. Sério. Eu não tenho esse costume de levantar e tomar café da manhã. Levantar tomar café, é... almoçar, eu não tenho esse costume. Eu gosto de comer besteira o dia todo. É biscoito recheado, é um trem é outro, eu fuço a geladeira, enquanto eu não acho tudo de bom eu não sossego. Agora dela eu aprendi, eu falei com a minha mãe: engraçado, se eu não comer na hora certa eu passo mal. Se eu não tomar vitamina na hora certa eu passo mal. Tudo na hora certinha, é totalmente diferente. Eu falei: eu quero manter esse habito depois que eu ganhar ela, porque eu não vou engordar de novo. Eu não posso encostar de novo. Eu to com 35 anos, eu não vou ter saúde pra cuidar dela. Mas assim, eu aprendi a alimentar, os exames foi certinho, tudo foi tranquilo.

E: E com quem você aprendeu essas coisas de alimentação.

M: Ah, aprendi porque desse médico do pré-natal que quando eu cheguei lá falando que eu estava grávida ele falou que eu tenho que comer na hora certa, cê tem que comer legumes, cê tem que comer isso e aquilo. Aí tem hora que eu estou enjoada, aí eu ligo pra essas coisas, esse negócio de marmitex, eles manda aquele tanto de salada. Coisa que eu não comia, que eu não tenho habito de comer direito. Esse eu não comia todo dia. Beterraba, abacaxi, tudo agora eu á consigo comer, mudou meus hábitos alimentares, porque assim, se eu não tivesse grávida eu tava dessa grossura, gorda. E depois dela não, eu consegui uma gravidez saldável. Eu ganhei 300gramas só. Só 300 gramas. O médico ficou bobo, meu cartão de pré-natal...O médico ficou bobo porque nunca viu, tem grávida que ganha 8quilos, 10 quilos, tem grávida que ganha até 15 quilos. Mas ocê tá até tranquila, ganhou 300 gramas, porque eu perdi ao longo da gravidez 18quilos, então assim... tô tranquila, tô com 70 quilos. Assim, tranquila,

tranquila eu não tô, porque pela minha estatura eu tenho que perde mais um 8, uns 9, mas eu creio que eu vou chegar lá. Eu vou cuidar direitinho. (mãe interrompe)

E: Elisângela, você passou no dentista durante a gravidez?

M: Passei, eu tenho a minha dentista. Ela trabalha pela unimed. Só que a única coisa que eu não pude mexer é porque eu tinha que terminar um canal no ano passado. (filho e mãe interrompem) aí eu tenho que mexer no canal, mas eu nem abri ele ainda, vou ter que abrir o dente e fazer o canal. Aí minha dentista falou: não, depois que você ganhar ela a gente abra e faz o canal. Porque no começo eu tava enjoando. Mas eu não tenho problema nenhum não. O único problema que eu tô é com o gosto da pasta de manhã, o gosto me mata, mas me mata e me mata, aí sabe o que eu tô fazendo? Eu tô enchendo a boca de enxaguante bucal e depois eu passo escova. Porque eu não to aguentando o gosto da pasta.

E: E continuando nesse assunto, e como é que você pensa que vai ser o cuidado com a boca dessa menininha que está vindo.

M: Com muito cuidado, cortar doce. Eu não acostumo meus meninos com doce não. Ele tem 6 anos, como eu te falei e ele não tem nada. Ele não chupa chiclete, não toma Danoninho, eu acostumei desde pequeno. Pro cê ver, criança gosta de bala e pirulito. Se ocê oferecer ele não aceita. Não chupa bala, não chupa chiclete, não come doce. Então como eu te falei, do mesmo jeito que eu cuidei dele eu quero cuidar dela. Com hábitos e costume. Se acostumar ela vai querer doce, se não acostumar ela não vai querer. Chá. Quando eu e minha mãe vai var chá a gente não põe açúcar. Levei ele na dentista. Ela falou: tô boba, ele já tá trocando os dentinhos e não tem nenhuma cárie. Tem menino que cê vê aí com 4, 5 anos e com a boca brocada. E olha lá: não tem nada.

E: E... E quando bebezinho, antes de nascer o dente. Como que faz a limpeza da boca.

M: Ah eu até comprei... Meu marido fala que eu compro algodão demais. Comprei dois pacotes de algodão. Porque assim, cada mamada que eu dava nele eu passava.... Eu lavava a mão direitinho, higienizava, pegava algodão e passava na gengivinha. Então assim, ele falava assim: cê tá ficando neurótica, esse menino nem dente têm cê tá enfiando trem na boca do menino. Você vai matar o menino. Mas... mas... não é questão. Cê vê fala, tem que limpar, tem que higienizar, a língua tem que limpar, minha mãe falava, quando eu via que a linguinha tava ficando suja eu passava bicarbonato, mornava água e higienizava. Limpava direitinho. Então assim, sempre foi assim e com ela vai ser assim.

E: E quem foi que te ensinou a fazer assim?

M: Minha mãe. Minha mãe. Cê aprende tudo com mãe. Eu gravei. E ele danou a rir esses dias que essa mulher com dois sacos de algodão. Tem que higienizar a boca da criança. E ele falou: pra que? Essa criança nem tem dente, só mama no peito. Aí eu falei, tem que higienizar (Risos). Mas cuidei dele assim e não deu cárie não. E quando começou a nascer os primeiros dentinhos eu comprei escova. Aí ele falou assim: você tem mania, onde você vai cê compra escova de dente. E eu comprava e as vezes ele não deixava escovar, aí eu mornava a água e passava com bicarbonato pelo menos uma vez na semana. Então assim, não teve problema. E dela vai ser assim, pra num dar problema, porque ai cresce sem dar problema e a gente



evita de ficar gastando. Também é caro demais dentista. Cê que vai abrir negócio...

E: (Risos) E deixa eu te perguntar, durante a gravidez você teve a oportunidade de participar de algum grupo de gestantes ou de mães?

M: Não. Ter a oportunidade eu tive, mas não quis não, porque as coisas que eles iam ensinar é coisa básica, é coisa que eu já sei. Então assim, pra eu sair de casa, perder tempo, ir lá... Então pra mim tá saindo de casa passando mal do jeito que eu tava eu acho que não compensa. Porque as coisas que a gente aprende geralmente na primeira

gravidez, fica de prática. Na segunda você já tira de letra. As coisa que você errou na primeira vez, você acerta na segunda. E eu aprendo com a minha mãe. Minha mãe como se diz é uma enciclopédia. (Risos). Porque criou cinco filho e tá aí.

E: Então é isso Elisângela, o que eu queria perguntar era basicamente. Eu queria saber se você tem alguma dúvida que eu possa te ajudar.

M: Não tá ótimo.

## ENTREVISTA 16

E: Pra gente começar eu queria que você me contasse como foi a notícia da gravidez pra você.

M: Nossa! (riso) Foi normal, eu tava mais ou menos esperando.

E: Ah é? Me fala mais. Estava planejado?

M: Não, tava começando a planejar. Tava começando a ir no médico, tomar remédio, aí... só que era pra eu engravidar no outro ano. Mas eu engravidei no mesmo ano. Aí não foi tão surpresa assim não.

E: E como que o restante da família recebeu essa notícia?

M: Bem. Não teve problema.

E: Que bom. E a notícia do sexo da criança.

M: Nossa foi uma surpresa, porque eu queria uma menina (risos). Aí quando eu descobri eu fiquei até meio chocada. Porque eu já tinha tido um outro menino. Aí dessa vez eu queria uma menina. Aí quando eu fui na ultrassom, a primeira coisa que o médico falou: é menino. Eu falei: você tá errado doutor (risos). Aí como eu fiz a... a ultrassom com três meses, que era uma outra ultrassom de um jeito diferente, aí eu falei: não vou descobrir que é uma menina e você vai ver, você tá errado.

E: E você já tem outro?

M: Não eu tive, eu perdi. Mas era um menino também.

E: E depois que você descobriu, como que foi o pré-natal.

M: Foi acompanhado direitinho

E: Eu queria que você me contasse um pouco do que você lembra das consultas de pré-natal.

M: Como assim?

E: Ah, eu queria que você me contasse principalmente eu queria saber o que você aprendeu nas consultas de pré-natal.

M: Nas minhas consultas num era muito de aprender nada não. Porque eu fiz no Julia meu pré-natal. Lá era mais olhar, perguntar se eu estava passando mal. Certos meses eles mandavam a gente tomar sulfato ferroso. Mais era isso, mais consulta mesmo. Nada de explicação: quando você ganhar vai ser assim... nada disso.

E: Com nenhum profissional?

M: Com nenhum... só no posto. No posto o Frank ele orienta a gente. Fala como que é. Que essas dor é normal que futuramente você vai sentir mais. No posto é diferente, mas eu fiz no Júlia: pré-natal seríssimo, neah? Sério. Sem nenhum tipo de explicação.

E: E você foi encaminhada alguma vez pro dentista?

M: Fui. No posto eu fiz até um... porque meu dente quebrou quando eu estava grávida, aí eles colocaram massinha. Acho que foi massinha mesmo, curativo. Pra depois eu poder fazer canal.

E: E as orientações pra poder cuidar do bebê? Você recebeu?

M: Depois que eu ganhei eu recebi.

E: Onde que foi, quando que foi. Me conta como que foi isso.

M: Lá na maternidade. Tinha uma dôla, uma mulher que fica lá cuidando da gente (filho começa a chorar). Que mais... tinha uma fonoaudióloga, neah? Que ensinava a amamentar. Tinha as médicas, as pediatras, depois que ganha eles orientam. Quando a gente tá fazendo o pré-natal não (riso).

E: O que você lembra de ter aprendido?

M: Nossa. Ah é muita coisa (riso). Me recorda quais foram as mais marcantes pra você. Amamentar neah? Porque eu não sabia. Aí... é isso Porque o resto eu tinha noção. Tenho uma irmã pequena neah?

E: Tendi. E... E em algum momento você teve a oportunidade de participar de algum grupo de gestantes ou de mãe?

M: Ah, eu tive, mas num quis participar não. (riso)

E: Por que?

M: Porque.... ah, eu acho que o que eles falavam lá eu já tinha mais ou menos uma noção, eu já sabia. Aí eu não fui em nenhuma. Não participei desse trem não.

E: Entendi. Agora que o Miguel já nasceu e você está tendo que ter os cuidados com ele. Como que tá sendo o cuidado com a boca do Miguel.

M: Tá sendo boa, uai. Eu escovo os dentes. Tem um negocinho de silicone, eu lavo lá. Agora o dentinho dele está começando a apontar.

E: Nossa que legal, os primeiros dentinhos. E quem te ensinou a ter esse...

M: O pediatra dele, falou que eu podia pra não ficar fedendo leite. A língua dele. Coloco no dedo e passo.

E: E você já teve a oportunidade de levar ele no dentista?

M: (risos) Não uai, ele é tão novinho.

E: Tá certo.

M: Agora que ele tá começando a ter dentinho, que o dentinho começou a apontar, ainda não levei ele não.

E: Tá certo. Ana Carolina, é... pra gente ir concluindo, eu queria... saber de você se você tivesse alguma sugestão pra dar pra melhorar o atendimento a gestante o que você falaria.

M: Nossa é tanta coisa...

E: Me dê um exemplo.

M: Ah, mais atenção, porque ele acham que gravidez é uma coisa normal, não é uma doença. Só que eles tratam a gente como... a gente mãe de primeira viagem não entende bem de dor, então qualquer coisa que a gente sente a gente vai no médico mesmo. Eles acham que a gente vai o médico a toa, de bobeira. Dar mais atenção. Saber explicar as coisas mais, porque acaba que a gente vai no médico direto por

causa de qualquer motivo. Que cê pensa que não é normal. Aí chega lá eles falam que é normal. Principalmente no Júlia. Cê chega lá sentindo dor eles falam que não tá na hora: “pode voltar pra casa”. Tendeu? Eu ganhei ele com 41 semanas. Passando da hora de nascer, por causa disso. Porque eu não entro em trabalho de parto. Meus partos são todos induzidos, mas eles acham que eu tenho um parto normal. Me forçou um parto normal, que quase que ele morre. Na hora que ele nasceu, ele nasceu fazendo cocô. Mais um minutinho que ele tivesse ficado na barriga ele tinha morrido, porque ele ia ter comido cocô neah? Aí foi desse jeito. E sem contar que a minha bolsa já tinha estourado, ele ficou sem líquido. Foi muito ruim.

E: Entendi

M: Tem que melhorar em questão disso. Dar mais atenção.

## ENTREVISTA 17

E: Como que foi a gravidez dela pra você?

P: Pra mim foi uma surpresa, porque nós num tava esperando. No começo eu tive dificuldade de aceitar.

E: E pra você como que foi?

M: Ele tava pedindo pra tirar, aí eu falei que não aí tirar. E eu continuei com a gravidez até a bolsa estourar.

E: E depois desse susto, vocês acostumaram com a gravidez.

M: Pra ele demorou acostumar.

P: Eu demorei a acostumar, porque eu tenho planos na vida e cada vez que vem uma criança sem projetar, você tem uma consequência daqui. Que nem essa daqui veio, bacana. Agora dessa aqui eu já tinha comentado com ela que eu não queria mais, neah? E Aí, assim que a gente ficou aqui em Belo Horizonte, porque a gente em São Paulo, aí veio a notícia que ela tava grávida dela também. Porque ela não tava tomando os anticoncepcional. Aí foi complicado, neah? No começo eu não queria aceitar muito. Depois, eu vi que não tinha mais recurso e foi cruel.

E: E como foi a aceitação pra você? Me fala sobre como foi a aceitação pra você.

M: Sei lá.

P: Ela sempre quis. Entendeu?

M: Não, eu tava... Quando eu tava grávida eu queria um menino. Porque eu tinha um menino lá em São Paulo, eu queria outro menino pra inteirar dois menino e uma menina, pra ter um casal. Mas agora que veio outra menina... (risos). Aí tá aí.

E: Entendi. Como foram as consultas de pré-natal.

M: Um pouco foi boa, outra parte foi ruim. Que uma médica me deu até um certo tempo e eu cheguei no hospital foi outro tempo. Entendeu? E as dores da contração pra mim...

P: Ele tá perguntando de consulta.

M: Ah, consulta foi normal.

E: Você tava me falando que teve uma parte que foi boa e outra ruim. Que que foi a arte boa do pré-natal.

M: A parte melhor? Agora é complicado... Ele só pediu ultrassom. Aí conforme ele ia pedindo os exames eu ia fazendo todas. Mas ele ficava só pedindo ultrassom e me examinando. Mas eu queria fazer particular e tive que fazer pelo SUS. E pelo SUS tava demorando, porque particular é caro. Foi assim. Foi tudo normal Graças a Deus.

E: Esse.... Além do médico, que outro profissional que te acompanhou?

M: De enfermeira?

E: Tem algum tipo de informação que poderia ser dada melhor?

M: Todas (risos). Que eles falam: é normal. É normal pra eles, mas pra gente não é normal. Tem que explicar direito. Sei lá. Nem sei como falar disso.

(vizinha chama no muro)

E: Carol, pra gente da pesquisa tem alguma coisa que a gente poderia ter feito diferente.

M: Não.

E: Foi tranquilo?

M: Foi.

E: Tem alguma informação que você gostaria que a gente te desse? Alguma dúvida pra gente?

M: Não

E: Isso, enfermeira. Teve outro profissional?

M: Não, só médico e enfermeira.

E: O médico e o enfermeiro, o que eles te ensinaram durante a consulta?

M: Nada não.

E: E como foram as consultas com eles?

M: Era marcada num papel. Tipo de uma revista. Aí toda vez que eu ia no pré-natal, marcava no cartão. (riso) eles marcavam nesse papel aí. Aí eu ia em todas.

E: E o que acontecia nas consultas?

M: Ele só me examinava. Aí quando eu passava mal, mandava eu ir pro Julia. Qualquer dorzinha ia pra lá.

E: E você teve a oportunidade de acompanhar com o dentista?

M: Tive uma vez.

E: E como que foram as consultas com os dentistas? Tenta lembrar...

M: Ah foi horrível.

E: Nossa. Porque que foi horrível. Me fala sobre isso.

M: Eles colocaram aquela maquininha (repete o som do alta rotação). Eu falei moça, que trem é esse, tira isso daqui. Colocava outra coisa, enfiava um cano. Nossa foi horrível demais. Eles mandaram eu fazer escovação. (Marido interfere, mas mulher não entende o que ele fala).

E: E... Pessoal que te entendeu lá o dentista. Eles te ensinaram alguma coisa?

M: Não tudo.

E: O que você lembra que eles te ensinaram?

M: Não lembro.

E: Não lembra mis?

M: Eles falaram que escova assim, pra passar um troço aqui assim. Aí lá é isso.

E: Em relação aos cuidados com o bebê, eles te ensinaram alguma coisa?

M: Como assim?

E: Eles te ensinaram alguma coisa de como cuidar do bebe...

M: Não, porque tem a reunião. Mais aí eu não fui.

E: Porque você não foi na reunião?

M: É porque pra mim... eu morava no Nova Cecília, e eu tinha que ir laaaaaaaá pro (não entendi)

E: As reuniões eram marcadas pra onde?

M: No posto mesmo, quando não era no posto era no Julia.

E: E porque você não foi no posto também?

M: É porque ele trabalha. Daí fica só eu com ela em casa. Daí pra mim deixar com vizinho fica complicado, porque

não podia ficar. Neah? Então não tive como ir na reunião não.

E: E porque você não foi na reunião com ela.

M: Pensei (risos) mas aí é muito pesado.

E: Entendi. Você sentiu falta de alguma orientação.

M: Orientação? (pensativa) Não.

E: E você aprendeu como que cuida da boca do bebê?

M: Limpa com o paninho. Não é?

E: Isso.

M: Você vem com a gaze pra limpar o céu da boquinha.

E: Quem te ensinou a fazer isso?

M: Eu já tenho 4 filho com ela e desde o primeiro minha avó me ensinou que tem que limpar por cima e tal, e tudo.

E: Sua avó que te ensinou então?

M: Foi.

E: Tem alguma orientação que você queria agora, ou que a gente possa buscar do posto. Sobre cuidados com a gravidez ou com o bebê.

M: Uai, tem esse negócio do dentista, já marquei praquela.

E: E pra mais nova.

M: Não. Dentista não? (risos) Porque ainda não tem dentinho, eu não marcaria pra ela. Eu acho que não seria o caso de marcar dentista não.

E: Entendi. Nas consultas que você teve lá na época, eles te falaram quando que era a primeira vez que teria que elevar sua filha pra consulta pra mais nova?

M: Assim, que na... na primeira... quando ela nascer já tinha que ir lá na pra primeira consulta.

E: E no dentista?

M: Eles não falaram não. (risos) Você tá querendo fazer pegadinha.

E: Não (riso), eu tô querendo entender como é com o dentista. Eu queria intender um pouco disso, como que foi com o dentista, se ele organizou algum atendimento pro dentista. Essas coisas assim

M: Não, mas não tem nem como organizar, tem dois dentinhos agora.

(filha mais velha interrompe)

E: Vanessa, de forma geral era isso que eu estava querendo conversar com você, essas coisas de orientação, de grupos, se você participou. Mas pra gente concluir, você acha tem alguma coisa que poderia melhorar no atendimento com a gestante?

M: Tudo (riso).

E: Me fala o que.

M: Os atendimentos, são poucos, são fracos. Não tem médico no posto. Igual a gente precisa de ginecologista. Não tem. São muito raros. Tem que ter muitas equipes, neah? De médicos, não tem nenhuma. Principalmente pra mulher gestante. Nesse posto aqui não tem. Eu comecei a fazer um exame, me mandaram lá pra outro posto. E tem pessoas que não tem condição. Eu acho assim.

E: Tá certo.

M: No meu caso eu penso dessa forma. Pra fazer uma exame tem que mandar lá no sei aonde. Neah? Podia abrir mais o posto. Eu acho esse posto aqui muito pequeno. E não tem médicos. Tem vez que não tem nem pediatra. Então tem que organizar lá. Chamar mais médico. Igual a Celi falou comigo: quer passar no ginecologista? Quero uai. Mas cadê ginecologista? Não tem. Lá no tem urucuí tem duas ginecologistas. Tem uma de manhã e outra à tarde. Então no meu caso, eu arrependi de mudar pra cá por causa disso, porque lá no posto tem duas ginecologistas: uma a tarde. Uma de manhã e outra à tarde. Lá tem dois pediatras. Um de manhã e outro a tarde. Aqui, às vezes, tem pediatra.

E: Tá ótimo. Queria agradecer então você ter aceitado a gente vir conversar com você.

## ENTREVISTA 18

E: O Guilherme você conseguiu amamentar ele até que idade?

M: Até hoje.

E: É mesmo? Que bom, tem gente que para bem cedo.

M: Até hoje ele tá amamentando.

E: Me conta uma coisa, como que foi a notícia da gravidez pra vocês.

M: Ah, quando eu soube que eu estava grávida eu fiquei... eu fiquei feliz... num... num critiquei. Tem gente que entra em depressão, tem gente que fica triste. Eu não, eu fiquei alegre.

E: E como foi pra família?

M: Foi bom também, porque como... assim.. como eu jpa tinha dois menino. Neah? Esse pe meu segundo casamento, o pai é o primeiro filho. Ele ficou todo alegre.

E: Então esse é o primeiro filho desse casamento novo?

M: É do segundo casamento. Então pra ele que é o primeiro filho ele me deu muita força.

E: E como foi quando descobriu o sexo do bebê?

M: Ele queria homem. Então....

E: E você? O que você sentiu quando veio o terceiro menino seu?

M: Ah, eu ja fiquei meio assim... porque nó. Terceiro filho homem. Não veio nenhuma menina. Aí eu falei assim... num vou tentar não, vai que vem outro homem.

E: Mas pode vir uma menina, metade das chances uai. (risos).

M: Nem. Cê tá doido. Não. Num tá podendo encher a casa de menino não. Neim, não pode não.

E: Tá certo, e como foram as consultas de pré-natal pra você?

M: Eu não fiz no posto. Eu fiz no Odilon Behrens, porque eu dei diabete gestacional. Então meu acompanhamento foi todo lá. Eu ganhei lá, foi tudo lá.

E: Me conta um pouquinho de como foram as consultas lá.

M: Como eu dei diabetes gestacional, então as consultas eram de 15 em 15 dias. Entendeu?

E: E você lembra como eram as consultas.

M: Era mais medir a barriga, fazia toque, media a pressão, fazia... é... é... tirava.... media aquele... como é que fala? Tirava o sangue, eu fazia tabelinha, e tinha que levar. Era mais essas coisas assim.

E: E... lá eles te deram alguma orientação?

M: Como assim?

E: Te ensinaram alguma coisa, ou te deram alguma informação nova?

M: Não.

E: Então as consultas eram...

M: Eram mais de gestante mesmo.

E: E você foi convidada pra participar de algum curso de gestante? Algum grupo?

M: Não, nada.

E: E.... te encaminharam pro dentista?

M: Não, não fez nada disso.

E: Entendi. E... como é que foi o parto?

M: Oh, quando eu tava fazendo pré-natal a médica falou que ia ser parto normal, mas aí... eu... eu passei mal, comecei a sentir dor e ela foi fazer o toque, e não sei o que ela arrumou que começou a sangrar muito, aí ela ficou com medo. Aí ela me deu a guia de... pra fazer a cesariana. Aí eu tive que fazer cesariana.

E: E o que você lembra da maternidade. Das coisas que aconteceram quando você estava na maternidade?M: Ah, eu fiquei mais de observação porque.. como.. tava entrando as pessoas na urgência, como o meu caso não era muito grave. Então ficava mais era de observação. Então eu não tinha muita coisa. Entendeu?

E: E.. depois que você teve o Guilherme, enquanto você estava na maternidade, você foi orientada a cuidados com a criança?

M: Uhum, fui.

E: Quais cuidados você lembra?

M: Oh, que eu lembro, foi que é pra não deixar a mãe... a mãe... não deixar amamentar outra criança. Foi só isso.

E: Essa foi a mais marcante pra você?

M: É.

E: E os cuidados com a criança depois que ela tivesse em casa? Você lembra de algum?

M: Ah, me ensinou como cuidado do imbigio, essa coisa. Não dar mamá deitado, sempre sentado, por a criança... apoiar a criança mais em pé. Essas coisa assim

E: Em relação a boquinha do bebê?

M: Sempre que dá aquele trem... é... aquela nata branca, neah? Sempre limpar com bicarbonato, ou com algodão, pra tirar neah? Pra não dar sapinho, esse trem.

E: Você lembra como foi que você aprendeu a fazer desse jeito?

M: É porque como eu já tive dois menino, eu já tinha um pouco de noção das coisas. E... Tinha que ser feito, então... pra mim... Sentia muita dúvida não.

E: Uhum. É... agora que seu filho tá quase com um ano. E desse período ele já teve a oportunidade de ir ao dentista?

M: Não.

E: Você já procurou, ou te encaminhou?

M: Não porque lá na escolinha eles tem... eu não sei se vai dentista lá, porque eu acho que é uma vez na semana eles tem escovação. Mas eu não sei se tá indo dentista. Eu não sei.

E: E como que é o cuidado em casa agora com a boca dele?

M: Em sempre escovo o dentinho dele. Assim quando ele acaba de fazer as refeições dele, aí que escovo o dentinho dele.

E: E você lembra de alguém que te ensinou como que faz essa escovação na boca dele?

M: Ah, ninguém me ensinou não, eu faço por minha conta mesmo.

E: Entendi. Tá ótimo. É... Pra gente concluir Se você pudesse dar uma sugestão pra melhorar o atendimento pra gestante e pras mães. Você daria alguma sugestão.

M: Você fala aqui do posto? Porque eu não fiz pré-natal aqui no posto eu não sei qual é a orientação deles pra te falar.

E: E lá onde você teve seu filho?

M: Ah lá eu fui muito bem atendida. Teve algumas coisas lá, mas foi tranquilo.

E: Ta joia.

M: Por ser um hospital neah? Então qualquer coisa, igual a médica que me acompanhou, qualquer coisa que eu precisava, qualquer coisa que eu passava mal eu podia chegar lá. Eu fui bem atendida, sabe? Mas assim, de...

assim de.... muita coisa eles num... foi tranquilo. Agora do posto eu não posso falar porque eu num... num tive acompanhamento da gravidez aqui.

E: e você teria alguma sugestão pra gente da pesquisa? pra mudar esse momento que a gente teve?

M: Eu não tenho o que falar não. Falar o que?

E: Teria alguma orientação que a gente poderia te dar, alguma dúvida que a gente podia tentar solucionar?

M: Não. Tem não.

E: Então tá, só isso, só isso tudo. Muito obrigado.

## ENTREVISTA 19

M: Foi uma surpresa pra mim. Pra mim foi. Me pegou de surpresa, mas foi muito bem vinda.

E: E como foi a notícia da gravidez na sua casa.

M: Nossa! Todo mundo ficou feliz demais. Nossa! Demais.

E: E você tava planejando ter outro filho?

M: Não pra.... agora no momento não. Mas foi muito bem vinda. Eu tô muito de surpresa.

E: E como que foi a notícia de como foi uma menininha?

M: Eu gostei, porque eu já tinha uma pra mim não foi novidade não. Todo mundo queria menino, mas eu sabia que era menina. Eu queria menina Pra mim foi ótimo, eu amei, A notícia foi muito boa.

E: Que bom. Como que é que foi a notificação pra Mariana da notícia?

M: Nossa ela gosto mais ainda que era menina. Ela já sabia que era uma menina também.

E: Qual que é a diferença de idade entre elas?

M: Ela tem oito anos e a pequena tem dois meses. Passou muito tempo

E: Agora tem responsabilidade hein Mariana. E me conta uma coisa: como é que foram as consultas de pré-natal?

M: Foi tranquilo, assim. Aqui mesmo na unidade. Todos os dias que tinha o horário era bem acessível pra mim também. As pessoas que atendiam, o Rodrigo e a Larissa foram super legais. Explicavam super direitinho. Foi muito bom. Foi super tranquilo.

E: Você falou que quem tava te acompanhando era o Rodrigo e a Larissa. Qual a profissão deles?

M: O Rodrigo é enfermeiro e a Larissa é ginecologista.

E: Tá certo. E você lembra o que acontecia nas consultas deles?

M: Geralmente eles aferiam pressão, mediam a barriga, conversavam muito com a gente. Pediam exames. Todas as consultas eram pedidos os exames. Exames de sangue, fezes, urina. Todos os exames normais.

E: Tá certo. Você falou que eles conversavam muito com você. O que você lembra que eles te ensinavam?

M: Ah, a respeito de roupa muito apertada que não podia usar. É... tinha que ir regularmente ao dentista, porque na fase de gestação acontece algumas coisinhas assim no dente. Só isso.

E: E você foi encaminhada pro dentista?

M: eles até marcaram, mas no dia que era pra eu vir eu confundi os dias, ai teve que remarcar de novo e acabou que não teve agenda pra remarcar novamente. Aí que troquei os dias, eu vim já tinha passado.

E: Então você não consul....

M: Aqui na Unidade não. Eu fui ao dentista sim, mas aqui no posto não.

E: O dentista foi particular?

M: Foi Particular.

E: E ele te orientou em relação a gravidez?

M: É... com relação a sempre estar frequentando, porque pode ocorrer cárie, alguma coisinha assim. Na gravidez fica mais sensível. Mais é isso. (filha começa a balbuciar e interrompe a conversa)

E: E...

M: Mas tem pessoas que tem dor nos dentes? Isso pode acontecer?

E: Pode acontecer.

M: Mas é por causa de algum problema que já tenha?

E: Pode ser ou pode desenvolver durante a gravidez.

M: Tipo cárie?

E: Pode acontecer diversas coisas, mas depois eu posso te contar direitinho até pra você contar pra outras pessoas? É.... durante a gravidez você foi convidada pra participar de alguma curso ou grupo de gestantes, ou algum momento assim?

M: Aqui na unidade não, mas eu vi vários cartazes. Parece que foi na santa casa, foi onde ela nasceu, mas eu não cheguei a participar não.

E: Porque você não participou?

M: Ah não, o tempo é escasso demais.

E: Entendi, e... o parto foi de que tipo?

M: Normal.

E: Era isso que você queria?

M: Dizem que foi normal, mas não sei se aqui foi normal não. Até hoje eu to tentando entender o que foi aquilo.

E: E... você lembra como que foi na maternidade depois que ela nasceu?

M: Em relação a?

E: Os cuidados que eles tiveram, as orientações que eles tiveram.

M: Sim. Eles colhiam. Porque eu tive diabetes gestacional, aí eles faziam exame no pezinho dela a cada, acho que duas horas, eles colhiam sangue. Aferiam glicose, pressão. Eles aferiam também no meu

dedo. Os medicamentos normais que eles dão pra gente, pra dor, analgésicos. Só.

E: E orientações, você lembra de quais que foram dadas lá.

M: Que teria que vir ao posto pra ter a primeira consulta, fazer o texto do pezinho, da orelhinha, as primeiras vacinas. O básico foi isso.

E: Aí você veio aqui no posto na primeira semana?

M: Isso, no quinto dia.

E: Pra fazer o teste do pezinho, neah?

M: Foi, aí ela já tomou as primeiras vacinas.

E: E nesse momento, você lembra de alguma orientação que foi dada?

M: Eu lembro que ela tava com aquele amarelão, icterícia, neah? Pediram pra retornar na santa casa pra fazer um exame de sangue pra ver se tinha que tomar um banho de luz ou não, e depois voltar aqui na unidade.

E: Aí deu tudo certo.

M: Deu. Era bem pouquinho, era só tomar o banho de sol mesmo, Já resolveu tudo, não precisou de ficar lá.

E: E... Você já teve a oportunidade de levar ela no dentista alguma vez?

M: Não.

E: Você já foi convidada a ir no dentista com ela?

M: Não. Na verdade eu tive.. ela consultou uma vez aqui na unidade. Não tinha pediatra até uns ... não sei se voltou, aí marcaram em outro posto pra ela. Mas assim, só mediu, pesou, neah? Olhou a questão do amarelão. Só. Mas com relação a orientação aqui não.

E: E.. como você está fazendo com os cuidados com a boca dela.

M: Eu limpo com a fralda, neah. toda vez que ela termina de mamar, aí molho um pouquinho e limpo a boquinha dela.

E: Você lembra quem te ensinou a fazer assim?

M: Ah, num lembro, foi desde a vez dela. Acho que eu vi na televisão (risos). Sério. Eu vi na televisão. Mas tem que limpar, porque fica cheio de leite, pode dar sapinho essas coisas.

E: Tá certo, e'.... pra gente ir concluindo: se você pudesse dar uma sugestão pra melhorar o atendimento da gestante e da mãe com bebê. Você teria alguma ideia?

M: Aqui no posto?

E: Aqui, lá na maternidade...

M: Ah, pra falar a verdade tinha que ter mais médicos aqui. Porque o controle dela, o controle mensal da mariana era rigoroso aqui. Agora dela eu nem sei mais. Ela consultou aqui uma vez e depois não tinha mais médico, aí marcou pra outro posto. Agora eu não sei o que acontece. Também tem a falta de profissionais capacitados na área. Ta meio decadente. Aqui no posto principalmente.

E; Pra nós que estamos fazendo esse trabalho. Você tem alguma sugestão pra nós?

M: Vocês vão trabalhar aqui no posto?

E: Não

M: Aqui, num é muita gente que gosta de fazer tratamento aqui no posto não, de dente. Não é muito bom não. Ela mesmo, eu fiz o tratamento do dente dela aqui, a dentista briga muito, ela muito grossa, ela não gostou. Falou coisas com crianças que não eram pra ser ditas. Aí, vou consultar particular, porque ela tá com cárie. Então ela necessita. O atendimento não é bom. Realmente.

E: Entendi.

M: Ninguém fala que um bebê tem que frequentar um dentista. E é necessário. Ninguém aqui fala que tem que fazer a higiene da boquinha depois que mama. Aqui não. Mas eu sei disso

E: É... mas eu tinha cortado o assunto, eu estava falando da dor nos dentes. É muito comum a mulher ter inflamação na gengiva, que faz a gengiva baixa rum pouco e mostra um pouco da raiz.

M: Na gravidez isso?

E: Em toda a vida, mas na gravidez é mais forte, porque as bactérias da gestação são apaixonadas pelos hormônios da gravidez. Elas crescem muito durante a gravidez. Mas pode ser cárie também, porque a alimentação muda, tem os desejos. Isso tudo pode acontecer. Além dessa informação que você tinha me perguntado mais cedo, tem mais alguma informação que você queira saber?

M: Não, era só isso mesmo.

E: Tá certo, procurar o dentista pra ir acompanhando pra saber até quando vai com a fralda, até quando vai com a escova de dente, a pasta de dente.

M: é eu vi até que tem uma escova que coloca no dente e vai escovando a gengiva da criança. Mas nada disso a gente aprende aqui não.

## ENTREVISTA 20

E: Como que foi a notícia da gravidez?

M: Eu fiquei assustada no começo da gravidez, mas como eu já tenho uma ficou mais fácil a lidar com a notícia da gravidez.

E: E como que foi pra sua família como que foi?

M: Ah foi.. todo mundo ficou feliz, maridão.

E: Você tem outro filho?

M: Tenho uma outra filha.

E: Como que ela chama?

M: Maria Eduarda

E: E agora tá vindo....

M: Sofia.

E: Outra menina?

M: Outra menina.

E: E como foi a notícia de vir uma menina de novo pra você?

M: Ah a gente fica meio triste, mas depois a gente conforma, aceita.

E: Você estava querendo ter um casalzinho?

M: Queria

E: Tá certo. E como que foram as consultas de pré-natal?

M: Foram tranquilas graças a Deus.  
 E: O que acontecia nas consultas de pré-natal? Ou como estão sendo ainda, já que você ainda está grávida, neah (riso)?  
 M: É. (riso). Primeiro o médico examina, olha o coraçãozinho, explica o que você deve fazer.  
 E: Você tá me falando que ele explica o que deve fazer, o que você lembra que ele te fala.  
 M: No meu caso eu tenho que fazer muito repouso, porque eu tive muita varizes na perna, então eu não posso ficar andando muito, tenho que parar um pouquinho. É sobre o que acontece, porque cada pessoa sente de uma forma, mais a minha foi a orientação de usar meia, essas coisas assim.  
 E: E... quem está te acompanhando no pré-natal?  
 M: O dr. João.  
 E: E tem mais alguém te acompanhando?  
 M: Não  
 E: E enfermeiro?  
 M: Enfermeira é a Mirian.  
 E: E como que foram as consultas com a enfermeira, com a Mirian, neah?  
 M: Ah, ela fala sobre outros assuntos, aí já adiantou da consulta, já marca a próxima consulta do outro mês. Coisas assim.  
 E: Quais assuntos que ela conversa com você?  
 M: Não, (riso)  
 E: Tá certo, e... ou a Mirian enfermeira, ou o médico, eles te encaminharam pro dentista?  
 M: Encaminhou.  
 E: É? E você foi?  
 M: Fui.  
 E: E como que foi a consulta com o dentista?  
 M: Ah, ela examinou, falou pra mim que tem um pouco de tártaro, esse negócio e foi fazer a avaliação comigo.  
 E: Tá certo, e além desses cuidados que ela tá tendo com a sua boca, ela tá te orientando com alguma coisa?  
 M: Ah ela falou outras coisas lá, igual: de escovação, e sobre o bebê, da hora de nascer, tem que limpar a boquinha esses trem assim.  
 E: E ela te ensinou como que limpa a boquinha?  
 M: Uhum  
 E: Como que é?  
 M: Num lembro.  
 E: Tá certo. Você tem ideia de como vai ser o parto?  
 M: Bom da minha primeira foi normal, então dessa pode ser normal, mas num sei, num sei o que pode acontecer.  
 E: Mas você quer qual tipo de parto?  
 M: Normal.  
 E: É... esses cuidados com o bebê, você já começou a ter alguma orientação quanto a isso?

M: Sim.  
 E: Quem tá te orientando?  
 M: A assistente social.  
 E: Legal, o que ela falou pra você?  
 M: Ela falou dos direitos que ela tem, do direito de acompanhamento.  
 E: O médico ou o enfermeiro, eles já te falaram alguma coisa sobre cuidados com o bebê?  
 M: Já.  
 E: O que eles te falaram?  
 M: Como assim? Da amamentação ou...  
 E: Legal, falou da amamentação, o que mais você lembra?  
 M: Por enquanto nada.  
 E: Você foi convidada pra participar de alguma curso de mães ou gestante, reunião?  
 M: Curso.  
 E: E como que foi?  
 M: Fui só uma vez, foi aqui no centro de saúde mesmo.  
 E: Me conta sobre esse curso de gestante que você teve.  
 M: Falou sobre os direitos da maternidade, neah? Foi só isso mesmo. Porque foi no comecinho, agora no final eu não participei de muita coisa não.  
 E: Porque?  
 M: Pelo fato da canseira, pelo problema das varizes, eu não participei de muita coisa não  
 E: É... você estava contanto desse curso que você fez que você ouviu falar dos direitos, neah? Você lembra como que aconteceu? Me conta com mais detalhes esse dia.  
 M: Tinha muita gestante, tinha médico, tinha enfermeiro, tinha dentista, tinha assistente social, aí foi ali no pátio mesmo. Teve um cafezinho da manhã. Aí foi isso. As gestante conversou, tirou algumas dúvidas que tinha.  
 E: Você tinha dúvida?  
 M: Eu não eu não, eu sou muito tímida (risos).  
 E: Mas então você não tinha dúvida, ou você estava tímida pra falar das suas dúvidas?  
 M: (risos) Os dois.  
 E: Se você pudesse dar alguma sugestão pro cuidado com a gestante aqui do posto. Você teria alguma ideia?  
 M: Ah eu não. Pra mim tá sendo tranquilo, as orientações foi boa, não tem tenho nenhuma de melhora não, foi excelente o meu.  
 E: E pra nós que estamos fazendo esse trabalho aqui, você tem alguma sugestão?  
 M: Não.  
 E: Oh, pra aproveitar que agora está só a gente, você te alguma dúvida? Talvez eu possa te ajudar. Aqui não precisa de vergonha é só a gente.  
 M: Não

## ENTREVISTA 22

E: Como é que foi a notícia dessa gravidez pra você?  
 M: Pra mim foi bem, já eu queria engravidar, então foi ótimo.  
 E: Que bom, e pro restante da família?

M: Foi ótimo também, porque foi o primeiro de tudo, primeiro sobrinho, primeiro neto e é o primeiro filho também  
 E: É! Vai ser muito mimado então hein? (risos) E... como é que foi a notícia do sexo do bebê.

M: Mas animador pro pai. Pra mim foi normal. Eu queria menina, mas é um menininho, mas tá ótimo, se vier com saúde tá ótimo

E: Como é que é? O pai queria menina?

M: O pai queria menino e eu queria menina.

E: E é menina?

M: É menino, é animador pro pai. Foi mais animador pro pai.

E: E como que foi a escolha do nome?

M: Eu que escolhi, o pai deixa mais por minha conta, mais pra eu escolher mesmo.

E: E qual foi o nome que você escolheu?

M: Nicolas.

E: Nicolas? Bonito nome. E quais são as expectativas pra quando o bebê nascer?

M: Ah, são de coisas boas.

E: É... eu queria que você me contasse um pouco como foi o seu pré-natal. Como está sendo, porque ainda não acabou

M: O pré-natal foi tranquilo, eu tive algumas consultas aqui até o terceiro mês, mas aí eu tive uns probleminhas e eu fui encaminhada pro conjunto Santa Casa. Aí eu tô fazendo o

tratamento lá até hoje. E lá é muito bom. Eles atendem a gente super bacana, super bem.

E: E quem são as pessoas que estão te acompanhando, os profissionais?

M: Lá? Nossa, eu esqueci o nome do médico.

E: Tem o médico e quem mais? Não precisa falar o nome dele não.

M: Não, só o médico mesmo.

E: E os acompanhamentos que você teve aqui nos primeiros meses, quem te acompanhou?

M: Carla e a Dra. Cristina. A Carla que é do acolhimento e a Dra. Cristina.

E: Tá certo. E esse pessoal todo que está te acompanhando, quais as orientações que eles estão te dando?

M: Ah, como a minha gravidez foi tranquila, não teve muita recomendação não. Só ter uma boa alimentação, tranquila, Não teve muita coisa não.

E: Além da alimentação o que mais você lembra de ter sido orientada?

M: Nada.

E: E... você teve a oportunidade de além desses profissionais, passar no dentista?

M: Passei, passei umas..., acho que umas duas vezes. Eu esqueci o nome também do dr., mas passei.

E: E como foram as consultas com o dentista?

M: Foi boa, mas como eu tava fazendo fora eu continuei fora.

E: Fora, como? Particular?

M: É.

E: E... tanto esse dentista começou a te acompanhar, quanto o seu particular, eles te deram que tipo de orientação?

M: Escovar bem os dentes, porque gestante é... num pode ter... qualquer coisinha que tiver é mais fácil pra... é... ah nu lembro. É mais... é mais sensível a tudo, então tem mais cuidado com a higiene bucal.

E: E você já foi orientado em relação a como vai cuidar do bebê?

M: Não.

E: Nem pelo dentista, ou pelo médico, enfermeiro.

M: Não... O dentista ele falou bem pouquinho isso, mas aí eu já esqueci.

E: Tá certo, e... você tem ideia de como você vai cuidar da boca do seu filho?

M: Não.

E: E não ficou nem curiosa?

M: Fiquei, mas aí não olhei não. Porque ele fala que as doenças na verdade têm na gengiva, então tem que cuidar mesmo antes dele ter dentes. Ai eu tenho que olhar.

E: Quem foi que te falou que tem que cuidar mesmo antes de ter dente?

M: Foi o dentista.

E: Ótimo. Isso mesmo. E sobre a limpeza da boca do bebê?

M: Eu sei que tem que passar a fraldinha com agua na boca do bebê toda vez que mama, só isso.

E: E quem te ensinou isso?

M: O dentista também.

E: Certo. Tem alguma outra orientação ou informação que você lembra de ter recebido que você lembra e que queira me contar.

M: Não.

E: Se você tivesse a oportunidade de dar uma sugestão pra atenção que tem, pro cuidado que tem pra gestante. Você teria alguma sugestão?

M: É... pras gestantes?

E: Isso, pras gestantes, pro cuidado que eles tem com você



## ANEXOS

### ANEXO 1. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 44349215.1.0000.5149

Interessado(a): Profa. Raquel Conceição Ferreira  
Departamento de Odontologia Social e Preventiva  
Faculdade de Odontologia- UFMG

### DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 17 de junho de 2015, o projeto de pesquisa intitulado "Percepção das mães e dos profissionais da saúde sobre a atenção à saúde das crianças na rede pública de saúde"

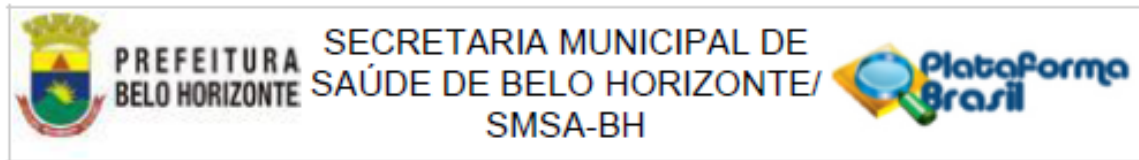
" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto através da Plataforma Brasil.

Assinatura manuscrita em tinta preta, legível como 'Telma Campos Medeiros Lorentz'.

Profa. Dra. Telma Campos Medeiros Lorentz  
Coordenadora do COEP-UFMG

**ANEXO 2.** Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Prefeitura de Belo Horizonte.



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

Elaborado pela Instituição Coparticipante

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** PERCEPÇÃO DAS MÃES E DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE SOBRE A ATENÇÃO À SAÚDE DAS CRIANÇAS NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE

**Pesquisador:** RAQUEL CONCEIÇÃO FERREIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 44349215.1.3001.5140

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

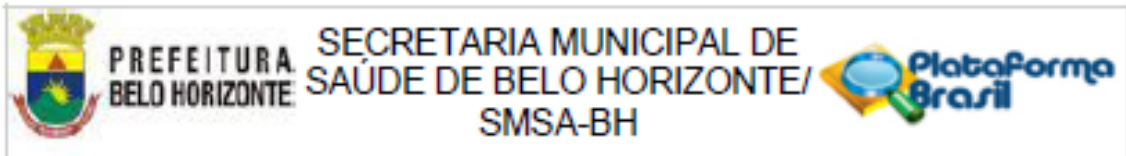
**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.158.535

**Data da Relatoria:** 07/07/2015

**Apresentação do Projeto:**

O projeto tem como proponente a Faculdade de Odontologia da UFMG. A proposta desta pesquisa será desenvolver um estudo observacional transversal para avaliar os serviços públicos de saúde bucal, no nível da atenção primária, tendo como público-alvo as gestantes e/ou mães que frequentam os serviços e os cirurgiões-dentistas (CDs) da rede pública de saúde do município de Belo Horizonte (BH). Será avaliada a percepção desses usuários sobre as ações de promoção da saúde bucal ofertadas pela rede pública de saúde de BH e a percepção e disposição dos CDs em relação à atenção às crianças de zero a cinco anos na rede pública. Serão incluídas as gestantes no terceiro trimestre e as mães de crianças com até um ano de vida. As informações serão coletadas por meio de abordagem qualitativa empregando-se entrevista individual acerca das ações de promoção da saúde e orientações de saúde bucal recebidas dos profissionais da Equipe de Saúde da Família (ESF) e da Equipe de Saúde Bucal (ESB). Para os CDs da rede SUS-BH, será elaborado um questionário, após a realização de um grupo focal, com o propósito de identificar como esses profissionais abordam as crianças de zero a cinco anos. Serão entrevistadas 20 mães e 20 gestantes e o questionário será aplicado a 307 cirurgiões-dentistas. Para elaboração do questionário será realizado um grupo focal, com a participação de seis a oito CDs da rede SUS-BH,



Continuação do Parecer: 1.158.535

escolhidos por conveniência.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

- Avaliar a percepção de gestantes e mães sobre as ações de promoção da saúde e orientações de saúde bucal, ofertadas pela rede pública de saúde de Belo Horizonte, e a percepção e disposição dos cirurgiões-dentistas em relação à atenção às crianças de zero a cinco anos na rede pública.

**Objetivo Secundário:**

- Avaliar a percepção das mães acerca das ações de promoção da saúde e orientações de saúde bucal recebidas dos profissionais da Equipe Saúde da Família (ESF) e Equipe de Saúde Bucal (ESB) bem como elaborar e validar um instrumento para avaliar a percepção e a disposição dos CDs da rede pública de atenção em saúde para o atendimento de crianças de zero a cinco anos na atenção primária.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

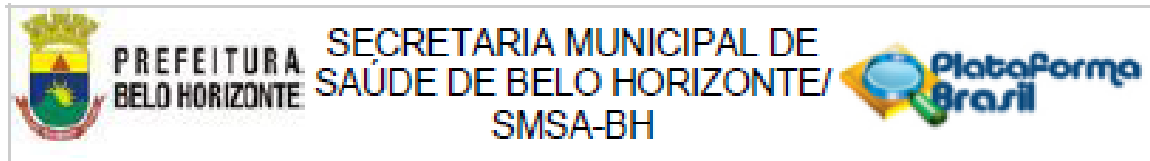
**Riscos:** O único risco que poderia existir seria o constrangimento dos participantes em responder às questões da entrevista e do questionário.

**Benefícios:** O atendimento odontológico em idades precoces tem o intuito de facilitar o estabelecimento de hábitos saudáveis, além de servir como uma oportunidade fundamental para avaliação do desenvolvimento crânio facial e, todos os fatores de risco comuns os quais a criança possa estar exposta. A orientação às gestantes e mães e a atenção precoce funcionam como uma estratégia para reduzir a prevalência e as sequelas de problemas bucais, bem como os custos com os serviços de intervenção em saúde, pois crianças que usaram o serviço odontológico precocemente apresentaram menores chances de receberem tratamento odontológico emergencial e de fazerem visitas de urgência durante a infância reduzindo assim, os custos despendidos em saúde pública. Nesse sistema, o profissional de saúde tem dupla responsabilidade na sua operacionalização: como usuário, por meio da participação nas conferências e conselhos de saúde; como profissional da rede, através da participação no planejamento, execução e avaliação das ações de saúde. Portanto, é preciso que conheça sua base conceitual e filosófica para que, com a prestação de um atendimento integral e de qualidade à população, defenda e lute por ele.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de Interesse e relevância para a rede de serviços de saúde da SMSA, tendo como foco a

Endereço: Rua Frederico Bracher Júnior, 103/3º andar/sala 02  
 Bairro: Padre Eustáquio CEP: 30.720-000  
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
 Telefone: (31)3277-5309 E-mail: coep@pbh.gov.br



Continuação do Parecer: 1.158.535

atenção primária em saúde bucal e a promoção da saúde.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentadas as seguintes documentações: - Folha de Rosto assinada pelo Pesquisador Responsável e pelo representante legal da Instituição Proponente; - modelo de TCLE para mães e gestantes e modelo de TCLE para os dentistas; - carta de anuência assinada pelo gerente do Distrito Barreiro e pela Gerente da GEAS(anexada por este CEP em 23/07/15); - roteiro do grupo focal com os dentistas; - modelo de TCLE para o grupo focal com os dentistas; - roteiro de entrevista com as mães e gestantes.

Os modelos de TCLEs apresentados contém dados do CEP da PBH.

**Recomendações:**

**RECOMENDAÇÕES:**

- 1) adotar modelos de TCLEs dos quais constem as informações de que tratam as alíneas 'g' e 'h' do Item IV.3 da Resolução nº 466/12;
- 2) Incluir nos modelos de TCLEs o destino de fitas gravadas, transcrição de entrevistas, imagens em CD's, vídeos ou de outros aparelhos, após o término da pesquisa. Se houver o planejamento de se armazenar os dados, imagens ou transcrições de fitas, após o término do prazo prescrito na Resolução CNS 466/12, explicitar no TCLE durante quanto tempo, e quem será o responsável pela guarda do material e local da guarda. Segundo a resolução CNS 466/12, cabe ao pesquisador "manter em arquivo, sob sua guarda, por 5 (cinco) anos, os Instrumentos de coletas de dados da pesquisa, tais como fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, não encontrando objeções éticas e verificando que o projeto cumpriu os requisitos da Resolução CNS 466/12, considera aprovado o projeto **PERCEPÇÃO DAS MÃES E DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE SOBRE A ATENÇÃO A SAÚDE DAS CRIANÇAS NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE.**

**Situação do Parecer:**

Aprovado

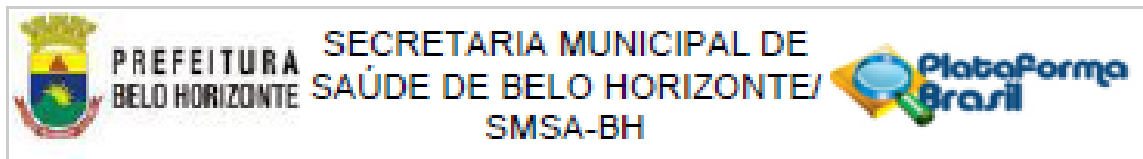
**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Salienta-se que o sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu

Endereço: Rua Frederico Bracher Júnior, 103/3ª andar/sala 02  
 Bairro: Padre Eustáquio CEP: 30.720-000  
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
 Telefone: (31)3277-5309 E-mail: coep@pbh.gov.br



Continuação do Parecer: 1.150.535

cuidado e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delimitada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou, aguardando seu parecer, exceto nos casos previstos na Resolução CNS 466/12. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser previamente apresentadas para apreciação do CEP através da Plataforma Brasil, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Relatórios semestrais, a partir da data de aprovação, devem ser apresentados ao CEP para acompanhamento da pesquisa. Ao término da pesquisa deve ser apresentado relatório final.

BELO HORIZONTE, 24 de Julho de 2015

---

Assinado por:  
Eduardo Prates Miranda  
(Coordenador)

Endereço: Rua Frederico Bracher Júnior, 103/3ª andar/sala 02  
Bairro: Padre Eustáquio CEP: 50.720-000  
UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
Telefone: (31)3277-5309 E-mail: coep@pbh.gov.br

**ANEXO 3.** Submissão do Manuscrito na Revista de Saúde Pública.

Prezado(a) Senhor(a) Álex Moreira Herval,

Acusamos o recebimento do artigo “ORIENTAÇÕES EM SAÚDE E CUIDADOS COM O BEBÊ: PRÁTICAS E PERCEPÇÕES MATERNAS EM SAÚDE BUCAL”, enviado para análise na Revista de Saúde Pública, com vista a possível publicação. O artigo está registrado sob o protocolo nº 6828. Para acompanhar o processo de avaliação, acesse o endereço [www.rsp.fsp.usp.br](http://www.rsp.fsp.usp.br)

Atenciosamente,

Secretaria RSP

#### **ANEXO 4.** Normas de Publicação da Revista de Saúde Pública.

##### **Resumo**

São publicados resumos em português, espanhol e inglês. Para fins de cadastro do manuscrito, deve-se apresentar dois resumos, um na língua original do manuscrito e outro em inglês (ou em português, em caso de manuscrito apresentado em inglês). As especificações quanto ao tipo de resumo estão descritas em cada uma das categorias de artigos.

Como regra geral, o resumo deve incluir: objetivos do estudo, principais procedimentos metodológicos (população em estudo, local e ano de realização, métodos observacionais e analíticos), principais resultados e conclusões.

##### **Estrutura do texto**

**Introdução** – Deve ser curta, relatando o contexto e a justificativa do estudo, apoiados em referências pertinentes ao objetivo do manuscrito, que deve estar explícito no final desta parte. Não devem ser mencionados resultados ou conclusões do estudo que está sendo apresentado.

**Métodos**– Os procedimentos adotados devem ser descritos claramente; bem como as variáveis analisadas, com a respectiva definição quando necessária e a hipótese a ser testada. Devem ser descritas a população e a amostra, instrumentos de medida, com a apresentação, se possível, de medidas de validade; e conter informações sobre a coleta e processamento de dados. Deve ser incluída a devida referência para os métodos e técnicas empregados, inclusive os métodos estatísticos; métodos novos ou substancialmente modificados devem ser descritos, justificando as razões para seu uso e mencionando suas limitações. Os critérios éticos da pesquisa devem ser respeitados. Os autores devem explicitar que a pesquisa foi conduzida dentro dos padrões éticos e aprovada por comitê de ética.

**Resultados** – Devem ser apresentados em uma sequência lógica, iniciando-se com a descrição dos dados mais importantes. Tabelas e figuras devem ser restritas àquelas necessárias para argumentação e a descrição dos dados no texto deve ser restrita aos mais importantes. Os gráficos devem ser utilizados para destacar os resultados mais relevantes e resumir relações complexas. Dados em gráficos e tabelas não devem ser duplicados, nem repetidos no texto. Os resultados numéricos devem especificar os métodos estatísticos utilizados na análise. Material extra ou suplementar e detalhes técnicos podem ser divulgados na versão eletrônica do artigo.

**Discussão** – A partir dos dados obtidos e resultados alcançados, os novos e importantes aspectos observados devem ser interpretados à luz da literatura científica e das teorias existentes no campo. Argumentos e provas baseadas em comunicação de caráter pessoal ou divulgadas em documentos restritos não podem servir de apoio às argumentações do autor. Tanto as limitações do trabalho quanto suas implicações para futuras pesquisas devem ser esclarecidas. Incluir somente hipóteses e generalizações baseadas nos dados do trabalho. As conclusões devem finalizar esta parte, retomando o objetivo do trabalho.

##### **Referências**

**Listagem:** As referências devem ser normalizadas de acordo com o estilo Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals: Writing and Editing for Biomedical Publication, ordenadas alfabeticamente e numeradas. Os títulos de periódicos devem ser referidos de forma abreviada, de acordo com o Medline, e grafados no formato itálico. No caso de publicações com até seis autores, citam-se todos; acima de seis, citam-se os seis primeiros, seguidos da expressão latina “et al”. Referências de um mesmo autor

devem ser organizadas em ordem cronológica crescente. Sempre que possível incluir o DOI do documentado citado, de acordo com os exemplos abaixo.

Exemplos:

Artigos de periódicos

Narvai PC. Cárie dentária e flúor: uma relação do século XX. *Cienc Saude Coletiva*. 2000;5(2):381-92. DOI:10.1590/S1413-81232000000200011

Zinn-Souza LC, Nagai R, Teixeira LR, Latorre MRDO, Roberts R, Cooper SP, et al. Fatores associados a sintomas depressivos em estudantes do ensino médio de São Paulo, Brasil. *Rev Saude Publica*. 2008;42(1):34-40. DOI:10.1590/S0034-89102008000100005.

Hennington EA. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão. *Cad Saude Coletiva* [Internet]. 2005;21(1):256-65. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n1/28.pdf> DOI:10.1590/S0102-311X2005000100028

Livros

Nunes ED. *Sobre a sociologia em saúde*. São Paulo; Hucitec; 1999.

Wunsch Filho V, Koifman S. Tumores malignos relacionados com o trabalho. In: Mendes R, coordenador. *Patologia do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Atheneu; 2003. v.2, p. 990-1040.

Foley KM, Gelband H, editors. *Improving palliative care for cancer* Washington: National Academy Press; 2001 [citado 2003 jul 13] Disponível em: [http://www.nap.edu/catalog.php?record\\_id=10149](http://www.nap.edu/catalog.php?record_id=10149)

Para outros exemplos recomendamos consultar as normas (“Citing Medicine”) da National Library of Medicine (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/bookshelf/br.fcgi?book=citmed>).

Referências a documentos não indexados na literatura científica mundial, em geral de divulgação circunscrita a uma instituição ou a um evento (teses, relatórios de pesquisa, comunicações em eventos, dentre outros) e informações extraídas de documentos eletrônicos, não mantidas permanentemente em sites, se relevantes, devem figurar no rodapé das páginas do texto onde foram citadas.

**Citação no texto:** A referência deve ser indicada pelo seu número na listagem, na forma de expoente após a pontuação no texto, sem uso de parênteses, colchetes e similares. Nos casos em que a citação do nome do autor e ano for relevante, o número da referência deve ser colocado a seguir do nome do autor. Trabalhos com dois autores devem fazer referência aos dois autores ligados por &. Nos outros casos apresentar apenas o primeiro autor (seguido de et al. em caso de autoria múltipla).

Exemplos:

A promoção da saúde da população tem como referência o artigo de Evans & Stoddart,<sup>9</sup> que considera a distribuição de renda, desenvolvimento social e reação individual na determinação dos processos de saúde-doença.

Segundo Lima et al<sup>9</sup> (2006), a prevalência de transtornos mentais em estudantes de medicina é maior do que na população em geral.

Parece evidente o fracasso do movimento de saúde comunitária, artificial e distanciado do sistema de saúde predominante.<sup>12,15</sup>

**Tabelas**

Devem ser apresentadas depois do texto, numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. A cada uma deve-se atribuir um título breve, não se utilizando traços internos horizontais ou verticais. As notas explicativas devem ser colocadas no rodapé das tabelas e não no cabeçalho ou título. Se houver tabela



extraída de outro trabalho, previamente publicado, os autores devem solicitar formalmente autorização da revista que a publicou, para sua reprodução.

Para composição de uma tabela legível, o número máximo é de 12 colunas, dependendo da quantidade do conteúdo de cada casela. Tabelas que não se enquadram no nosso limite de espaço gráfico podem ser publicadas na versão eletrônica. Notas em tabelas devem ser indicadas por letras, em sobrescrito e negrito.

Se houver tabela extraída de outro trabalho, previamente publicado, os autores devem solicitar autorização para sua reprodução, por escrito.



### **Figuras**

As ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos, etc.) devem ser citadas como Figuras e numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto e apresentadas após as tabelas. Devem conter título e legenda apresentados na parte inferior da figura. Só serão admitidas para publicação figuras suficientemente claras e com qualidade digital que permitam sua impressão, preferentemente no formato vetorial. No formato JPEG, a resolução mínima deve ser de 300 dpi. Não se aceitam gráficos apresentados com as linhas de grade, e os elementos (barras, círculos) não podem apresentar volume (3-D). Figuras em cores são publicadas quando for necessária à clareza da informação. Se houver figura extraída de outro trabalho, previamente publicado, os autores devem solicitar autorização, por escrito, para sua reprodução.



### **Itens Exigidos**

1. Nome e instituição de afiliação de cada autor, incluindo e-mail e telefone.
2. Título do manuscrito, em português e inglês, com até 90 caracteres, incluindo os espaços entre as palavras.
3. Título resumido com 45 caracteres, para fins de legenda em todas as páginas impressas.
4. Texto apresentado em letras arial, corpo 12, em formato Word ou similar (doc,txt,rtf).
5. Resumos estruturados para trabalhos originais de pesquisa em dois idiomas, um deles obrigatoriamente em inglês.
6. Resumos narrativos para manuscritos que não são de pesquisa em dois idiomas, um deles obrigatoriamente em inglês.
7. Carta de Apresentação, constando a responsabilidade de autoria e conflito de interesses, assinada por todos os autores.
8. Nome da agência financiadora e número(s) do processo(s).
9. No caso de artigo baseado em tese/dissertação, indicar o nome da instituição/Programa, grau e o ano de defesa.
10. Referências normalizadas segundo estilo Vancouver, ordenadas alfabeticamente pelo primeiro autor e numeradas, e se todas estão citadas no texto.
11. Tabelas numeradas sequencialmente, com título e notas, e no máximo com 12 colunas.
12. Figura no formato vetorial ou em pdf, ou tif, ou jpeg ou bmp, com resolução mínima 300 dpi; em se tratando de gráficos, devem estar em tons de cinza, sem linhas de grade e sem volume.
13. Tabelas e figuras não devem exceder a cinco, no conjunto.



## ANEXO 5. Registo da Oficina no Sistema de Informação da Extensão

| 07/11/2015 19:53  |  |
|---|--|
|    | Sistema de Informação da Extensão  |
|    | PROEXT UFMG<br>Pó-Relatório de Extensão                                      |
| <b>EVENTO - OFICINA ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL NO SUS/IBH: GESTANTES E CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS</b>  |  |
| <b>Registo</b>  | 202128   |
| <b>Revisão</b>  | 06/11/2015   |
| <b>Status</b>   | Ativo  |
| <b>Título</b>   | OFICINA ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL NO SUS/IBH: GESTANTES E CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS |
| <b>Data de Início</b>   | 18/11/2015   |
| <b>Previsão de término</b>  | 18/11/2015   |
| <b>Data da última aprovação pelo Órgão Competente</b>   | 26/10/2015   |
| <b>Órgão Competente</b>   |  |
| <b>Congregação</b>  |  |
| <b>CARACTERIZAÇÃO</b>   |  |
| <b>Ano em que se iniciou a ação</b>   | 2015   |
| <b>Unidade</b>  | Faculdade de Odontologia   |
| <b>Departamento</b>   | Depto Odontologia Social e Preventiva  |
| <b>Caracterização</b>   |  |
| <b>Outros</b>   |  |
| <b>Programa vinculado</b>   | SEM VÍNCULO  |
| <b>Projeto vinculado</b>  | SEM VÍNCULO  |
| <b>Principal Área Temática de Extensão</b>  | Saúde  |
| <b>Área Temática de Extensão Afim</b>   | NÃO POSSUI   |
| <b>Linha de Extensão</b>  | Saúde Humana   |
| <b>Grande Área do Conhecimento</b>  | Ciências da Saúde  |
| <b>Palavras-chave</b>   | criança, saúde bucal, serviços de saúde                                      |
| <b>DESCRIÇÃO</b>  |  |
| <b>Apresentação e justificativa</b>   |  |
| Desde 2014 professores da Faculdade de Odontologia vem desenvolvendo uma Pesquisa com apoio da FAPEMIG (Edital PPSUS Redes) com alunos do Mestrado Profissional de Odontologia em Saúde Pública. A pesquisa está em fase final e os seus resultados serão devolvidos para a Secretaria Municipal de Saúde. Além disso, busca-se discutir estratégias de enfrentamento para os problemas observados. Assim justifica-se a realização de uma Oficina na qual os professores, alunos da FOUFG e profissionais gestores da Secretaria Municipal de Saúde tem a oportunidade de discutir os resultados encontrados e propor encaminhamentos para o enfrentamento dos problemas observados. |  |
| <b>Objetivos gerais</b>   |  |
| Apresentar à Secretaria Municipal de Belo Horizonte os resultados da pesquisa Atenção à saúde bucal de gestantes e crianças de 0 a 5 anos na rede pública de saúde.   |  |
| <b>Objetivos específicos</b>  |  |



07/11/2015 19:53

|   |                     |  |                          |
|---|---------------------|--|--------------------------|
|  Sistema de Informação da Extensão   |                     |  Pró-Reitoria de Extensão |                          |
| <b>EVENTO - OFICINA ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL NO SUS/BH: GESTANTES E CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS</b>   |                     |  |                          |
| Discutir estratégias de enfrentamento para os problemas observados  |                     |  |                          |
| <b>Metodologia</b>  |                     |  |                          |
| Oficina com 30 participantes ( gestores e trabalhadores do SUS/BH, alunos de graduação e pós-graduação do Mestrado profissional e acadêmico e professores da Faculdade de Odontologia).   |                     |  |                          |
| <b>Forma de avaliação da ação de Extensão</b>   |                     |  |                          |
| A oficina será avaliada por meio de um instrumento específico que avaliará os seguintes aspectos: organização, infraestrutura, metodologia, carga horária.  |                     |  |                          |
| <b>Site</b>   |                     |  |                          |
| -   |                     |  |                          |
| <b>Origem do público-alvo</b>   |                     |  |                          |
| Externo   |                     |  |                          |
| <b>Caracterização do público-alvo</b>   |                     |  |                          |
| Gestores (referências técnicas da SMS/PBH, cirurgiões -dentistas da SMS/PBH, coordenação de saúde bucal da SMS/PBH, alunos de graduação/bolsistas de IC, alunos de pós-graduação do Mestrado profissional e Acadêmico, professores da Faculdade de Odontologia da UFMG. |                     |  |                          |
| <b>Captação por edital de fomento</b>   |                     |  |                          |
| Sim   |                     |  |                          |
| <b>Arbitrado com política pública</b>   |                     |  |                          |
| Sim   |                     |  |                          |
| <b>ESTUDANTES MEMBROS DA EQUIPE</b>   |                     |  |                          |
| <b>Plano de atividades previstas</b>  |                     |  |                          |
| Contato prévio com os participantes<br>Convite aos participantes<br>Organização e planejamento da Oficina<br>Levantamento dos recursos necessários<br>Avaliação da Oficina  |                     |  |                          |
| <b>Plano de acompanhamento e orientação</b>   |                     |  |                          |
| A Oficina será desenvolvida na Faculdade de Odontologia e os professores acompanharão e orientarão todo o seu desenvolvimento.  |                     |  |                          |
| <b>Processo de avaliação</b>  |                     |  |                          |
| A oficina será avaliada por meio de um instrumento específico que avaliará os seguintes aspectos: organização, infraestrutura, metodologia, carga horária. Também os participantes irão se expressar em relação ao cumprimento das expectativas com a Oficina.          |                     |  |                          |
| <b>INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS</b>  |                     |  |                          |
| <b>Infra-estrutura física</b>   |                     |  |                          |
| Salas de aula da Faculdade de Odontologia é   |                     |  |                          |
| <b>Início da inscrição</b>  |                     |  |                          |
| -   |                     |  |                          |
| <b>Término</b>  |                     |  |                          |
| -   |                     |  |                          |
| <b>Local de inscrição</b>   |                     |  |                          |
| GENEXFOUFMG   |                     |  |                          |
| <b>Gratuito para o público</b>  |                     |  |                          |
| Sim   |                     |  |                          |
| <b>Público estimado</b>   |                     |  |                          |
| 30  |                     |  |                          |
| <b>INFORMAÇÕES ADICIONAIS</b>   |                     |  |                          |
| <b>Informações adicionais</b>   |                     |  |                          |
| -   |                     |  |                          |
| <b>REALIZAÇÕES</b>  |                     |  |                          |
| <b>Data Início</b>  | <b>Data Término</b> | <b>Início Inscrição</b>  | <b>Término Inscrição</b> |
| <b>EQUIPE</b>   |                     |  |                          |

07/11/2015 19:53

|  Sistema de Informação da Extensão |   |  PROEX UFMG<br>Pró-Reitoria de Extensão |  |                                      |   |                         |
|---|---|--|--|--------------------------------------|---|-------------------------|
| <b>EVENTO - OFICINA ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL NO SUS/EB: GESTANTES E CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS</b>                         |   |  |  |                                      |   |                         |
| Participação  | Nome  | Telefone   | E-mail   | Unidade                              | Departamento/<br>Curso/Setor                    | Período                 |
| Coordenador   | M A R A<br>VASCONCELOS                              |  | maravas@odonto.ufmg.br<br>maravas@odonto.ufmg.br | Faculdade de Odontologia             | Depto de Odontologia Social e Preventiva        | - a -                   |
| Co-coordenador  | R A Q U E L<br>CONCEIÇÃO<br>FERREIRA                |  | raqueicf@ufmg.br                                 | Faculdade de Odontologia             | Depto de Odontologia Social e Preventiva        | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | V I V I A N E<br>ELISANGELA<br>GOMES                |  | vivianegomes@ufmg.br                             | Faculdade de Odontologia             | Depto de Odontologia Social e Preventiva        | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | PATRICIA MARIA<br>PEREIRA DE<br>ARAÚJO ZARZAR       |  | pzarzar@odonto.ufmg.br                           | Faculdade de Odontologia             | Depto de Odontopediatria e Ortodontia           | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | LEONARDO DE<br>PAULA AMORIM                         |  | lecomorim@ufmg.br                                | -                                    | ODONTOLOGIA EM SAÚDE PÚBLICA/MP                 | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | GISELE TEIXEIRA<br>NASCIMENTO<br>CARNEIRO           |  | giselenascimento@odonto.grad.ufmg.br             | -                                    | ODONTOLOGIA                                     | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | ALEX MOREIRA<br>HERVAL                              |  | alexherval@ufmg.br                               | -                                    | ODONTOLOGIA EM SAÚDE PÚBLICA/MP                 | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | K E C Y A N N E<br>MALHEIROS<br>MACHADO             |  | kecymalheiros@ufmg.br                            | -                                    | ODONTOLOGIA                                     | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | ANNA RACHEL<br>DOS SANTOS<br>SOARES                 |  | annasoares@ufmg.br                               | -                                    | ODONTOLOGIA                                     | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | VIVIANE MOURÃO<br>SOUSA DINIZ                       |  | vivianemourao14@ufmg.br                          | -                                    | ODONTOLOGIA EM SAÚDE PÚBLICA/MP                 | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | ANTÔNIO PAULO<br>GOMES CHIARI                       |  | apchiari@ufmg.br                                 | -                                    | ODONTOLOGIA EM SAÚDE PÚBLICA/MP                 | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | JOÃO HENRIQUE<br>LARA DO AMARAL                     |  | jhamara@ufmg.br                                  | Faculdade de Odontologia             | Depto de Odontologia Social e Preventiva        | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | M A R I A I N E S<br>B A R R E I R O S<br>S E N N A |  | senna@odonto.ufmg.br                             | Faculdade de Odontologia             | Depto Clínica Patológica Cirúrgica Odontológica | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| Participante  | ANDREIA MARIA<br>A R A Ú J O<br>D R U M M O N D     |  | andreladrummond@ufmg.br                          | -                                    | ODONTOLOGIA/D                                   | 18/11/2015 a 18/11/2015 |
| <b>PARCERIAS</b>  |   |  |  |                                      |   |                         |
| GNPJ  | Nome  | Caracterização   |  |                                      | Tipo  |                         |
| <b>ABRANGÊNCIAS</b>   |   |  |  |                                      |   |                         |
| Nome  | Estado  | Munícipio  | CEP  | Detalhes                             |   |                         |
| Belo Horizonte  | Minas Gerais  | Belo Horizonte   |  |                                      |   |                         |
| Faculdade de Odontologia  | Minas Gerais  | Belo Horizonte   | 30.441-042                                       | Av. Antonio Carlos n. 6627, Pampulha |   |                         |
| Faculdade de Odontologia  | Minas Gerais  | Belo Horizonte   |  | Av. Antonio Carlos 6627 Pampulha     |   |                         |
| <b>RESULTADOS ESPECÍFICOS</b>   |   |  |  |                                      |   |                         |

07/11/2015 19:53

|   |                   |  |                      |
|---|-------------------|--|----------------------|
|  Sistema de Informação da Extensão |                   |  PROEX (UFMG)<br>Pró-Reitoria de Extensão |                      |
| <b>EVENTO - OFICINA ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL NO SUS/SH: GESTANTES E CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS</b>                         |                   |  |                      |
| <b>Número de inscritos</b>  |                   |  |                      |
| 0   |                   |  |                      |
| <b>Número de participantes</b>  |                   |  |                      |
| 0   |                   |  |                      |
| <b>RESULTADOS GERAIS</b>  |                   |  |                      |
| <b>Data</b>   | <b>Resultados</b> |  |                      |
| <b>PRODUÇÕES</b>  |                   |  |                      |
| <b>Tipo</b>   | <b>Título</b>     | <b>Data Publicação</b>   | <b>Identificação</b> |
|   |                   | 0  |                      |